

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

**“Proclamadores do Reino de Deus”:
Missão e as Testemunhas de Jeová**

Suzana Ramos Coutinho Bornholdt

Florianópolis, Abril de 2004.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

“Proclamadores do Reino de Deus”:

Missão e as Testemunhas de Jeová

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Suzana Ramos Coutinho Bornholdt

Orientadora: Profa. Dra. Maria Amélia Schmidt Dickie

Florianópolis, Abril de 2004.

Ao Luciano, com carinho.

Também aos missionários – de todas as denominações religiosas -, que um dia me ensinaram sobre o desprendimento.

Agradecimentos

Graças a Deus, não fiz este trabalho sozinha. Diversas pessoas me acompanharam nesta rica caminhada.

Alguns professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFSC auxiliaram meu trabalho.

Maria Amélia Schmidt Dickie, minha orientadora de longa data, contribuiu muito para a elaboração desta pesquisa. Acolheu minhas angústias, me incentivou a seguir em meio às dificuldades, orientou meu trabalho e se alegrou com minhas vitórias e superações. Tenho dívidas de gratidão com ela não somente por isso, mas pelas intermináveis "cartas de recomendação", pelas portas que abriu e pelos horizontes d'além mar que me ensinou e me estimulou a ver.

Sônia W. Maluf e Theophilos Rifiotis, professores do PPGAS/UFSC, enriqueceram meu trabalho com seus comentários e contribuições na avaliação do projeto desta pesquisa.

Agradeço ao Alberto Groisman, também professor do PPGAS/UFSC, que tem acompanhado minha pesquisa desde o período da graduação. Pelos ricos comentários e leituras cuidadosas que fez de alguns trabalhos que escrevi e que muito me ajudaram a refletir sobre esta temática de pesquisa. É também pelas intermináveis "cartas de recomendação".

Karla F. Knierim, Maria de Fátima P. Bastos e Carlos Fante, funcionários do Departamento de Antropologia da UFSC, agradeço pela solicitude no atendimento.

Na esfera pessoal, tenho dívidas de gratidão com minha família (Coutinho) e de meu esposo (Bornholdt). Meus pais, Neusa e Orlando, me incentivaram desde o início, ainda no período da seleção para o ingresso no mestrado. Me apoiaram com sabedoria, pizza, churrasco, Internet a cabo e papos animados, quando o cansaço era inevitável. Meus sogros, Neuza e Valdemar, à distância, acompanharam diferentes momentos dessa caminhada, torcendo e me confortando mesmo "via Embratel". Minhas irmãs e cunhados, perto e longe, me alegam sempre com sua amizade e torcida. Meus pequenos sobrinhos também - Davi, Luis Felipe e o futuro João - me trazem esperança... mesmo sem saber. Tio Elias, desde sempre, me incentivou a estudar. Nem que fosse para um dia conhecer aquela "Londres" imaginária que permeava seus pensamentos e minha fértil imaginação ainda quando criança.

Um agradecimento especial ao meu "guapo" Luciano Campelo Bornholdt, esposo amoroso e dedicado que revelou ser um homem de "muitas faces". Como antropólogo, enriqueceu minha pesquisa com suas leituras cuidadosas, com seu diálogo inteligente e com seu senso crítico. Como meu grande amigo, caminhou de mãos dadas ao meu lado, acolheu alegrias e angústias, sentindo todas elas comigo e por mim. Como homem, me convidou à vida: juntos, temos criado raízes firmes e horizontes largos, rumo à grande aventura das nossas vidas...

Agradeço a todos os membros do Salão do Reino das Testemunhas de Jeová da Lagoa da Conceição, que abriram as portas da congregação e me ofereceram uma ajuda acolhedora. Paulo e Rafaela Romero gastaram algumas horas do seu escasso tempo às minhas inúmeras perguntas. Sua alegria e disposição em ajudar me fizeram sentir muito bem no meio deles. Do mesmo modo, Antônio Fernando Pereira, presidente da comunidade já no final desta pesquisa, disponibilizou parte do seu tempo para uma conversa muito esclarecedora e agradável. Mas sem Albertina Volkmann e família, este trabalho estaria comprometido.

Albertina me levou a conhecer de forma mais cuidadosa as Testemunhas de Jeová. Sempre muito paciente e atenciosa, proporcionou-me papos muito animados, algumas caronas, horas de conversas mesmo durante seu trabalho secular e colocou-se inteiramente à minha disposição. Albertina me levou às reuniões e muito me ensinou, de forma apaixonante, sobre o grupo estudado.

Agradeço a CAPES, que nos últimos seis meses do meu curso de mestrado concedeu uma bolsa para que eu pudesse concluir este trabalho. Antes disso, parte de meu sustento veio duas instituições diferentes:

O **IBE** (Instituto Batista de Educação) foi um lugar que trabalhei durante o mestrado. Além do dinheiro, o IBE proporcionou diversos ganhos... a descoberta e a rica experiência da prática docente. Agradeço em especial a Esther Liebster e Pr. Roberto, que acreditaram no meu trabalho e muito me incentivaram. Agradeço também aos alunos, que alegraram minhas noites de segunda-feira com suas histórias e sua sede de conhecimento. Com humildade, me ensinaram muitas coisas- da vida e da Teologia.

O **CEFET/SJ** (Centro Federal Tecnológico de São José- SC) foi outra instituição que me acolheu durante a falta da bolsa. Lá descobri um universo diferente: a prática docente para o ensino médio! Alguns colegas me apoiaram nesta descoberta: Romoaldo Siggelkow, Antônio Galdino da Costa e Neusa Ramos Coutinho. Meus alunos, adolescentes ávidos por um conhecimento muito específico, típico da idade, me estimularam a desenvolver técnicas de "atração" para as aulas de sociologia. Acho que gostaram... e eu também.

Duas colegas acompanharam e participaram de etapas diferentes deste trabalho: Fátima Weiss de Jesus e Ângela Della Flora. Ambas foram interlocutoras instigantes e grandes incentivadoras.

Como disse no início, Graças a **Deus** não fiz este trabalho sozinha. Deus me deu paz de espírito e amor por este trabalho. Minha força e equilíbrio vem dEle. Minha família e meus amigos também são presentes dEle...

E que venha o doutorado!

Florianópolis, abril de 2004.

Resumo

A prática missionária das Testemunhas de Jeová é resultado de uma série de ações que a encaminham ao proselitismo. O principal modo de comunicação para o seu contato com o mundo, dado através do diálogo pessoal e da distribuição de suas publicações escritas, destaca o fato de não utilizarem a Internet enquanto espaço proselitista, em contraste com diversos outros grupos religiosos. A ação de divulgação da mensagem é energizada pela crença na iminência da vinda do Reino de Jeová. O “fim dos tempos”, indicado por uma série de catástrofes de ordem natural e social, gera no grupo um sentimento de urgência na pregação da palavra divina. Com a pregação da mensagem de Jeová identificamos o papel sistematizador da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, que através de um treinamento conduz as atividades de seus membros a uma disciplinarização de suas ações. Esta disciplinarização tem como fim último a diligência de seus membros ao proselitismo.

Sumário

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 – CONHECENDO O CAMPO E O OBJETO	17
1. As Testemunhas de Jeová e a Missão.....	17
1.1. A Comunicação das Testemunhas de Jeová.....	20
1.2. As Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus.....	22
2. Missão e Meios de Comunicação.....	24
2.1. Comunicações.....	24
2.2. Comunicação e Religião.....	27
2.3. O Cenário Atual.....	28
2.4. A Internet.....	31
2.5. Internet às Avessas.....	34
2.6. Missões e o uso da Internet.....	36
2.7. Contatos Iniciais.....	38
CAPÍTULO 2 – MILENARISMO E AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	43
1. O Dia de Jeová.....	44
1.1. Volta, Presença e a Grande Multidão.....	44
1.2. Indícios e Urgência.....	49
2. Pensando o Milenarismo.....	52
2.2. O Tempo das Testemunhas de Jeová.....	58
3. A Refeição Noturna do Senhor.....	62
3.1. O Evento.....	64
3.2. A Expectativa da Volta.....	71
3.3. A Expectativa Frustrada.....	72
CAPÍTULO 3 – O INDIVÍDUO TESTEMUNHA-DE-JEOVÁ	76
1. A Instituição e o Indivíduo.....	82

CAPÍTULO 4 – MISSÃO E AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ.....	91
1. Pensando a Missão.....	91
2. A Missão e o Treinamento.....	97
3. Dispositivos Disciplinares.....	100
3.1. A Dinâmica do Microfone.....	100
3.2. Os Estudantes da Bíblia.....	108
3.3. Iconografia testemunha-de-jeová.....	112
3.4. “Saídas a Campo”.....	115
3.5. Auto-atribuição Vitimizada.....	119
3.6. Razão e Raciocínio.....	121
4. Missão testemunha-de-jeová.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	142

Introdução

Introdução

As Testemunhas de Jeová são um grupo religioso que, em um contexto de acelerado avanço tecnológico e comunicacional, permanecem quase “invisíveis” no que diz respeito ao espaço midiático. Não possuem atualmente programas em rádios nem em televisão, não se associam com outros grupos religiosos (tornando a prática ecumênica inviável), e apenas em raros momentos são vistos dando entrevistas ou utilizando algum meio de comunicação para expor sua fé. Por outro lado, utilizam massivamente o meio escrito, com suas publicações *A Sentinela* e *Desperta!*, com tiragem quinzenal de 22 milhões de revistas, e são facilmente reconhecidos quando batem às nossas portas, ainda que identificados no senso comum como participantes de uma “seita”, para nos trazer uma mensagem. Mas afinal, que grupo é este que apesar de não estar na mídia, cresce em média cerca de 7% ao ano? Que grupo é este que conta atualmente no Brasil com mais de 600.000 adeptos e ainda assim investe mais de 107 milhões de horas por ano no trabalho proselitista?

A especificidade desta pesquisa está calcada na busca de entendimento da prática missionária das Testemunhas de Jeová, considerando que o processo comunicativo do grupo é elaborado sob padrões diferenciados daqueles da comunicação no mundo atual. Enquanto diversas pesquisas vêm revelando que diferentes grupos religiosos têm utilizado progressivamente diversos meios de comunicação para o proselitismo (e aqui subentende-se a utilização do rádio e da televisão, mas principalmente da Internet), as Testemunhas de Jeová por sua vez rejeitam o uso desses meios, concentrando seus esforços no testemunho formal através de conversas pessoais.

O interesse sobre esta temática é resultado de um trabalho já iniciado em 2000, quando elaborei meu trabalho de conclusão de curso para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais. Tal pesquisa versou sobre um canal de bate papo evangélico na Internet, as possíveis disputas e conflitos que giravam em torno do

poder e a forma como reproduziam determinados espaços eclesiais na Internet. Apesar do recorte metodológico de tal pesquisa estar voltado às relações de poder ali estabelecidas, percebi um forte movimento do grupo no sentido de encaminhar suas ações não somente visando a sociabilidade mas também, em grande medida, ao proselitismo. Esta maneira de utilização da Internet enquanto espaço viável para um claro projeto de “expansão do Reino de Deus” me estimulou a, já no mestrado, pesquisar como as religiões estavam elaborando seu proselitismo na Internet.

O projeto inicial que deu origem a este trabalho propunha um estudo comparativo sobre a utilização da Internet enquanto espaço missionário por dois grupos: a Igreja Presbiteriana do Brasil e as Testemunhas de Jeová. Meu principal argumento considerava que o fundador das Testemunhas de Jeová, Charles T. Russel, era de origem presbiteriana. Acreditava que, tendo em comum um mesmo corpo inicial de doutrinas, seria possível comparar as maneiras em que ambos os grupos elaboravam seus discursos para a utilização da Internet enquanto espaço missionário. Acatei, porém, as sugestões da banca que, ao avaliar este projeto, apontou que minha proposta de trabalho se esvaziava na medida em que meu argumento não era suficientemente sólido para estabelecer um estudo comparativo entre ambos os grupos. Além disso, o tempo era escasso e o projeto, muito amplo. Como meu interesse estava voltado à prática missionária, acabei optando por pesquisar as Testemunhas de Jeová. Este grupo, muito mais que os presbiterianos, são identificados por uma prática proselitista clara e muito conhecida. São publicamente notados por seu trabalho constante de visitação de casa em casa, por suas revistas e por suas doutrinas, por vezes, polêmicas.

Dei início, confiante, ao meu projeto. Cria que, assim como outros grupos religiosos, as Testemunhas de Jeová estariam na Internet, socializando, informando e, acima de tudo, pregando. Porém, ao dar início ao meu trabalho de campo na Internet, surpreendi-me com o que vi. Deparei-me com inúmeras matérias e artigos (produzidos por diferentes grupos religiosos e outros grupos sociais) que tratavam a respeito das Testemunhas de Jeová criticamente. Se não pelo aspecto religioso (suas doutrinas, contradições, etc.), pelo aspecto social (a polêmica proibição da transfusão de sangue, etc.). As Testemunhas de Jeová, por sua vez, atuavam de forma discreta e inexpressiva neste meio virtual, disponibilizando na rede apenas

uma página oficial com elementos informativos a respeito do grupo, como revistas, brochuras, alguns dados sobre as Testemunhas de Jeová ao redor do mundo, etc.

O que, num primeiro momento causou angústias – afinal, se as Testemunhas de Jeová não estavam na Internet como eu imaginara, pregando, o que então eu iria pesquisar? – acabou por ser o principal objetivo deste trabalho. A não utilização da Internet como espaço de proselitismo, passou a me revelar muitos aspectos do projeto missionário do grupo em questão. Como esta era a realidade que tinha diante de mim – o que chamarei adiante de um “quase-uso” da Internet -, iniciei meu trabalho de campo em março de 2003 junto à congregação das Testemunhas de Jeová na Lagoa da Conceição em Florianópolis, Santa Catarina.

A Congregação da Lagoa (como se auto-denominam) está situada na Lagoa da Conceição, bairro que tem atraído já há muitos anos moradores de outros estados brasileiros e com uma agitada vida noturna, incluindo bares, boates, lanchonetes e restaurantes dedicados especialmente ao público jovem. Uma característica particular deste bairro está fundamentada na coexistência de moradores tradicionais (famílias de pescadores descendentes de açorianos, que atualmente são minoria) e grupos que tem um estilo de vida dito “alternativo”, formando um conjunto muito diversificado (incluindo centros de Nova Era, grupos de artesãos e artistas, profissionais liberais, etc.). No verão, especialmente, o número de pessoas que circulam pela região aumenta consideravelmente, comprometendo a facilidade de circulação de carros e pessoas. A Congregação ajusta-se a este agito alterando, nos meses de dezembro a fevereiro, os encontros realizados nos sábados à noite para os domingos de manhã. Vale considerar que a Lagoa da Conceição é espaço desafiador para as Testemunhas de Jeová considerando o estilo de vida predominante no lugar, destacando ainda mais as diferenças entre estes dois “mundos”. As diferenças do grupo com a comunidade local não são apenas geográficas, explicitadas a seguir, mas pode-se dizer que são também culturais. Estabelecer uma nova Congregação neste bairro específico revela uma postura de enfrentamento com realidades muito distintas e a busca pela ampliação e relativo domínio de diferentes espaços.

As atividades são realizadas no Salão do Reino, como chamam, situado em uma rua residencial próxima à Avenida das Rendeiras, avenida que costeia toda a

Lagoa e que é via de acesso e circulação necessária de carros, comércio e pessoas. O Salão fica no primeiro nível de uma casa de dois andares. No andar de cima moram algumas famílias, entre elas a proprietária que aluga o imóvel, também Testemunha de Jeová. O ambiente é relativamente pequeno (comparado a outros Salões do Reino em Florianópolis), tendo capacidade para abrigar durante suas reuniões cerca de 80 pessoas.

Assim como todas as Congregações espalhadas pelo mundo, a Congregação da Lagoa tem sob sua responsabilidade um “distrito” ou “território”. A cidade de Florianópolis está dividida em distritos, ou seja, territórios espaciais divididos geograficamente que estão sob responsabilidade da Congregação mais próxima. Isto significa dizer que a Congregação da Lagoa tem sob sua responsabilidade um território específico na região da Lagoa da Conceição, e cabe a ela “cobri-la”, ou seja, visitar **todas** as casas que estão neste território para realizar seu trabalho de proselitismo. A esta função eles atribuem o nome de serviço ou “trabalho de campo”. A expressão *todas as casas* registrada em negrito na frase anterior tem um significado importante no caso da Congregação da Lagoa. Além da diversidade de territórios culturais de que falei acima, a região que compõe o distrito de responsabilidade da Congregação da Lagoa é cercada por morros, e diversas casas que estão espalhadas pela região estão situadas em locais de difícil acesso. Em muitos casos, o único meio de aproximação se dá apenas com barcos ou através de longas trilhas ecológicas mato e morro adentro. Este quadro não é impeditivo para o trabalho de visitação realizado pelo grupo.

Durante os três meses em que acompanhei as atividades do grupo (de março a junho), tive ricas oportunidades de conversar, escutar, dialogar e conhecer parte do universo religioso das Testemunhas de Jeová, expresso em muitos aspectos através do trabalho proselitista, vivenciado por mim muito proximamente. Logo no início da pesquisa, fui por eles indagada a respeito das questões que permeavam este trabalho. Ao explicar-lhes, consideraram positivo que outras pessoas estivessem “divulgando” o trabalho das Testemunhas de Jeová em diferentes meios aos quais eles não tem acesso. Em diferentes diálogos pessoas convidaram-me a estudar a Bíblia com eles. Em outros momentos, argumentavam que “muitas situações nos

levam a Jeová”, como por exemplo um problema de saúde, uma dificuldade, uma tristeza – e às vezes, uma pesquisa de mestrado.

Mas o fato é que com esta pesquisa aprendi e cresci. O aprendizado veio da necessidade de administrar e ter que lidar com tantas informações. A disponibilidade do grupo que me acolheu tomou forma através de ricos diálogos pessoais, folhetos, revistas, livros, fitas de vídeo, CD-ROM, entre outros, que necessariamente precisou ser sintetizado para que este trabalho tomasse forma. O crescimento veio, ironicamente, da diferença e da semelhança, ao mesmo tempo. Cresci por escolher conviver com o “diferente” de mim. Essa diferença não seria tão gritante se não fosse o fato de, durante as reuniões, as pessoas sentadas próximas a mim notarem, surpresas, minha habilidade no manuseio da Bíblia. E então veio uma inevitável (e para mim, temida) pergunta: “De que religião você é?”. Minha “ética protestante” e antropológica não me permitiram mentir. O som tímido “Da Igreja Presbiteriana...” saiu da minha boca em tom confesso e impactou minha experiência muito mais do que eu havia imaginado. Eu estava vivendo, de fato, a diferença. E com ela, aprendi o verdadeiro significado “antropológico” do respeito. Mas o crescimento veio também da semelhança. O cenário, o contexto das reuniões e as expressões soavam muito familiares para mim. Mas cresci porque aprendi a ressignificar, para aquele contexto específico, novos nomes, novas regras, novos significados. E foi através desta rica experiência de campo que pude captar elementos que revelam, em muitos aspectos, a prática missionária testemunha-de-jeová. Para tanto, escolhi três elementos: a temática das novas tecnologias e o seu “quase-uso”, a perspectiva milenarista e o papel do indivíduo dentro da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Vale ressaltar que ao longo deste trabalho, referi-me diversas vezes à Sociedade como Instituição ou Organização e também como Sociedade¹.

O primeiro capítulo dediquei à apresentação das Testemunhas de Jeová, fornecendo ao leitor uma série de informações de maneira a contextualizá-lo e a familiarizá-lo na história e na estrutura do grupo estudado. Busquei também clarificar alguns aspectos acerca da utilização dos meios de comunicação por alguns

¹ Já no final desta pesquisa fui informada que por questões jurídicas, o nome Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados passou a se chamar de Associação Torre de Vigia. Como recebi esta informação dias antes da entrega deste trabalho, registro aqui apenas a título de informação atualizada.

grupos religiosos que visam o proselitismo, assim como tratar de questões conceituais acerca da comunicação. Abordar esta temática trouxe luz ao aspecto do trabalho proselitista, na medida em que desperta a atenção para as maneiras como as Testemunhas de Jeová se comunicam com o mundo.

No segundo capítulo tratei da perspectiva milenarista. Busquei, através de dados etnográficos e de uma breve revisão bibliográfica, chamar a atenção do leitor à temática da vinda do Reino de Jeová. A iminência da instauração do seu Reino é o que acaba por gerar no grupo um sentimento de urgência na pregação da palavra divina, reconfigurando a consciência e a percepção do tempo. É esta expectativa que gera no grupo uma forte necessidade de reafirmar seus valores e suas crenças, na medida em que crêem estar vivendo nos “últimos dias”.

Já no terceiro capítulo, tratei do papel do indivíduo com relação à Instituição, e a forma como esta acaba por se tornar centralizadora e detentora dos discursos e narrativas, bem como das experiências e vivências individuais. A Internet, neste cenário, torna-se elemento didático explicativo, na medida em que revela como a Instituição concentra e reivindica para si diferentes domínios e espaços.

O quarto capítulo tem como objetivo resgatar os três elementos tratados nos três capítulos anteriores para mostrar que, na totalidade destes aspectos, a missão testemunha-de-jeová configura-se de uma forma particular e diferenciada da missão cristã tradicional. Vale ressaltar, entretanto, que os três elementos abordados (novas tecnologias, milenarismo e individualismo) são diferentes e não são igualmente considerados em termos metodológicos. A temática das novas tecnologias, por exemplo, serviu como um recurso metodológico de acesso ao estilo de missão testemunha-de-jeová. Já a temática do milenarismo teve um papel diferente, servindo para compreender a configuração da cosmovisão do grupo e o sentimento de urgência que os impulsiona à prática proselitista. A noção de indivíduo, por sua vez, serviu para vislumbrar as relações das Testemunhas de Jeová como indivíduos dentro de uma Instituição detentora e criadora de valores e regras de conduta. Detentora e criadora, também, de um estilo missionário testemunha-de-jeová.

Capítulo 1

Conhecendo o Campo e o Objeto

1. As Testemunhas de Jeová e a Missão

As Testemunhas de Jeová - sociedade religiosa de caráter milenarista que mais agrega adeptos no mundo contemporâneo - surgiu em 1872 na Pensilvânia (EUA) sob o nome de União Internacional dos Inquiridores da Bíblia. Seu fundador foi Charles Taze Russel (1853-1916), um presbiteriano convertido ao adventismo que passou a reinterpretar os textos bíblicos. Baseado nos livros de Daniel e Apocalipse, Russel fixou o fim do mundo para o ano de 1874 e/ou quando o movimento atingisse 144 mil adeptos. Após sua morte, Russel foi substituído por Joseph Franklin Rutherford (1896-1942), que rebatizou oficialmente a religião como hoje a conhecemos, Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, popularmente identificados como Testemunhas de Jeová. Russel reinterpreto a idéia dos 144 mil eleitos à Doutrina da Grande Multidão, onde estes 144 mil são escolhidos para reinar com Cristo no céu e as demais Testemunhas viverão na Terra sob o domínio de Cristo, como seus súditos.

Uma das características mais marcantes das Testemunhas de Jeová é a importância dada à divulgação, transformando suas publicações e comunicação de textos em aspectos de grande prioridade. Dirigidas por uma sociedade anônima – a *Watchtower Bible and Tract Society of New York Inc.* –, as Testemunhas de Jeová possuem como resultado marcante desta estrutura duas revistas, *A Sentinela* e *Despertai!*, publicadas quinzenalmente em 126 idiomas e com uma tiragem média de 22 milhões de exemplares por mês. Outra característica relevante na atuação deste grupo reside no fato de possuírem uma estrutura altamente centralizada e hierarquizada, “refletindo o controle centralizado de suas atividades e do pensamento de seus membros” (Faillace, 1990:106).

O milenarismo das Testemunhas de Jeová parte de uma perspectiva na qual “os verdadeiros crentes viverão felizes e em harmonia numa terra transformada e governada pela justiça divina” (Ibid., p.106). A relação entre Deus e os homens se baseia nas profecias bíblicas que retratam o fim do mal e o estabelecimento do Reino de Deus na Terra. Para este grupo, a salvação se dá pela observância dos preceitos bíblicos, principalmente a lei divina revelada por Jesus – “Amar a Deus com todo o coração, toda a alma, toda a mente e todas as forças” e “Amar ao próximo com a si mesmo” (Ibid., p.107). De acordo com Faillace, cada fiel também é um pregador que dedica parte do seu tempo ao proselitismo nas ruas ou de porta em porta. A pregação visa não apenas a divulgação do final dos tempos e das boas novas, mas a conquista de novos adeptos. É nesta prática proselitista de busca de novos adeptos que estamos interessados.

É uma construção das Testemunhas de Jeová a importância do desenvolvimento dos diferentes sistemas de comunicação para sua tarefa proselitista. No período de maior desenvolvimento da Revolução Industrial, embora os benefícios trazidos por este desenvolvimento fossem utilizados para promover objetivos comerciais e políticos, também estavam disponíveis para o campo religioso. Este cenário, segundo as Testemunhas de Jeová, foi propício para o desenvolvimento de uma iniciativa que teria repercussões internacionais. A primeira iniciativa ocorreu no final do século IX, quando a comunicação telegráfica passou a revolucionar a comunicação mundial. Russel, o fundador do grupo, passou a utilizar os jornais, que eram segundo ele “o grande fator de influência na vida diária do mundo civilizado” (Proclamadores, p. 85). No ano de 1913, calculou-se que através de 2000 jornais, os sermões de Russel alcançavam quinze milhões de leitores. A mensagem era enviada através de telégrafos a uma agência noticiosa, que por sua vez telegrafava aos jornais nos Estados Unidos, Canadá e Europa.

A segunda empreitada do grupo ocorreu em 1912, quando iniciaram um grande empreendimento, o fotodrama da Criação. Este fotodrama da Criação era uma combinação de filme fotográfico e slides, sincronizada com gravações musicais e diversos discursos gravados em fonógrafos. Segundo informações do grupo, até o final de 1914 o fotodrama foi apresentado a milhões de pessoas na América do Norte, Europa, Nova Zelândia e Austrália.

A terceira grande estratégia proselitista utilizada pelas Testemunhas de Jeová ocorreu assim que a radiodifusão comercial foi iniciada. Em questão de dois anos, no ano de 1922, o “irmão” Rutherford (sucessor de Russel, que morre em 1916) proferiu seu primeiro discurso pelo rádio, na Califórnia. Dois anos mais tarde, em fevereiro de 1924, a emissora *WBBR*, de propriedade da Torre de Vigia, em Nova Iorque, começou a operar. Com o tempo, “a sociedade organizou cadeias mundiais para transmitir por rádio programas e discursos bíblicos. Em 1933, havia 408 emissoras que transmitiam a mensagem do Reino em seis continentes!” (Proclamadores, p. 80).

Em 1933, as Testemunhas de Jeová começaram a empregar outro método inovador de pregação. Um fonógrafo portátil, com amplificador e alto-falante, era utilizado para fazer ouvir os discursos de rádio do “irmão” Rutherford. Eram usados também carros e barcos de som para fazer “soar a mensagem do Reino”. O uso dos fonógrafos levou ainda a outra inovação – a pregação de casa em casa com fonógrafos leves. “Em 1934, a Sociedade passa a produzi-los, assim como uma série de discos de 78 rpm que continham discursos bíblicos de 4 minutos e meio. Com o tempo, foram usadas gravações em disco que abrangiam 92 assuntos diferentes” (Ibid., p. 87). Ao todo, a Sociedade produziu mais de 47 mil fonógrafos. Entretanto, deu-se mais ênfase às apresentações orais da mensagem do Reino, de modo que o serviço com os fonógrafos foi, aos poucos, eliminado.

Ao lado desta postura estratégica, a postura de incentivo já assumida em 1927 de gastar uma parte de todos os domingos no testemunho em grupo, indo de casa em casa, passou a ser constantemente reafirmada. Segundo eles, “a pregação de casa em casa tem base sólida nas Escrituras e instavam uma participação zelosa e de toda a alma nesta importante atividade” (Ibid., p.110), remetendo à passagem bíblica² de Atos 20:20: “ao passo que não me refreei de vos falar coisa alguma que fosse proveitosa, nem de vos ensinar publicamente e de casa em casa”.

² Salvo outra indicação, as passagens bíblicas aqui referidas são citações da *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, Bíblia elaborada e utilizada pelas Testemunhas de Jeová.

1.1. A Comunicação das Testemunhas de Jeová

Se historicamente as Testemunhas de Jeová utilizaram os mais diversos e avançados meios de comunicação no trabalho proselitista, atualmente caminham em um sentido diferenciado do quadro histórico apresentado. Esta diferença reside na priorização da comunicação face a face. Apesar de não ser uma prática nova, considerando que desde 1927 os membros do grupo eram incentivados a gastar uma parte de todos os domingos no testemunho em grupo e indo de casa em casa, atualmente essa prática de comunicação das Testemunhas de Jeová é fortemente aliada à produção escrita. Se antigamente a Sociedade Torre de Vigia utilizou fonógrafos, rádios, entre outros veículos de comunicação, hoje há um esforço no sentido de concentrar suas ações no texto escrito e no contato pessoal.

Suas duas mais importantes produções escritas, as revistas semanais *A Sentinela* e *Despertai!*, são resultados deste esforço. Segundo eles, *A Sentinela* tem como objetivo observar os eventos mundiais à medida que se cumprem profecias bíblicas, e exaltar a Jeová como Soberano do Universo. A revista *Despertai!*, por sua vez, mostra como lidar com os problemas da atualidade usando a Bíblia. Segundo eles, a revista busca apontar o verdadeiro significado por detrás dos eventos correntes, todavia mantém-se politicamente neutra e não enaltece uma raça acima da outra. *Despertai!* “edifica confiança na promessa do criador de estabelecer uma terra paradisíaca” (A Organização que leva o Nome, 1990).

Esta diferença de foco pode ser notada no fato de as Testemunhas de Jeová não utilizarem este novo espaço virtual possibilitado pela Internet. Possuem uma página na Web, porém orientam os membros do grupo no sentido do máximo de evitação possível, considerando ser um ambiente perigoso para sua moralidade e fé. Em uma de suas publicações, alertam:

É necessária extrema cautela no uso da Internet (...). É preciso saber que muitos sites na Internet foram criados por pessoas de intenções imorais ou desonestas. E muitos sites que talvez não sejam imorais ou

desonestos, como os grupos de bate-papo, são pura perda de tempo. Fique longe de tudo isso! (Despertai, 22/01/2000, p. 21).

A comunicação das Testemunhas de Jeová atualmente se dá através da leitura e da fala. A leitura, através de um vastíssimo material de excelente qualidade gráfica, e a fala, através de suas visitas de casa em casa, denominado por eles de “trabalho de campo”.

De forma sintética e retomando algumas informações já apresentadas, uma perspectiva histórica nos oferece o seguinte quadro: a partir de 1879, Charles Taze Russel (o fundador) iniciou a publicação da revista *Watchtower*, contendo discursos elaborados por ele mesmo. A ampliação destes discursos efetuou-se através da publicação dos mesmos em jornais, alcançando um elevado número de pessoas. Em seguida, surgiram os fotodramas da Criação, que sincronizavam gravações musicais e diversos discursos gravados em fonógrafos. A Sociedade ampliou sua prática missionária, então, para os rádios, alcançando seis continentes com as mais de 400 estações de rádio espalhadas por todo o mundo. Concomitante a este processo, em 1942, surgiu o “Curso Adiantado do Ministério Teocrático”, uma escola com currículo de pesquisas bíblicas e oratória, que tinha como objetivo treinar missionários para servirem em países onde houvesse grande necessidade de “Proclamadores do Reino”³. Também foram treinados “irmãos qualificados” da sede de Brooklyn, nos Estados Unidos, para visitar as filiais em todo o mundo. Posteriormente, passaram a utilizar o fonógrafo, e à medida que foi-se dando maior ênfase às apresentações orais da mensagem do Reino, o fonógrafo foi aos poucos eliminado. As apresentações orais eram sempre realizadas tendo como base de exposição duas publicações centrais entre as Testemunhas de Jeová: a **Bíblia** e a revista *A Sentinela*. A Instituição e seu “Corpo Governante” (os líderes) passaram então a tomar medidas para fortalecer a convicção entre as Testemunhas de Jeová da necessidade de continuar zelosamente a proclamar o Reino de casa em casa, através dos mais diversos artigos publicados. Desta forma, a partir da década de

³ Segundo o grupo, o período pós guerra foi considerado o período de expansão global e de educação bíblica, marcado através do surgimento de escolas teocráticas em diversos países.

1980, as Testemunhas de Jeová lançaram diversos folhetins, livros, estudos bíblicos, anuários, fitas de vídeo, destinados aos membros do grupo, aos recém-interessados, aos jovens, às pessoas mais humildes e com pouca leitura, entre outros.

Uma breve análise revela, entre outras coisas, que as Testemunhas de Jeová têm como prioridade de comunicação não somente a produção escrita, mas a produção escrita aliada a uma interação face a face. Ao perguntar-lhes o motivo da mudança de enfoque no processo proselitista, explicaram-me que houve uma grande revisão dentro da Instituição no que diz respeito ao método de divulgação da mensagem. Chegaram à conclusão, deste modo, da maior eficiência em realizar um contato direto com as pessoas que desejam alcançar. Argumentaram também que, como seguidores de Jesus Cristo e de seus passos, buscam fazer exatamente o que Ele fez. Esta decisão implica, entre outras coisas, visitar as pessoas de casa em casa e demonstrar o amor ao próximo.

1.2. Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus

Realizar uma etnografia extensa e abrangente das práticas das Testemunhas de Jeová não é propósito deste trabalho, considerando que outros autores já se ocuparam desta tarefa⁴. A intenção é, através de dados etnográficos, buscar entender a razão que leva o grupo a utilizar determinados elementos no processo proselitista em detrimento de outros, e desta forma compreender o que de fato venha a ser missão para as Testemunhas de Jeová.

Antes, porém, de prosseguir, vale mostrar ao leitor a noção de missão que estou empregando aqui, a partir do discurso das próprias Testemunhas de Jeová, e que é a noção genérica de proselitismo para a salvação⁵. Busco demonstrar as categorias utilizadas pelo grupo na forma de classificação dos membros na prática missionária. Parto da reflexão sobre a “auto definição”, isto é, da valorização das

⁴ Vide Montenegro (1996) e Santos (1977).

⁵ Retornarei a esta temática no capítulo 4.

categorias nativas e da forma como os membros se pensam como pertencentes a um determinado grupo específico.

As Testemunhas de Jeová classificam como missionário a pessoa que dedica tempo integral à obra, viajando para realizar o “trabalho de campo” em outros países e que realizou seu treinamento na escola de Gileade, nos Estados Unidos. Existem também os pioneiros especiais, que dedicam exclusividade à obra missionária, porém fizeram o treinamento no Brasil e trabalham somente em território nacional. Já os pioneiros regulares não dedicam exclusividade à obra proselitista, mas possuem disponibilidade em suas atividades cotidianas (por exemplo, pessoas que não trabalham ou que trabalham apenas meio período), assumindo um compromisso de dedicar 70 horas de trabalho proselitista por mês na congregação que atua. Além destes, existem os pioneiros auxiliares, que são aqueles que também não dedicam exclusividade à obra missionária e que possuem maior disponibilidade de tempo em algum mês do ano (as férias, por exemplo), investindo 50 horas por mês no trabalho proselitista. E por último existem os publicadores, pessoas que possuem uma vida de trabalho secular e “vão à campo” de acordo com a disponibilidade de tempo (geralmente nos fins de semana).

Além das categorias que estão diretamente relacionadas ao trabalho de proselitismo, existe também uma classificação quanto à membresia, que é classificada em diferentes categorias e de acordo com funções específicas na congregação. Existe o estudante, pessoa interessada (ainda não Testemunha de Jeová pois não foi batizada) que é doutrinada por Testemunhas de Jeová (já batizadas), e que estuda a Bíblia com a ajuda dos publicadores. Os publicadores, categoria já explicitada, são pessoas que possuem uma vida cotidiana de trabalho, família, casa, e que dedicam tempo para a pregação de acordo com a disponibilidade. Os servos ministeriais (neste caso, apenas homens) auxiliam o trabalho dos anciãos, dedicam-se à elaboração de discursos e à condução das reuniões na ausência dos anciãos, ao funcionamento da biblioteca e distribuição/organização do material de divulgação. E por último, os anciãos. Estes ocupam a posição mais alta da estratificação local. O número de anciãos varia de acordo com o tamanho da congregação (na congregação da Lagoa, atuavam no momento desta pesquisa 3 anciãos e 1 servo ministerial). Estes se encarregam da

supervisão geral, da disciplina dos membros e da comunicação com os níveis superiores da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados.

2. Missão e Meios de Comunicação

2.1. Comunicações

O primeiro aspecto a ser considerado quando trata-se do tema “comunicação” é reconhecer a existência de velhas e novas comunicações. Pela velha comunicação entende-se a transmissão intencional de mensagens entre um emissor e um receptor, ou parafraseando Yves Winkin (1998), é como se se tratasse de um sistema telegráfico ou de um jogo de pingue-pongue. A nova comunicação, por sua vez, quebra com diversas percepções do senso comum, e é novamente Winkin (Ibid.) que propõe um olhar para a discussão. Esta nova comunicação sugere que a ação deve ser concebida não mais como um ato individual, mas, sim, como uma instituição social. “O ator social participa dela não só com suas palavras, mas também com seus gestos, seus olhares, seus silêncios... A comunicação torna-se assim a *performance* permanente da cultura” (Ibid., p.14). Não se trata, na verdade, de opor comunicação verbal à não verbal, mas de considerá-la como um todo integrado. Não se trata também de isolar componentes do sistema de comunicação e falar de “linguagens do corpo”, “linguagens do gesto”, etc.

Assim como os enunciados da linguagem verbal, as ‘mensagens’ oriundas de outros modos de comunicação não têm significação intrínseca: só no contexto do conjunto dos modos de comunicação, ele próprio

relacionado com o contexto da interação, a significação pode ganhar forma (Ibid., p. 32).

Os meios de comunicação, desta forma, têm uma dimensão simbólica irreduzível (Thompson, 1998): “eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são *significativos* para os indivíduos que produzem e os recebem” (Ibid., p.19). Thompson reconhece a importância dos aspectos técnicos dos meios de comunicação, mas argumenta que estes não deveriam obscurecer o fato de que o desenvolvimento dos meios de comunicação é uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, “uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si” (p. 19).

Se pensarmos que a atividade simbólica é uma característica da vida social e se considerarmos que diversas instituições assumem um papel de acumulação dos meios de informação e comunicação, podemos incluir nestas instituições, então, as instituições religiosas. Estas, sim, se dedicam essencialmente à produção e difusão de formas simbólicas associadas à salvação, aos valores espirituais e outras crenças.

Considerando que nos últimos 50 anos as tecnologias da informação passaram por um processo acelerado de constantes modificações que têm alterado inclusive o processo da comunicação de massa e que a origem destas transformações está na chamada “revolução digital”, foi esse avanço que deu origem a um processo de “convergência tecnológica” (Lima, 2001) que está dissolvendo as fronteiras entre as telecomunicações, a comunicação de massa e a informática (telefone, televisão, Internet, computador). As atuais mudanças das chamadas tecnologias da informação são, segundo Dizard (2000), a terceira grande transformação nas tecnologias da mídia de massa nos tempos modernos. A primeira aconteceu no séc. XIX, com a introdução de impressoras a vapor e do papel de jornal barato. A segunda transformação ocorreu com a introdução da transmissão por ondas eletromagnéticas – o rádio em 1920 e a televisão em 1939. E a terceira transformação, que segundo o autor estamos presenciando atualmente, envolve

“uma transição para a produção, armazenagem e distribuição de informação e entretenimento estruturadas em computadores” (Ibid., p. 54).

Segundo Dizard (Ibid.), as mudanças no campo da mídia estão acontecendo em três níveis: técnico, político e econômico.

Tecnicamente, todas as mídias estão se adaptando às novas perspectivas abertas pela digitalização dos seus produtos tradicionais. Politicamente, novas leis e regulamentações ao nível federal, estadual e local estão reduzindo as barreiras que limitavam as organizações de mídia no aproveitamento completo das novas tecnologias. Economicamente, duas tendências dominam o cenário. Em um nível, há em andamento uma consolidação do poder dentro dos grandes conglomerados de mídia. Em oposição a isso está o aparecimento de novas empresas de pequeno porte que estão desafiando esses conglomerados, tanto no campo da produção inovadora quanto na agilidade desses novos atores (Ibid., p.14).

Estas alterações, sem dúvida, compõem o cenário do processo de comunicação no mundo atual.

O conceito de cultura de massa, enquanto uma produção institucionalizada e difusão generalizada de bens simbólicos (Thompson, Ibid.), pode ser útil para pensar comunicação no mundo atual. Rodrigues (1998) apresenta a idéia, partilhada com diferentes autores, de que os meios de comunicação, ao padronizarem informações destinadas a um público indiferenciado, imporiam ideologias e culturas hegemônicas sobre o conjunto da humanidade e chegaria um momento em que as diferenças e desigualdades sociais, culturais e mesmo individuais seriam como que aplainadas. Porém, esta perspectiva extensionista dos meios de comunicação revela, conforme Rodrigues, alguns problemas teóricos importantes, entre eles, o esquecimento de que a sociedade de massa é também uma sociedade individualista. Por outro lado, em uma sociedade que tem o individualismo como um padrão cultural, favorecer a individualização é o mesmo que favorecer a massificação

(homogeneização). Dito de outra forma: “ser indivíduo em uma sociedade individualista é o caminho mais curto para ser homogêneo, quer dizer, idêntico a todos” (Ibid., 1998).

2.2. Comunicação e Religião

Interessa-nos estabelecer uma relação entre o processo de comunicação de massa e a Religião no mundo atual. Em um cenário de constantes e velozes transformações e diante de uma sociedade de massas, grupos religiosos se vêem obrigados a repensar seus princípios e modelos de atuação e para isso, passam a fazer uso dos meios de comunicação de massa. A expansão industrial da década de 1960-1970 consolidou definitivamente esse processo, criando mercados consumidores de bens industriais e “bens culturais” (Montero, 1986), onde os meios de comunicação passaram a assumir a produção de visões de mundo que orientam a sociedade. Ambas as instituições, Igreja e Indústria Cultural, são produtoras de valores mais ou menos hegemônicos, mas se organizam segundo lógicas totalmente distintas. Este fato fez com que a mensagem religiosa não se transformasse em “um produto a ser vendido” (Ibid.), apesar do fenômeno religioso ter sido considerado por muitos estudiosos com um “bem vendável no mercado”. Segundo Montero (Ibid.), alguns autores “procuram mostrar como as estratégias de conquista de novos convertidos vai progressivamente assumindo a mesma racionalidade do *marketing*, técnica que busca maximizar a eficácia na venda de um produto” (p. 68). Dentro deste contexto, diversos grupos religiosos passam a se utilizar dos meios de comunicação como eficazes instrumentos de conversão e evangelização de fiéis.

No Brasil, instituições religiosas passaram a se apropriar deste mercado no final dos anos 70, com o surgimento do que passou a se chamar de fenômeno da “Igreja Eletrônica”. Entre os estudiosos deste fenômeno está Assmann (1986), que elaborou um estudo relacionando à “Igreja Eletrônica” dos Estados Unidos e à sua influência na América Latina. Na definição do fenômeno, Assmann explica: “A denominação ‘Igreja Eletrônica’ está centrada na espetacularidade televisiva. Por

extensão, essa nomenclatura recobre também o abundante uso que os televangelistas costumam fazer, simultaneamente, do rádio” (Ibid., p.18). Partindo do cenário norte-americano, de intenso e crescente uso dos meios eletrônicos (especialmente da TV) por lideranças religiosas que elaboravam um tipo de mensagem salvacionista (*supersavers*), o autor desenvolve a idéia da necessidade de conhecer o fenômeno que se desenrola nos Estados Unidos para poder caracterizar melhor a originalidade dos programas religiosos eletrônicos em nossa realidade. Este fenômeno foi absorvido por diversos grupos religiosos brasileiros. Montero (1986) já aponta, no início dos anos 80 uma “concorrência” na fé. Segundo a autora, já naquele período os protestantes mantinham 250 estações de rádio através do país. Pastores do protestantismo histórico tinham uma presença semanal em 88 emissoras de TV e 43 rádios. Os pentecostais aos poucos entravam em cena, com suas curas e milagres. A Igreja Católica neste período, segundo a autora, já começava a se preocupar com o relativo atraso da instituição nos meios de comunicação.

2.3. O Cenário Atual

O cenário atual constitui-se, entretanto, de forma diferenciada daquele da década de 80. A título de exemplificação, considerarei brevemente alguns casos de grupos religiosos brasileiros, atentando para o uso que fazem das mídias⁶. Objetivo mostrar ao leitor uma tendência mais ou menos geral dos grupos religiosos para o uso dos recursos comunicativos⁷, no sentido de ampliar a discussão que envolve o fato das Testemunhas de Jeová optarem por meios de comunicação que de certa forma podem ser considerados tradicionais, como a escrita e o contato pessoal.

Na década de 80, igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Renascer em Cristo provocaram um significativo reordenamento no campo

⁶ Considerando que o objetivo da presente sessão é apenas um esboço do cenário, a bibliografia referida não reflete a totalidade e a riqueza da produção teórica da área. Os casos acima referidos foram selecionados tendo como critério a disponibilidade de informações sobre a utilização dos meios de comunicação.

⁷ Agradeço aqui a sugestão da antropóloga e prof^a. Dra. Sônia W. Maluf.

Pentecostal. A IURD buscou influir, segundo Mariano (1999), de dois modos: o primeiro via conversão pessoal e o segundo, que aqui nos interessa, pelas vias midiáticas e política. Desta forma, a partir dos anos 80 passaram, então, a ingressar e investir mais sistematicamente na TV. Além do papel evangelístico e a tentativa de atingir novos públicos, IURD e Renascer em Cristo lançaram mão da televisão para iniciar a formação de Comunidades Pentecostais de Caráter Virtual (Gouveia, 1999). Logo, se há aproximadamente trinta anos as Igrejas Pentecostais brasileiras empenhavam esforços na promoção da evangelização face a face, hoje, segundo Gouveia (Ibid.), o emprego de tal estratégia coloca-se como frágil e limitadora. Estes grupos religiosos passaram, desta forma, a tratar a televisão como veículo que poderia propiciar a ampliação do fluxo de mensagens de fé, que vão segundo a autora atingir a população que está vivendo situação de isolamento nas grandes cidades brasileiras. A territorialidade e a identidade do sagrado Pentecostal passam assim, conforme Gouveia (Ibid.) a serem construídos de um lado, com bases territoriais definidas, e de outro, por bases desterritorializadas, através da programação televisiva. Desta forma, configura-se no Brasil uma nova visão de um Pentecostal que vive, conforme Gouveia (Ibid.), em concomitância a fé territorializada e desterritorializada, formando comunidades religiosas de caráter virtual, onde seus membros participam alternando suas presenças ora nos espaços físicos dos templos, ora fora deles.

Outro grupo religioso que exemplifica a utilização de diversas mídias é a Igreja Presbiteriana do Brasil. Dentro de um cenário de relativa competitividade religiosa, a mídia tornou-se um dos principais recursos pelos quais os mais diversos grupos religiosos estabelecem contato com os membros e a sociedade em geral. A Igreja Presbiteriana do Brasil, diferente de outros grupos religiosos, conta com recursos escassos para manter-se no espaço midiático. Os poucos recursos, segundo Bellotti (2003), são aplicados em produtoras responsáveis pela elaboração de material audiovisual e impresso destinado aos fiéis (exemplificados segundo a autora pela mídia evangélica *Luz para o Caminho* e pela *Editora Cultura Cristã*). Os programas de televisão, por exemplo, longe de atentar para a medição de audiência, visam segundo Bellotti (Ibid.) um objetivo: o de atrair somente quem estiver preparado para ouvir e entender a mensagem cristã. Se o apelo às massas é prática atraente para

diversos grupos religiosos, na visão protestante reformada, conforme a autora, isso esconde o perigo da corrupção da mensagem, considerando que agradar a todos significaria subjugar Deus às vontades de todos os Homens. A diferenciação pretendida pela Igreja Presbiteriana do Brasil com relação às igrejas mais populares (e aqui subentende-se a IURD) instala-se exatamente aí: na prática e no discurso dessa produtora presbiteriana. O mesmo ocorre com programas de rádio produzidos pela Instituição. Navegando ao lado de valores “novos” ou ressignificados (como a auto-ajuda, a teologia da prosperidade, etc.) a mídia da Igreja Presbiteriana utiliza-se de temas tradicionais, como a salvação na cruz, o arrependimento e o perdão divino. O que é novo, na verdade, está dado à luz dessa tradição, “o que perfaz um sentimento de pertencimento que é recriado num contexto diferente da instituição eclesial” (Ibid., p.5).

Transformações na forma de utilização da mídia também ocorreram com a Igreja Católica. De acordo com Montero (1986), na década de 80, por exemplo, a Igreja atuava aquém do considerável avanço demonstrado por grupos religiosos “concorrentes”. Este quadro transformou-se principalmente a partir de 2000, quando na ocasião da Jornada mundial das comunicações de 2002, o papa João Paulo II elaborou um documento oficial convidando a comunidade católica à reflexão do tema “Internet: um novo fórum para a proclamação do Evangelho”. Este documento foi uma forma de convite à comunidade católica a “aventurar-se” no mundo do ciberespaço e a potencializar o seu uso para proclamar a mensagem proposta. A Instituição reconhece que embora a Internet não possa suprir a experiência de Deus que só pode oferecer a vida litúrgica e sacramental da Igreja, pode proporcionar um suplemento e um apoio únicos para preparar o encontro com Cristo na comunidade e sustentar os novos crentes no caminho da fé que começam.

2.4. A Internet

O contexto de inovações e possibilidades tecnológicas delineia um novo ambiente denominado *ciberespaço*⁸, do qual diversos grupos religiosos têm se utilizado. A Internet é um importante espaço utilizado por eles, propiciando o diálogo dos fiéis entre si e com outras pessoas, tornando-se um novo campo e novo meio de proselitismo, e sendo utilizada até mesmo pelas religiões históricas. Para que o fenômeno protagonizado pela Internet possa ser compreendido, é necessário levar em consideração diversos detalhes técnicos, políticos e históricos que, desde os anos 60 levaram à constituição da Rede, além de permitir a criação de *chats* por iniciativas individuais que podem congrega – *on line* – crentes de várias denominações religiosas.

Inicialmente projetada para colocar máquinas em contato, a Internet acabou tendo sua finalidade subvertida para se tornar um poderoso espaço de sociabilidade, demonstrando o que Aranha (Aranha, 1995 apud Guimarães, 2000) chamou de “vocação para a interação”. Diversos estudos têm permitido que este espaço seja pensado não somente como espaços de sociabilidade, conforme mostrou Guimarães (2000)⁹, nem apenas como espaços onde a força do “divino” é percebida, conforme mostrei em pesquisa anterior (2002)¹⁰ mas sobretudo como espaço onde a evangelização é praticada e onde o proselitismo é exercido livremente.

A idéia de virtualidade associada a uma não-realidade já não é mais adequada para pensarmos o ciberespaço. Pierre Levy (1996; 1999) afirma que o virtual não se opõe ao real, mas que o complementa e transforma, ao subverter as limitações espaço-temporais que este apresenta. Com isso, o virtual não seria o oposto do real, mas sim uma esfera singular de realidade, onde as categorias de espaço e tempo

⁸ *Cyberspace* – Termo cunhado por Willian Gibson no seu romance *Neuromancer* (Ed. Ace, NY, 1984). A ficção científica tem como protagonista Case, que entra e sai da Matrix, a rede de computadores onipresentes que constituem o ciberespaço, no interior da qual relaciona-se com outros humanos e com máquinas, vivendo uma realidade virtual, mas nem por isso menos real.

⁹ Ao analisar uma situação concreta da vida social no Ciberespaço, Guimarães empregou a perspectiva etnográfica no estudo de um ambiente de sociabilidade que nele se constituía, encontrando uma cultura local que se constituía autônoma em relação aos contextos off-line aos quais seus atores estavam associados e percebendo que as relações que ali se estabeleciam podiam ser de grande intensidade, via de regra constituindo grupos sociais e com fortes traços identitários.

¹⁰ Percebi esta forte atuação e intervenção do “divino” sobre os usuários da Internet, quando ao analisar um *site* de um determinado grupo religioso presenciei ações dos usuários no sentido de buscar saúde “física” e “espiritual”, relatando posteriormente suas vitórias.

estariam submetidas a um regime diferenciado (Guimarães, 1999). Desta forma, a Internet passa a abarcar relações que vão além da troca de mensagens, arquivos e informações em geral. Mais do que um ambiente de comunicação, a rede oferece suporte a um espaço simbólico que abriga diversas atividades de caráter societário e que “é palco de práticas e representações de diferentes grupos que o habitam” (Ibid., 1998). Ou seja, este novo espaço serve como suporte aos processos cognitivos, sociais e afetivos, os quais modificam esta rede de tecnologia, de acordo com Silva (2001:151), transformando-a em espaço social povoado por pessoas que (re)constróem suas identidades e seus laços sociais neste novo contexto comunicacional. Geram, de acordo com a autora, uma teia de novas sociabilidades que suscitam novos valores; estes novos valores, por sua vez, reforçam as novas sociabilidades, gerando uma dialética de novas práticas sociais. Essas modificações se aplicam também à noção de espaço e território, demandando algumas reflexões.

Em primeiro lugar, segundo Silva (Ibid., p. 156), as mudanças geradas por estes suportes tecnológicos criam uma dualidade, considerando que o sujeito está simultaneamente fixado em um lugar físico e, ao mesmo tempo, suspenso na pluralidade de lugares que a navegação na rede lhe permite. Isto nos leva a refletir este espaço como um *não-lugar*, conforme sugere Marc Augé (1994). Como conceito apresentado pelo autor para compreender o mundo contemporâneo, o espaço por excelência da supermodernidade é o “não lugar”: “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, e nem como histórico definirá um não lugar” (Ibid., p.73). Este “não lugar”, porém, é socializado e transformado em um “lugar antropológico” clássico como Augé o define, com suas relações, com seus territórios demarcados e sua ocupação definida por grupos de sociabilidade (Coutinho, 2000). Ou seja, se admitimos que existe na Internet o “não-lugar”, ou seja, espaços de passagem, de mediação, onde não se permanece, reconhecemos também este espaço enquanto “lugar” antropológico, em que existe suporte para a relação interpessoal e para a organização social.

Em segundo lugar, ao abordar a questão de novos espaços antropológicos, surge a questão da territorialidade, na medida em que o território é o ponto de ancoragem fundamental na construção de identidades. O território é, pois, fruto da

construção de sistemas de representação. Silva (Ibid., p. 158) ressalta que apesar da idéia de território estar ligada à idéia de fronteiras geográficas, são os elementos simbólicos de um território que lhe dão identidade. Isto permite pensar a existência de territórios na Internet enquanto espaços e fluxos de informação que geram representações partilhadas. Uma particularidade deste espaço, conforme Ribeiro (2001:140), reside no fato de possibilitar ao navegante a exploração de novos aspectos existenciais, cognitivos e experienciais a partir de um ambiente desterritorializado. À medida que navegam, os usuários passam a construir no ciberespaço novas teias de relações que, conforme Ribeiro (p. 141), gradualmente vão sendo reconhecidas e interiorizadas como parte de uma nova realidade organizada a partir das trocas simbólicas realizadas pelos usuários. Estes passam a se utilizar destes ambientes, muitas vezes em contextos religiosos, enquanto espaços de reforço de suas crenças e visões de mundo. A Internet torna-se um local onde determinadas visões de mundo são confirmadas. É plausível e confortável para determinado grupo de usuários na medida em que este conhecimento é partilhado.

A confirmação e o compartilhar destes valores podem ser percebidos em diversos grupos que se organizam a partir de um *locus* virtual. Uma exemplificação adequada a este caso refere-se ao canal de bate papo 100%_jesus que se organiza a partir do programa de bate-papo IRC (*Internet Relay Chat*), sendo considerado um sistema de conversa multi-usuário baseado no modelo cliente-servidor. Ao entrar no programa, o usuário deve escolher qual canal deseja participar: o nome do canal geralmente indica a natureza da conversa predominante no ambiente.

Este ambiente de sociabilidade se autodenomina evangélico, e assim como em outros canais de bate papo, possui regras, normas e uma estrutura hierárquica de organização¹¹. Os canais, de uma forma geral, se “materializam” através de uma Home Page. No caso do canal 100%_jesus, a Home Page se propõe a prestar diversos serviços à comunidade cristã, porém sua função primordial em relação ao canal é estabelecer os valores que norteiam aquele ambiente. O discurso assumido na Home Page é o de “Proclamar Jesus Cristo a toda a Internet em seus vários ramos: IRC, Correio Eletrônico, Web, FTP, Icq. Ide por Todo o Mundo e Pregai o

¹¹ Para maiores informações, vide Jungblut (2000) e Coutinho (2000).

Evangelho a toda criatura (Marcos 16:15”)¹². Jungblut (2000) também realizou estudos no mesmo canal de bate-papo buscando, através de dados etnográficos, analisar a forma como os evangélicos atualizam, através da Internet, certos padrões de comportamento social experimentados em diferentes esferas, como a sociedade em geral, o ciberespaço e o campo evangélico. De forma sintetizada, o que encontramos no canal de bate-papo 100%_jesus é um espaço de sociabilidade de um determinado grupo de pessoas que compartilham valores religiosos, que acabam por criar uma realidade plausível para o grupo, onde suas visões de mundo são confirmadas, elaborando reais possibilidades de um espaço de conversão e proselitismo.

2.5. Internet às Avessas

A reflexão a respeito da utilização da Internet enquanto espaço missionário serviu até aqui como base para pensar a prática missionária dos usuários do canal 100%_jesus, grupo que se organizava em um ambiente virtual com a intenção explícita de proclamar Jesus Cristo. A atuação do canal de bate-papo 100%_jesus, tão enfática na prática missionária, encaminhou-me à reflexão de que, em geral, grupos evangelizadores tenderiam a usar a Internet como espaço missionário – como era corroborado por uma diversidade de grupos religiosos. Até então, a associação entre Internet e missão era uma obviedade que me encaminhou à conclusão antecipada desta relação, onde igrejas e/ou diferentes grupos religiosos reproduziriam na Internet suas próprias técnicas de evangelização (adaptadas).

Ao elaborar o Projeto de Pesquisa que balizaria a condução desta pesquisa, eu contava que as Testemunhas de Jeová utilizariam (assim como o canal de bate-papo 100%_jesus) a Internet enquanto espaço missionário. Quando iniciei as pesquisas em campo virtual, surpreendi-me com o que encontrei na Internet. Minha primeira impressão foi que as Testemunhas de Jeová simplesmente não “existiam”.

¹² Informações obtidas no site: <http://www.lordjesus.cjb.net>

Insisti em minhas buscas, e acabei por encontrar um diversificado material referente ao grupo. Em maior produção, os evangélicos assumem o *ranking* da elaboração da crítica doutrinária do grupo. Encontrei alguns *sites* que apenas comentavam a respeito de aspectos relacionados a impactos sociais do grupo (como a questão do sangue e as implicações éticas envolvidas nesta decisão), alguns *sites* de ex-Testemunhas de Jeová (como por exemplo um *site* de gays, lésbicas e afins ex-Testemunhas de Jeová) e por último, apenas alguns poucos *sites* de membros Testemunhas de Jeová. É importante notar que estas páginas eram muito mais *sites* pessoais (os ditos diários virtuais) do que propriamente um *site* informativo sobre a religião. Estes *sites* pessoais não seriam tão interessantes se não fosse um detalhe: já no fim do meu trabalho de campo, retornei a estas páginas para extrair algumas outras informações, quando ao entrar na página, surge na tela do computador a seguinte frase: “este *site* está sendo redirecionado para o seguinte endereço: [http://www. watchtower.org.br](http://www.watchtower.org.br)”. E em outra página surge a seguinte informação: “por determinação da Watch Tower Bible and Tract Society este site foi desativado. Para maiores informações, clique aqui” (link que também direcionava o navegador ao *site* oficial das Testemunhas de Jeová).

Quanto ao grupo propriamente dito, sua discreta presença limitava-se a expor sua página oficial¹³ (disponível em diversos idiomas, conforme atuação do grupo nestes países), apenas. Ao contrário de outras Home Pages, este é um ambiente fechado, onde não há espaços de interação nem comunicação revelando, como em suas publicações, uma relativa homogeneidade em escala mundial das imagens e do discurso proferido. Revelou também a busca pelos domínios dos espaços e das identidades testemunha-de-jeová, aspecto vivenciado ao longo de meu trabalho de campo e que será abordado em momento posterior.

Este “não-uso” da Internet possibilitou o início de minhas investigações com as Testemunhas de Jeová, acompanhando-as regularmente às reuniões semanais e eventos importantes do grupo na congregação da Lagoa da Conceição, em Florianópolis. Desta forma, obtive informações preciosas sobre as questões que

¹³<http://www.watchtower.org>

permeavam o propósito deste trabalho, como o significado da prática missionária para o grupo e a relação que estabelecem com o uso da Internet.

O questionamento que permeia este trabalho está em pensar porque um grupo que possui uma prática missionária muito forte e uma prática de expansão do Reino de Jeová muito clara, utiliza determinadas tecnologias de informação em detrimento de outras. De que forma, afinal, o “não-uso” da Internet pode revelar o que, de fato, venha a ser missão para as Testemunhas de Jeová?

A relevância da escolha deste grupo religioso tem como aspecto a ser considerado a prática exercida por eles de forma exaustiva e prioritária: o trabalho proselitista de visitação de casa em casa, contrapondo desta forma o “web-evangelismo” praticado pelos usuários do canal 100%_jesus. Pensar na forma como as Testemunhas de Jeová se comunicam com o “mundo” hoje, significa também a necessidade de entender e conhecer como o grupo se comunica entre si. Vale ressaltar, porém, que o entendimento deste processo de comunica o não implica em realizar uma “etnografia da fala” nem tampouco uma “etnografia da leitura” (Lewgoy, 1998). O que desejo aqui   apresentar ao leitor como as Testemunhas de Jeová se utilizam do vasto aparato bibliográfico disponível no processo de evangeliza o e a op o pela não utiliza o de novas tecnologias.

2.6. Missões e o Uso da Internet

O canal de bate-papo 100%_jesus, através de minha pesquisa anterior e também da pesquisa de Jungblut, possibilitou visualizar a Internet não somente como espaço de reforço de determinadas verdades religiosas. Mais além, a rela o destes usuários com ambientes de natureza religiosa revelaram-nos a possibilidade de utiliza o da Internet como campo missionário.

Mas se a proposta   refletir acerca do projeto missionário desenvolvido pelas Testemunhas de Jeová, objeto de estudo proposto, torna-se então necessário delimitar o conceito de missão para ampliarmos a constru o do objeto de estudo aqui apresentado. Encontrei relativa dificuldade de levantar referências bibliográficas

que dêem conta da discussão sobre missão, sobretudo no campo das ciências humanas. A teologia, por sua vez, ofereceu os subsídios teóricos necessários para o prosseguimento desta discussão. Um importante autor que tratou desta temática foi David J. Bosch, principal teólogo da missão cristã protestante da segunda metade do século 20. Bosch (2002) admite que diante de um quadro de muitas ambigüidades quanto ao conceito de missão (entre eles, o motivo imperialista, cultural e colonialista), é necessário estabelecer uma definição provisória do termo. Por missão, Bosch entende uma ação com uma característica persuasiva, que propõe um relacionamento dinâmico com o divino. Bosch estabelece uma diferença entre missões humanitárias (enquanto engajamento missionário no tocante às realidades de pobreza, injustiça, etc.) e missões evangelísticas (convite ao arrependimento e à conversão, anúncio do perdão). Considero (na mesma medida cuidadosa de Bosch, julgando não serem a mesma coisa, apesar de estarem vinculados) que missão está relacionada à primeira conversão e dirigida aos “não-cristãos”, e que evangelismo está ligado à reconversão, à busca do próximo afastado. Considero também que missão é mais amplo que o evangelismo, sendo este parte essencial da missão¹⁴.

Quando pensa-se a atuação missionária cristã tradicional, tem-se como referência o missionário que sai de seu ambiente (casa, Igreja, bairro, cidade, país) em busca de novos fiéis. O *Ide* passa a ser assumido como ação principal e os resultados implícitos desta ação serão fruto desta busca do “perdido” e “sem salvação”. Usando o campo missionário tradicional como referência, a Internet passa a se revelar como renovadora de paradigmas. Se no campo tradicional a intenção é de *busca*, a atuação missionária na Internet é de *oferecimento*. Já não há neste tipo de ambiente a ação ativa do missionário no sentido de buscar o indivíduo, de tomar a iniciativa no contato interpessoal. Os missionários na Internet passam a esperar que os usuários procurem suas páginas disponíveis, ou aguardam uma visita em seus *chats*. Os *web-missionários* também tomam a iniciativa, mas agora já não mais no sentido de buscar o indivíduo, mas sim de oferecer a mensagem, aguardando passivamente a visita de outros usuários, passíveis de serem evangelizados. É preciso considerar que este *oferecimento* engloba diferenças nas estratégias de atuação e no grau de intervenção da abordagem, a partir do momento em que os missionários

¹⁴ Para uma discussão mais aprofundada sobre este assunto, vide capítulo 4.

virtuais passam a dispor de diversos aparatos técnicos que possibilitam estas diferenças nas estratégias. Quando um determinado grupo disponibiliza sua Home Page (HP) para acesso irrestrito, estabelece uma forma de *oferecimento* e um grau menos elevado de intervenção em relação ao indivíduo, pois o contato somente se estabelece se o usuário se interessa pelo conteúdo expresso na *HP*, ou seja, se parte dele a iniciativa de procurar determinada página em um *site* de busca, por exemplo. Por outro lado, ao ter acesso a uma mala direta de *e-mails* e através dela envia uma série de textos evangelísticos, atua de forma mais direta em relação ao “perdido” e o seu grau de intervenção é potencialmente elevado.

O fato é que diversos grupos religiosos têm se utilizado de diferentes meios de comunicação para fazer missão. A especificidade desta pesquisa está calcada na busca de entendimento da prática missionária das Testemunhas de Jeová, considerando que o processo comunicativo do grupo é elaborado sob padrões diferenciados de comunicação no mundo atual. Clarificar alguns aspectos acerca da utilização de meios de comunicação por diferentes grupos religiosos que visam o proselitismo, assim como abordar questões conceituais acerca da Comunicação, traz luz sobre a prática missionária do grupo proposto na medida em que utilizam diferenciados meios de comunicação no processo de interação e evangelização do mundo.

2.7. Contatos Iniciais

Dalva foi meu primeiro contato com o grupo. Ao sermos apresentadas, em meio ao “entra e sai” de pessoas em seu ambiente de trabalho e apesar de estar visivelmente ocupada, mostrou cordial interesse em minha exposição a respeito do meu tema de pesquisa e confissão sobre minha falta de informação a respeito do grupo. Muito atenciosa e solícita, Dalva demonstrou satisfação em me ajudar, e já de início perguntou se eu conhecia o material publicado pelas Testemunhas de Jeová. Respondi que o único acesso que havia tido estava limitado ao material encontrado na biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, o “Proclamadores do

Reino de Deus”, livro doado por uma das congregações da cidade. De imediato, Dalva tirou de uma das gavetas de sua sala uma publicação de *A Sentinela*. Era um exemplar antigo, mas serviu para Dalva explicar a periodicidade desta e da outra revista de divulgação (*Despertai!*). Interessante notar neste contato inicial que uma das primeiras informações dizia respeito às publicações do grupo. O exemplar antigo (do ano anterior) não impossibilitou Dalva de divulgar o material do grupo, nem tampouco de explicar suas crenças, sua fé e de forma breve, sua visão de mundo. Todos os espaços de diálogo são verdadeiras chances de testemunhar a respeito de Jeová.

O grupo selecionado para esta pesquisa foi o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová da Lagoa da Conceição em Florianópolis, Santa Catarina. A escolha deste grupo foi motivada pela presença atuante na congregação de um casal de pioneiros especiais (Carlos e Eduarda), que então colaboravam com o trabalho da congregação. Como este casal era, no período de minha pesquisa, o único casal de pioneiros especiais presentes na cidade, escolhi esta congregação, considerando a sua presença e a possibilidade de obtenção de informações a partir de diferentes atores sociais pertencentes à Instituição.

Minhas visitas ao Salão do Reino foram, na maior parte das vezes, acompanhadas por Dalva, também participante da congregação na Lagoa. Sem dúvida, sua parceria facilitou em muito minha entrada e aceitação no grupo. As constantes perguntas sobre se Dalva estava realizando estudo bíblico comigo ou se eu era sua vizinha, eram explicadas cuidadosamente por mim, relatando o interesse de minha pesquisa, e sendo confirmadas com entusiasmo por Dalva. O fato de eu ser pesquisadora gerou entusiasmo no grupo, que não só demonstrou interesse em ler o trabalho final, como disponibilizou revistas, vídeos, ofereceu diversas sugestões e horas de visitas pessoais para entrevistas.

Tamanha disponibilidade e aceitação do grupo se caracterizou através de Carlos e Eduarda, pioneiros especiais que estavam auxiliando o trabalho na congregação da Lagoa. Carlos, a par dos assuntos de minha pesquisa por causa de Dalva, disponibilizou inúmeras publicações e textos produzidos pelo grupo. Fazendo questão de responder atenciosamente a todos os meus questionamentos, a cada reunião chegavam com um material novo em mãos, no intuito de ajudar. Não

foram raras as vezes que saí da congregação com o “*stress informacional*” que tanto temos ouvido falar. Cada pessoa com quem eu conversava me indicava um material diferente, uma fita de vídeo diferente, um folheto específico, uma brochura diferente, um versículo diferente - mas nunca com referências à Internet. É impressionante o volume de material informativo produzido pelas Testemunhas de Jeová, revelando, como pano de fundo, uma forte homogeneidade e centralidade nas ações e pensamento do grupo. Todo material publicado é produzido em escala mundial, simultaneamente em 85 idiomas, o que sugere o intuito de uma padronização no *ethos* do grupo.

Se com o fundador, Charles Russel, havia relativa autonomia por parte das congregações, com seu sucessor Rutherford esta característica foi modificada. Com a prisão de Rutherford e mais alguns líderes em 1918 (libertados no ano seguinte), o grupo emergiu desta crise mais coeso sob a figura do próprio Rutherford. Com isso, iniciou-se toda uma reordenação do movimento, a saber, a subordinação das congregações à agência central, a asserção do trabalho proselitista como responsabilidade primária dos membros e a interferência da Sociedade na administração regional das congregações. Mas a principal mudança, porém, foi a instauração da teocracia. A estrutura organizacional do grupo não é construída com base em uma democracia, mas em uma teocracia. Isto significa dizer que muito além de uma minuciosa organização com alto planejamento no proselitismo, as Testemunhas de Jeová organizam suas ações não a partir dos valores e regras vigentes da sociedade em que vivem¹⁵, mas a partir de elementos que crêem ser de orientação bíblica. Negam a submissão ao Estado (e nele vivem, em certo sentido, à parte) e buscam como fim último não apenas viver esta organização teocrática, mas anseiam também por sua instauração na Terra. Diante de tal anseio, empenham-se no trabalho proselitista.

Com a instauração da teocracia, tudo passou a ser controlado pela Sociedade e a nova orientação propôs que as Testemunhas de Jeová estabelecessem uma separação do resto da sociedade, considerando que o desenvolvimento da

¹⁵ Principalmente se considerarmos o fato de que as Testemunhas de Jeová não prestam serviço militar, não votam, não se associam a partidos políticos e não reverenciam símbolos nacionais.

personalidade devesse ser o principal fim nas suas vidas religiosas. Logo, se a maior parte da doutrinação do grupo implica em afastar-se do mundo (revelado através da busca e instauração da teocracia), uma vez que o “mundo” tem seu deus (Satanás), essa relação conflitante que se estabelece com o mundo faz com que o grupo seja proscrito em diversos países. Ora, se essa relação com o “mundo” é conflitiva, postula-se o “viver fora do mundo”. Os assuntos mundanos aparecem no entanto como uma preocupação constante, ainda que sempre explicados como sinais dos tempos, de cumprimento das profecias.

Capítulo 2

Milenarismo e as Testemunhas de Jeová

Os “sinais dos tempos” a que me referi no capítulo anterior são, na verdade, eventos importantes ocorridos nos dias atuais e no passado recente que servem para as Testemunhas de Jeová como indicativos da volta de Cristo. Uma passagem bíblica muito utilizada pelo grupo reflete, de certa forma, a expectativa quanto a esta volta: “Portanto, mantende-vos **vigilantes**, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor (Mateus 24:42)” (grifo meu). É neste “estado de vigilância” que o grupo guia suas ações rumo a uma prática que visa o proselitismo como fim último. O grupo exemplifica sua realidade atual através da vida de Noé, personagem descrito na bíblia no livro de Gênesis:

Naquela época, havia violência por toda a parte e a inclinação do coração do homem era ‘só má, todo o tempo’ (...). A maioria delas se ocupava apenas com as coisas do dia-a-dia. Mas, antes de trazer o grande dilúvio, Jeová lhes deu a oportunidade de se arrependerem. Ele comissionou Noé a pregar, o que este cumpriu fielmente - servindo como pregador da justiça talvez por 40,50 ou mais anos. (...). Contudo, as pessoas não deram ouvidos ao aviso de Noé. Não estavam vigilantes. Por isso, apenas Noé e sua família sobreviveram à execução do julgamento de Jeová. (*A Sentinela*, 15/01/2000).

Assim como Noé, as Testemunhas de Jeová argumentam assumir a mesma postura, no sentido de dar às pessoas “ampla oportunidade de escolher se serviriam ou não a Jeová” (Ibid.), por transmitirem o aviso da parte de Deus e, com isso, cumprir a comissão que Jesus deu aos seus seguidores. Tendo em vista este fato, creio ser essencial abordar a questão da importância dada à volta de Cristo, na medida em que suscita reflexões a respeito da forma como o grupo estabelece

possíveis relações entre as noções de tempo e salvação, e considerando que isto é também revelador da prática missionária do grupo na medida em que pulsiona e energiza suas ações proselitistas. A iminência da instauração do reino de Jeová é o que gera no grupo o sentimento de urgência e de pressa em pregar a palavra de Jeová Deus.

1. O Dia de Jeová

Este sentimento de urgência é acionado no grupo através da verificação de diferentes eventos e situações vivenciadas nos dias atuais. “Ter em mente o dia de Jeová” significa, para as Testemunhas de Jeová, que não se deve esquecer que está muito próximo o dia em que Jeová “destruirá este sistema de coisas, antes do estabelecimento de seu prometido novo mundo” (*A Sentinela*, 01/09/1997).

1.1. Volta, Presença e a Grande Multidão

O que estamos aqui chamando de crença milenarista testemunha-de-jeová é, para eles, uma crença que os distinguiu de toda a cristandade¹⁶. Vejamos a definição elaborada pelo grupo com relação à vinda do reino de Deus:

Antes de deixar a terra, Jesus Cristo prometeu voltar. Estão associados com essa promessa emocionantes eventos relacionados com o reino de Deus. Deve-se notar que há uma diferença entre *vinda* e *presença*. Assim, ao passo que a vinda de uma pessoa (que tem a ver com a sua chegada

¹⁶ Para uma discussão mais detalhada a respeito do cristianismo testemunha-de-jeová e suas diferenciações com outras religiões cristãs, vide capítulo 4. Para o momento, detenho-me no aspecto milenarista do grupo.

ou o seu retorno) ocorre em determinado momento, a presença de tal pessoa pode prolongar-se desse ponto em diante por um período de anos. A Bíblia também usa a palavra grega *ér-keho-mai* (que significa ‘vir’), ao referir-se ao fato de Jesus dirigir a sua atenção para uma importante tarefa, num tempo específico *durante* a sua presença, a saber, o seu trabalho qual executor nomeado por Jeová na guerra do grande dia do Deus Todo-Poderoso (Raciocínios, p. 433).

Para as Testemunhas de Jeová, quando Jesus Cristo ascendeu aos céus não o fez de forma visível. Pelo contrário, subiu aos céus de forma invisível aos olhos humanos. E prometeu que iria **voltar**, também em forma invisível. No sentido de reforçar sua argumentação, o grupo baseia-se em diversas referências bíblicas. No livro de Mateus, por exemplo, encontram-se várias menções de um verbo grego de uso comum para “vir”, o qual é *ér-keho-mai*. Mas em outras referências ainda no livro de Mateus foi usada uma palavra diferente, o substantivo *pa-rou-sí-a*, que significa tanto “chegada” como “presença”. Logo, não trata-se apenas do momento da chegada, mas da presença desde a chegada. Desta forma, a “volta de Cristo” indica para as Testemunhas de Jeová não exatamente a sua volta, mas a sua presença prolongada. Logo, Jesus voltou (tendo dirigido sua atenção como Rei para a Terra) e agora está presente como espírito, interferindo nos assuntos espirituais aqui na Terra.

Tomando este quadro como referência, as Testemunhas de Jeová crêem, baseadas em interpretações de diversas profecias bíblicas, que até 607 AEC (Antes da Era Comum)¹⁷ todos os reis eram designados por Jeová. De 607 AEC até 1914, período denominado por eles de “tempo designado das nações”, Jeová ficou sem representante na Terra. E somente em 1914 Jesus Cristo assumiu nos céus o governo do Reino de Deus. Até então, satanás tinha acesso ao céu e à Terra. Ao assumir o poder celestial, Jesus expulsou satanás e seus demônios, que passou então a habitar somente na Terra. Satanás, que até então tinha livre acesso aos céus, é expulso por Jesus Cristo, que “limpa” o céu e o reduz ao domínio terrestre. Este

¹⁷ As Testemunhas de Jeová datam seus eventos de acordo com o nascimento de Cristo.

domínio satânico é marcado e evidenciado, segundo o grupo, através de diferentes eventos explicados com referências bíblica: “Nação se levantará contra nação e reino contra reino; e haverá grandes terremotos, e, num lugar após outro, pestilências e escassez de víveres; e haverá vistas aterrorizantes e grandes sinais do céu.” (Lucas 21:10,11). Foi também neste período, então no ano de 1914, que inicia-se a I Grande Guerra Mundial. Esta guerra serviu para o grupo como sinal claro e evidente da presença de satanás na Terra, revelando toda a sua fúria devido à sua expulsão celestial. Vejamos o que dizem a esse respeito:

Jesus profetizou também: ‘Haverá vistas aterrorizantes e grandes sinais do céu.’ (Lucas 21:11) Durante a Primeira Guerra Mundial, as incessantes barragens de artilharia representavam algo novo — guerra *total*. Pela primeira vez, os dirigíveis, e depois, ainda mais importante, os aviões, iniciaram a era da guerra aérea. De fato, 1914-1918 foi apenas o começo, mas levaria à situação descrita adicionalmente por Jesus na sua profecia em que disse: ‘Também, haverá sinais no sol, e na lua, e nas estrelas, e na terra angústia de nações, não sabendo o que fazer por causa do rugido do mar e da sua agitação, os homens ficando desalentados de temor e na expectativa das coisas que vêm sobre a terra habitada; porque os poderes dos céus serão abalados.’ — Lucas 21:25, 26. (Venha o teu Reino, 1981:113).

Tornou-se claro desta forma, para as Testemunhas de Jeová, que o reino de Deus, por Jesus Cristo, fora estabelecido nos céus em 1914. Ou seja, o grupo considera que os “últimos dias” iniciaram em 1914. Logo, os acontecimentos atuais como fome, miséria, injustiças sociais, guerras, etc., são atribuídos à ação de satanás na Terra e servem para o grupo como indicativos claros e evidentes do fim próximo. Enquanto isso, Jesus ainda está organizando o reino de Deus no céu.

A vinda de Jeová, por sua vez não será visível aos olhos humanos.

A grande profecia de Jesus sobre 'o sinal' de sua presença informa-nos de que, 'quando o Filho do homem chegar na sua glória, e com ele todos os anjos, então se assentará no seu trono glorioso'. (Mateus 25:31) Visto que o brilho de tal glória será prejudicial para meros olhos humanos, o Rei tem de permanecer invisível para a humanidade. (Veja Êxodo 33:17-20; Hebreus 12:2.) Este é o motivo de se precisar dum 'sinal de sua presença'. Na segunda vinda do Messias não é mais necessário que ele abandone sua vida espiritual, celestial, para aparecer na terra num corpo carnal, a fim de ser usado como 'oferta pelo pecado'. Tendo provido seu sacrifício humano 'uma vez para sempre', ele vem 'na segunda vez... à parte do pecado', como invisível rei celestial. — Hebreus 7:26, 27; 9:27,28; 10:8-10; 1.Pedro 3:18. (Venha o teu Reino, 1981:109).

Não haverá uma volta visível, e sim, uma intervenção poderosa de Jeová no que tange aos assuntos na Terra. Virá então o Armagedom, onde os governantes políticos de toda a Terra se ajuntarão em oposição a Jeová e a seu Reino. “Tal oposição será evidenciada por uma ação global contra os servos de Jeová na terra, os representantes visíveis do Reino de Deus” (Raciocínios, p. 44). As Testemunhas de Jeová são os representantes visíveis de Deus na Terra. Jeová Deus agirá de forma a manipular a ação humana para que Sua vontade seja efetuada e sua vingança cumprida. Os justos então possuirão a terra e os ímpios morrerão. A partir deste momento a Terra estará sob domínio de Jeová, tendo Cristo como governante. Depois do Armagedom, haverá um período de mil anos para que as pessoas sejam ressuscitadas (pouco a pouco) e alcancem, então, a perfeição. Os ressuscitados não serão julgados segundo os atos errados dos tempos anteriores, mas, em vez disso, serão julgados pela sua disposição de viver à altura dos requisitos justos para a vida no domínio do reino de Deus. Este período será considerado, segundo o grupo, como um período de “maior programa educativo” de todos os tempos, realizado sob a organização do Reino de Jeová. Abrir-se-ão, então, os “rolos”. Estes serão as instruções publicadas para ajudar os humanos ressuscitados a realizar as ações que os habilitarão para a vida eterna. Os meios e os programas educativos na “nova terra”, dirigidos por Jeová e pelo seu Rei messiânico, serão, segundo o grupo, muito superiores em comparação com tudo o que o mundo de satanás já ofereceu.

Durante estes mil anos, satanás estará preso. Ele será solto do abismo por um pouco de tempo, para testar o mundo aperfeiçoado da humanidade quanto à sua lealdade ao reinado de Jeová. Um número não especificado talvez decida seguir o diabo, mas estes sofrerão a execução rápida do seu julgamento. “Cristo Jesus realizará este ato final de vindicação por esmagar a cabeça da Serpente original, aniquilando-a junto com sua prole tão cabalmente como que por um fogo que durará ‘dia e noite, para todo o sempre’.” (Venha o teu Reino, p. 184). Com satanás definitivamente eliminado, haverá a paz eterna e Jesus Cristo devolverá o poder e o reino celestial ao Pai.

Os verdadeiros cristãos serão livrados do “atual sistema iníquo de coisas, bem como a salvação da escravidão ao pecado e à morte. Para uma grande multidão de servos féis de Jeová que vivem nos ‘últimos dias’, a salvação incluirá serem preservados através da grande tribulação” (Raciocínios, p. 338). A referência a esta “Grande Multidão” está na passagem bíblica de Revelação 7:15, que registra como sendo aqueles que “estão diante do trono de Deus e o servem publicamente”, só que na Terra. Logo, “aqueles que confessam que o Senhor Jesus é seu Salvador e Jeová, seu Deus, a quem adoram em espírito e em verdade e servem alegremente” (Proclamadores, p. 169) são considerados a grande multidão, que viverá eternamente no paraíso terrestre. “As Testemunhas de Jeová entendem que se trata de servos leais a Deus que sobreviverão ao Armagedom com a perspectiva de vida eterna numa Terra levada de volta à condição de Paraíso” (Ibid., p.179). A Terra, na perspectiva testemunha-de-jeová, não será destruída mas, conforme o propósito original de Jeová Deus, será “limpa” e transformada em um paraíso para esta grande multidão. Baseadas em referências bíblicas, acreditam que nesta nova Terra haverá moradias adequadas e fartura de alimentos para o usufruto de todos, e todas as doenças, enfermidades e formas de incapacidades físicas (inclusive a própria morte) se tornarão coisas do passado.

Um “pequeno rebanho”, reconhecidos no grupo como os “144.000 ungidos”, já foram selecionados dentre todos os povos e nações para governarem como reis com Cristo no reino celestial. Todos os 144.000 cristãos ungidos têm evidência de terem o espírito de Deus. Com base bíblica argumentam: “Recebestes um espírito de adoção, como filhos, espírito pelo qual clamamos: ‘Aba, Pai!’ O

próprio espírito dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus. Então, se somos filhos, somos também herdeiros: deveras, herdeiros de Deus, mas co-herdeiros de Cristo, desde que soframos juntamente, para que também sejamos glorificados juntamente. (Romanos 8:15-17)” (Ibid., p. 142). Eles têm certeza absoluta de que foram gerados por Deus para a filiação espiritual como co-herdeiros de Cristo no Reino celestial. Neste respeito, é o espírito santo de Jeová que desempenha um papel de atribuidor desta certeza. Os ungidos reconhecem seu *status* e sabem que “foram batizados em Cristo Jesus” e na sua morte. Têm a firme convicção de que são filhos espirituais de Deus, que morrerão e serão ressuscitados para a glória celestial, assim como Jesus foi.

1.2. Indícios e Urgência

Ter em mente o dia de Jeová é, também, estar atento aos indícios de que o fim está próximo. Estes indícios são pontuados pelo grupo através de seis provas, conforme apresentado na revista *A Sentinela* de 15/01/2000:

1. A primeira delas, de que estamos vivendo nos últimos dias, conforme o apóstolo Paulo registrou em 2 Timóteo 3:1-5: “Nos últimos dias haverá tempos críticos, difíceis de manejar. Pois os homens serão amantes de si mesmos, amantes do dinheiro, pretensiosos, soberbos, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, desleais, (...)”.
2. A segunda prova é que vê-se nos dias atuais os efeitos da expulsão de satanás e seus demônios dos céus. Isto acabou gerando grande sofrimento para a Terra. A profecia de Revelação (livro de apocalipse) diz que, ao ser lançado para a Terra, o Diabo sabia que lhe restava um curto período de tempo. “Durante este período, satanás trava lutas contra os seguidores ungidos de Cristo (...). Certamente vemos os efeitos de seus ataques em nosso tempo. Mas logo satanás será confinado ao abismo para que não mais desencaminhe as nações” (Ibid.).

3. A terceira diz que vivemos nos dias do “oitavo e último rei”. Na passagem de Revelação 17:9-11, o apóstolo João refere-se a sete reis, que representam sete potências mundiais. Ele vê também um oitavo rei que procede dos sete. Este representa hoje, para as Testemunhas de Jeová, as Nações Unidas.
4. A quarta diz que vivemos no período simbolizado pelos “pés da estátua do sonho de Nabucodonozor”. O profeta Daniel interpretou o sonho da enorme estátua na forma de um homem. Cada parte da estátua representa várias potências mundiais. Todas as potências mundiais representadas na estátua já surgiram.
5. Quinta, vê-se a realização de uma obra mundial de pregação, a qual Jesus disse que ocorreria pouco antes do fim deste sistema. Segundo o grupo, essa profecia se cumpre numa escala sem precedentes. “A Bíblia, porém, não afirma que Jeová esperará até que cada pessoa na Terra receba testemunho. Em vez disso, as boas novas têm de ser pregadas até que Jeová diga que basta. Daí, virá o fim” (Ibid.).
6. A sexta prova diz que o número de genuínos discípulos ungidos de Cristo “está ficando bem pequeno, embora alguns deles evidentemente ainda estarão na Terra quando começar a grande tribulação” (Ibid.).

O fato é que para as Testemunhas de Jeová há evidências claras de que vivemos no tempo do fim deste “sistema de coisas”. Segundo o grupo, Jesus predisse coisas tais como grandes guerras, terremotos, doenças e crimes, indicando-os como acontecimentos presentes nos “últimos dias”. A iminência de eventos dramáticos estabelece para o grupo a necessidade de envolvimento com uma série de regras de condutas, ações e valores que os resguardem para o “grande dia”. A iminência de eventos catastróficos e a real possibilidade destes eventos acontecerem *amanhã* acaba por afetar todas as ações das Testemunhas de Jeová *hoje*. E é com base nas promessas bíblicas deste *amanhã* que o grupo promove a esperança de um porvir restaurado, de “novos céus e uma nova terra que aguardamos segundo a sua promessa, e neste há de morar a justiça” (2 Pedro 3:13). A passagem bíblica de Habacuque (“Não tardará!”) desperta no grupo um sentimento constante de vigilância e urgência que acaba por estabelecer um novo molde para as noções de tempo utilizadas pelas Testemunhas de Jeová. Leva-se em conta, no que diz respeito

à vinda do reino de Deus, não mais o tempo secular, mas passa-se a adotar o tempo de Jeová, na medida em que, segundo a Bíblia, “um só dia é para Jeová como mil anos, e mil anos, como um só dia” (2 Pedro 3:8). Logo, adotar o tempo de Jeová significa agir conforme este tempo, ou seja, com urgência. Esta urgência é acionada pelo fato de não saber quando o reino de Jeová será instaurado. O grupo não considera que Jeová nunca agirá, pelo contrário, “o dia de Jeová **virá** como ladrão” (2 Pedro 3:10). Vejamos o que diz o grupo a esse respeito:

Ladrões são facilmente pegos, porém é mais provável que o vigia que fica acordado a noite inteira veja um ladrão do que aquele que adormece de vez em quando. Como o vigia pode ser manter acordado? É mais fácil se manter alerta por se movimentar do que por ficar a noite inteira sentado. De modo similar, manter-se espiritualmente ativo ajudará o cristão a ficar desperto. De modo que Pedro nos exorta a manter-nos ativos ‘em atos santos de conduta e em ações de devoção piedosa’ (2 Pedro 3:11). Essa atividade nos ajudará a continuarmos ‘tendo bem em mente a presença do dia de Jeová’. (*A Sentinela*, 01/01/2003).

Logo, o grupo é estimulado a aguardar pacientemente o tempo designado por Jeová: “Podemos continuar a cultivar qualidades cristãs vitais, bem como a transmitir as boas novas a muito mais pessoas do que de outro modo teria sido possível” (Ibid.). De igual forma, agir conforme o tempo de Jeová serve, para o grupo, como mantenedor deste senso de urgência, na medida em que desviar-se dele pode encaminhar ao afastamento da atenção de coisas espirituais para objetivos materiais, o que poderia torná-los espiritualmente “sonolentos”.

Essa espera ansiosa pela vinda do reino de Jeová nos faz crer que as Testemunhas de Jeová podem ser consideradas em muitos aspectos como um grupo milenarista, na medida em que organizam suas ações a partir da iminência da instauração do reino de Jeová. Creio que realizar uma reflexão teórica a respeito do milenarismo em geral pode nos ajudar a compreender o milenarismo testemunha-de-jeová.

2. Pensando o Milenarismo

O pioneiro dos estudos relativos ao tema dos milenarismos foi James Mooney (1896), que a partir do seu trabalho “Ghost Dance” sobre os índios das pradarias norte-americanas, redefine a expressão¹⁸. A partir deste estudo, o conceito que aludia à tradição que espera uma Idade de Ouro de mil anos (*millennium*), em que Deus reinará baseada na literatura apocalíptica judaica e nas revelações do apóstolo João, começou a ser usado não mais no sentido bíblico¹⁹ mas para referir-se a todo um corpo de crenças do mesmo tipo que designaria qualquer classe de salvacionismo (Barabas, 1987).

De acordo com a tipologia criada por Norman Cohn²⁰ (Cohn, 1972 apud Barabas, 1987), baseado em uma análise dos movimentos milenaristas da Europa na Idade Média, os salvacionismos milenaristas têm como característica serem coletivos, terrenos, iminentes, totais, últimos e catastróficos. A crença milenarista é *coletiva* porque a salvação é para todos os “escolhidos”. É *terrena* porque esta nova sociedade de felicidade e bem-estar será instaurada e desfrutada pelos “eleitos” na vida terrena. É *imminente* porque os crentes passam a viver uma tensa espera da “volta”. Ainda que muitas vezes se transforme em uma espera diferida, a ideologia milenarista continua viva, “em estado latente” (Barabas, 1987:13), até que surjam novos sinais e mensagens. A crença milenarista é *total* porque implica em uma nova ordem social que trará não melhorias, mas uma transformação completa das condições existenciais. É *última* porque conduz a um futuro definitivo, e é *catastrófica* porque a busca da salvação vem precedida de acontecimentos apocalípticos. As Testemunhas de Jeová, foco deste trabalho, possuem estas cinco características, abarcando-as de igual modo.

¹⁸ Para James Mooney, um dos primeiros autores a estudar os movimentos messiânicos em trabalho de campo, existia entre os grupos indígenas americanos do norte, anterior à chegada do branco, a crença na vinda de um messias que lhe traria condições de felicidade, conhecida em tempos anteriores e que seria então restaurada.

¹⁹ Foi com o povo de Israel que o conceito tomou seu primeiro significado. Ocorre pela primeira vez no livro de Samuel, sugerindo o contexto que o messias era o ungido do Senhor e que seu papel era político. Só depois do cativeiro é que surge uma promessa clara de uma idade ainda por vir, na qual todas as injustiças seriam sanadas.

²⁰ Cohn, Norman. **En pos del milenio. Revolucionarismos milenaristas y anarquistas místicos de la Edad Media**. Edit. Seix Barral, Barcelona, 1972.

De acordo com a definição de Queiroz (Queiroz, 1976 apud Barabas, 1987), *milénarismo* é a crença em um tempo futuro, onde todos os males serão corrigidos e todas as injustiças reparadas. Barabas (1987:15) argumenta que está na “natureza do milénarismo ser ao mesmo tempo religioso e sócio-político ao aproximar estreitamente as esperanças e aspirações terrenas com os meios através dos quais se espera ter acesso ao novo mundo”²¹. O *profetismo*, por sua vez, é um tipo de movimento sócio-religioso em que o profeta tem o papel de comunicar a iminência da chegada do messias e do milênio, e o anúncio é recebido como revelação. Conforme Barabas (Ibid., p. 15), sua função não consiste em concretizar o milênio, mas em preparar os eleitos para o advento.

Há uma forte discussão no sentido de compreender as mobilizações messiânico-milénaristas e suas relações causais. Enquanto uns apontam a determinação de fatores estruturais e sócio-econômicos, outros, segundo Queiroz (1995), não negam a dimensão econômico-material mas destacam questões culturais, míticas e/ou religiosas no estudo dessas manifestações. Para Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976), por exemplo, movimentos milénaristas brasileiros são manifestações que denunciam crises que atingem segmentos sociais específicos. Já no entendimento de Vittorio Lanternari (1974), os movimentos visam a regeneração do mundo onde à medida que se desenrolam, estabelecem uma renovação consciente da cultura religiosa estabelecida e colocam premissas de uma reforma de toda a vida social, política e cultural, supondo crise e descontentamento na sua origem. Para Josildeth Gomes Consorte (1973), as mobilizações messiânico-milénaristas se constituem como ações articuladas a partir da desestruturação profunda dos modos de vida tradicionais. Para Rossi (2002), a idéia de messianismo vinculada somente ao pobre não é suficiente. Para este autor, a idéia é que o messianismo não é algo exclusivo dos dominados, mas também visível entre as classes dominantes. Se o marco teórico da maioria dos autores que trabalharam com o messianismo permite vislumbrar a conclusão de que o messias tem relação exclusiva com os dominados (e sua realização se dá no cotidiano das dificuldades), Rossi diz ser difícil encontrar um autor que afirme que a classe dominante tem utopia messiânica.

²¹ Tradução do autor.

Barabas (Ibid., p.14) sugere que a terminologia mais conveniente e global é aquela que permite incluir os movimentos salvacionistas dentro da categoria mais ampla de movimentos sócio-religiosos²². Barabas (1987) está pautada pela casuística dos movimentos milenaristas indígenas do México, no contexto do colonialismo. A autora argumenta que estes não devem ser entendidos como reações irreflexivas de massas excitadas e irracionais, mas pelo contrário, como “expressão das esperanças coletivas que manifestam, através dos séculos, o desejo e a vontade de alcançar a liberdade” (Ibid., p. 42). Sua proposta é interessante ao articular o “social” e o “religioso”, tonando evidente que estas dimensões não podem ser consideradas separadamente. É interessante também porque reconhece nos milenarismos/profetismos/ messianismos a manifestação de anseios legítimos de um setor social qualquer.

Mas estes autores estão tratando de setores sociais que se caracterizam por homogeneidades percebidas como dadas: identidade étnica, identidade como pobres, discriminados, etc. No caso do pertencimento religioso nas sociedades urbanas contemporâneas, a homogeneidade grupal, quando aceita e percebida, é conscientemente construída pela vontade e determinação. Daí que a análise do milenarismo ganha se levar em conta as constrições que os sujeitos fazem do milenarismo a que se vinculam e suas justificações (Dickie, 1999).

Por um lado, não é possível caracterizar as Testemunhas de Jeová como um grupo oriundo de uma classe social determinada. Elas não são originadas de um mesmo contexto ou sujeitas às mesmas condições sociais e econômicas contra as quais viessem a se rebelar. Não configuram, neste sentido, um segmento social específico em crise econômica e social²³. Por outro lado, o projeto missionário testemunha-de-jeová busca como fim último mudanças nos valores morais da sociedade como cumprimento da vontade de Jeová, o que, por um lado, os isenta de qualquer tipo de engajamento voltado a mudanças sociais mas evidencia a vivência de uma “crise de valores”. Isto dificulta caracterizá-los como um movimento sócio-

²² Nomenclatura cunhada por Vittorio Lanternari (1974).

²³ Não tive acesso a informações que me possibilite caracterizar as Testemunhas de Jeová em geral no mundo como um segmento sócio-econômico específico. Há indicações no entanto de que, no Brasil, se se caracterizam por serem oriundos das camadas médias e médias baixas (informações pessoais das Testemunhas de Jeová).

religioso conforme os termos propostos por Barabas. No entanto, sua proposta permite conceber o milenarismo de uma forma menos simplista do que aquela que o considera como uma resposta direta das classes desfavorecidas ou oprimidas. A religião é construtiva da ação e não mera resposta ao mundo.

O milenarismo do grupo aqui pesquisado se estabelece não a partir de elementos de pobreza, miséria e injustiça social, conforme apresentam diversos autores que trataram o tema. O movimento milenarista das Testemunhas de Jeová não está limitado à ideologia dos grupos marginalizados, e a idéia vinculada somente ao pobre não é adequada a este estudo de caso. Não estamos tratando de um grupo que sofre uma opressão econômica e grande estado de miséria, mas sim, de um grupo que traz elementos de sofrimento e perseguição, elaborando uma auto-atribuição vitimizada²⁴ muito forte. O sonho de construção de uma “antisociedade” não se funda em um protesto pela miséria, injustiça e pobreza. Estes são vistos como indicativos do fim dos tempos. A finalidade do trabalho proselitista/missionário das Testemunhas de Jeová é o de garantir as condições para a salvação no momento do Armagedom. Só assim povoarão uma sociedade justa e perfeita onde todos viverão em paz e harmonia por vontade de Jeová.

A origem etimológica do termo *utopia* significa “não-lugar” ou “lugar inexistente”. Desde Platão até os socialistas utópicos contemporâneos, a utopia estava relacionada à análise crítica das sociedades por eles vividas. Estabeleciam a construção imaginária de uma anti-sociedade, mediante a qual diagnosticavam a miséria e detalhavam a sociedade perfeita que serviria de exemplo ao futuro da humanidade. Assim esboçada, a utopia pretendia encarnar os desejos fundamentais do ser humano e encaminhar a sociedade a um bem estar terreno. Apesar de diversas críticas a estes “gêneros utópicos”, estes pensadores denunciaram mais radicalmente os abusos dos grupos dominantes e pretenderam comunicar ao ser humano a esperança de novas e melhores perspectivas de vida (Barabas, 1987).

A outra expressão histórica da utopia, assim considerada pelos estudiosos dos movimentos camponeses da Idade Média, é o milenarismo e o messianismo. Para Barabas (Ibid.) enquanto a utopia social abstrata (inspirada no sofrimento, na

²⁴ Esta discussão será tratada em capítulo posterior.

indigência, no despossuído) surgia do pensamento de grupos intelectuais e se desenvolvia na teoria, a utopia dos movimentos populares expressava sua crítica de ordem e sua esperança em um futuro melhor e diferente, em termos de linguagem religiosa do cristianismo. Assim, a legitimidade que encontrava a coletividade descontente nas promessas da religião, garantia participação ativa na efetuação da mudança. Desta forma, para Barabas a distância entre a utopia social abstrata e a utopia milenarista é, de certa forma, justificada. Estas duas formas de utopias coexistem na história do ocidente, muitas vezes entrecruzando-se, nutrindo-se uma da outra e muitas vezes caminhando em paralelo. Baseando-me novamente em Barabas, apresento uma síntese de relação entre as duas formas de utopia.

Das utopias da antigüidade, *A república* de Platão serviu como modelo de inspiração para épocas posteriores. Estas primeiras utopias sociais recorrem a elementos que serão retomados por outras utopias, como por exemplo, a causalidade atribuída ao desaparecimento da propriedade privada e, por conseqüência, o surgimento da justiça e felicidade humana. Essa utopia se propunha a ser uma sociedade baseada em rígida legislação, e situava-se não somente na denúncia e no repúdio da ordem estabelecida, mas na afirmação do homem de estabelecer uma sociedade onde reinaria a felicidade e a justiça. Estas e outras visões e expectativas utópicas são, na maioria dos casos, projetadas como reordenamentos do conhecido ou como retornos ao passado. Para Barabas são, na verdade, intentos de transformação de realidades onde os desejos necessitam de concretizações.

A utopia judaica centra-se na espera de um novo céu e uma nova terra, onde o êxodo faz parte da rebelião dos escravos do Egito. O Deus que guia Moisés se manifesta a favor do povo subjugado, auxiliando na busca da “terra prometida”. É desta forma que o “Deus dos hebreus” se manifesta como messiânico, estabelecendo Moisés como profeta e dando a ele a missão de manter o povo eleito sempre aberto à promessa do reino de liberdade. A utopia judaica é uma utopia concreta porque sua concepção escatológica se mostra, no processo de revelação bíblica, como oposição ao culto estabelecido que garante a ordem dada. É também concreta porque a espera- esperança não está posta em um Deus transcendente, mas na fraternidade coletiva e na vontade dos homens de ascender ao reino da liberdade. Vontade esta que ocorre por causa da figura do messias. Este fundamento

messiânico e profético da mitologia bíblica suporta a perspectiva revolucionária do cristianismo, que é retomada pelos movimentos milenaristas e messiânicos posteriores.

Os modelos utópicos surgidos do racionalismo e industrialismo continuam configurando-se como projetos ideais distantes das expectativas e da participação ativa das bases sociais; e eis o motivo pelo qual não superam sua condição de utopias abstratas. Na utopia concreta, ao contrário, a transformação radical como realidade é uma expectativa que encontra sua possibilidade de realização na participação coletiva das bases sociais. Outra vertente da utopia concreta é a milenarista. A utopia milenarista significa “uma abertura à esperança do anunciado (profecia), do prometido que ainda não é; esperança que se encontra sempre garantida pela religião” (Ibid., p. 83).

Outra distinção entre utopia abstrata e concreta milenarista apontada por Barabas (Ibid.) pode ser expressa através de pares de oposições. Enquanto que a utopia abstrata se define pelo individualismo, teorização, totalitarismo e irrealização, a utopia concreta se realiza pela coletivização, estado prático, comunitarismo e realização. A oposição deste último, irrealização *versus* realização revela a problemática da viabilidade da utopia concreta milenarista. A autora refere-se à Ernst Bloch²⁵, que argumenta que estes movimentos representam não meras ilusões em conteúdo, mas “projeções da esperança totalizadora que constitui o princípio de toda revolução” (Ibid., p. 85). Bloch adverte que a esperança no reino de liberdade se desvanece todas as vezes que se deseja concretizá-lo. E questiona-se: o característico da utopia milenarista não seria nunca realizá-lo? Barabas responde a este questionamento através de Desroche²⁶, que argumenta que o fracasso na realização da utopia milenarista constitui da mesma forma o seu triunfo. Neste sentido, a viabilidade da utopia milenarista não deve estar baseada nas realizações, mas na sustentação da esperança que dá aos homens novos significados e os mobiliza em favor de um mundo melhor. “O fracasso total ou parcial dos milenarismos e messianismo não nega sua factibilidade, pelo contrário, projeta sua

²⁵ Ernst Bloch, *El principio esperanza*, vol. 3, Edit. Aguilar, Madrid, 1980.

²⁶ Henri Desroche, *Sociologie de l'esperance*, Cal Mann-Lévy, Paris, 1973.

possibilidade de ser o futuro; domínio da esperança e da imaginação criadora” (Ibid., p. 85).

Eis o que Barabas chamou de *utopias concretas*, pois a “espera-esperança” está firmada em uma fraternidade comum, contrapondo as *utopias abstratas*, que se definem pelo individualismo, totalitarismo e irrealização. O milenarismo das Testemunhas de Jeová não pode ser caracterizado como um movimento coletivo do mesmo tipo dos acima mencionados. De acordo com Flora (2001:05), uma característica diferencial em relação aos movimentos brasileiros históricos é que o grupo não caracteriza, propriamente, um *movimento* no sentido de uma ação coletiva, onde houvesse a carência de condições políticas institucionais e onde o movimento pudesse ser eficaz como agente de uma mudança social ampla, organizado com a finalidade de construir o novo mundo (Dickie, 1999). Antes, como outros milenarismos contemporâneos, se caracteriza por constituir grupos de adeptos que devem, individualmente, perseguir a realização das condições necessárias (e prescritas) para atingir a salvação.

2.2. O Tempo das Testemunhas de Jeová

O fato é que as Testemunhas de Jeová caminham calcados em uma perspectiva milenarista, implicando em uma consciência de tempo²⁷ muito específica. Relativizar o tempo e percebê-lo como construção cultural é um esforço surpreendente, sendo interessante pensar como esta categoria contribui para um reforço do etnocentrismo inerente a cada cultura. Passo a considerar o tempo, de acordo com Dickie (1996), como uma concepção construída histórica e culturalmente, ou seja, como produto de um contexto sócio cultural e fator de grande relevância na vida das pessoas: as percepções de tempo, que os grupos

²⁷ *Consciência de tempo* é um conceito de P. Ricoeur (Ricoeur, 1985 apud Dickie, 1996) que dá conta de dois eixos da dimensão temporal dos atores: aquele horizontal da relação entre eventos tal qual construída por eles (a organização e a qualificação do tempo), e aquele vertical do tempo com os atores (a vivência de acordo com a organização e a qualificação do tempo).

sociais engendram a partir de seus contextos, condicionam a vida cotidiana, determinam rotinas, definem prioridades, etc. No caso do grupo milenarista estudado, o milênio é uma duração temporal, marcada pela vinda do reino de Jeová; um período definido e desejado pelos fiéis como início de uma nova vida.

Montenegro (1996), por sua vez, acrescenta:

Vemos que para eles o devir temporal é concebido como um processo mecânico governado por uma lei inexorável - o cumprimento do plano divino - cujo conteúdo total (...) encontra-se na bíblia. Esse é o referente imutável que concebem por trás das mudanças constantes (Ibid., p. 81).

Como salientou Montenegro, a Bíblia assume papel fundamental neste cenário. Para as Testemunhas de Jeová, a Bíblia é a única fonte que permite estabelecer um esquema cronológico que abrange o início da humanidade até o final dos tempos e a posterior restauração de um paraíso na Terra. Montenegro utiliza uma distinção feita por Suzanne Lallemand²⁸ entre cosmologia e cosmogonia, uma vez que esta distinção ordena e relativiza o espaço atribuído pelas Testemunhas de Jeová à Bíblia como fonte máxima de autoridade. Segundo Lallemand, entende-se por cosmologia um conjunto de crenças e conhecimentos que abrangem o universo natural e humano. Por cosmogonia, “entende-se como a parte desse todo mais amplo que se concentra especialmente na explicação da criação do mundo, expondo sob a forma de mitos, idéias sobre a origem do cosmos e sobre o processo de constituição da sociedade” (Montenegro, 1996:64). Logo, para as Testemunhas de Jeová a Bíblia é a fonte dessa cosmogonia. Ela contém, em sua percepção, a verdadeira história sobre a origem do universo, criação do homem, seu propósito, queda e destruição. É na Bíblia que encontramos a narração cosmogônica relatada e publicada diversas vezes pelo grupo.

Para as Testemunhas de Jeová, o milênio supõe um futuro relativamente próximo para sua concretização. Mais próximo ainda está o Armagedom, e por isso

²⁸ Suzanne Lalleman. "Cosmogonia e Cosmologia". In: Augé, Marc. **A Construção do Mundo: Religião, Representações, Ideologia**. São Paulo: Edições 70, 1978.

para o grupo o conhecimento do que acontecerá apresenta-se como algo urgente. Mais importante ainda é a descoberta do início deste novo tempo: eis o motivo da grande quantidade de profecias “arriscadas” até hoje. Na cosmologia testemunha-de-jeová as profecias são mais destacadas que a nova ordem que virá, e o Armagedom (a batalha final), ocupa um lugar mais destacado que o próprio milênio. A urgência do “tempo do fim” é caracterizada não somente pela indicação de eventos específicos identificados pelo grupo como indicativos do fim dos tempos – miséria, solidão, guerras entre as nações – mas caracteriza-se pela administração no uso do tempo. Investe-se, então, em inúmeras leituras direcionadas às verdades bíblicas, em tempo de estudos bíblicos, em reuniões. Mas investe-se principalmente no número de horas dedicadas ao trabalho proselitista. O tempo disponível (em um fim de semana ou nas férias, por exemplo), tem de ser utilizado na divulgação da mensagem. É a pressa que os estimula a realizar este trabalho neste tempo.

A crença e a realidade das Testemunhas de Jeová está permeada de profecias, concretizadas ou não. Fracassada uma profecia, argumentam: “(...) esperanças não realizadas não são exclusividade dos nossos dias. Os próprios apóstolos tiveram semelhantes expectativas indevidas... Jeová é digno de ser leal e de louvor com ou sem a recompensa final” (Proclamadores, p.78). Se a leitura do material “nativo” tem revelado um posicionamento mais cauteloso quanto à marcação de eventos e um claro reconhecimento de possíveis erros cometidos por marcarem datas da volta do reino de Deus, hoje encontramos no grupo não somente este reconhecimento, mas um movimento “discreto” capaz de arriscar algumas profecias. A indicação de que estamos nos “últimos dias” propicia esta reflexão. Baseadas em Lucas 21:31 e 32 (“Quando virdes estas coisas ocorrer, sabeis que está próximo o reino de Deus²⁹. Deveras, eu vos digo: Esta geração de modo algum passará até que todas estas coisas ocorram”), acreditam que a geração que estava viva no começo do cumprimento do sinal de 1914 está agora bem avançada em idade. Logo, para eles, o tempo que resta deve ser muito curto e as condições mundiais fornecem toda a indicação de que este é o caso.

²⁹ Isto é, o tempo em que esse reino destruirá o atual mundo iníquo e ele próprio assumirá o pleno controle dos assuntos da terra.

Esta “espera-esperança” nos remete ao comentário de Desroche (1973, apud Barabas, 1987), citado anteriormente, que argumenta que o fracasso na realização da utopia milenarista constitui da mesma forma o seu triunfo. A utopia milenarista das Testemunhas de Jeová se baseia não nas realizações das profecias estabelecidas pelo grupo, mas na esperança que oferece a eles novos significados, mobilizando-os em busca de um mundo melhor. Queiroz (1976: 46) também pontua esta questão, ao referir-se a um termo utilizado por Paul Alphandéry (1898)³⁰. A “Espera Messiânica”, como este autor se referiu, passa a remeter aos anseios do povo, como sendo aquelas crenças que não se concretizam obrigatoriamente em movimentos messiânicos. Logo, essa espera messiânica se aplica perfeitamente ao estudo de caso aqui proposto, considerando que a iminência da volta e as expectativas, concretizadas ou não, oferecem ao grupo um universo simbólico de significados que transporta-os ao desejo de construção de um mundo melhor. A espera em si não gera no grupo desalento e desestímulo, mas sim, renovação da esperança e reforço dos valores já então desenvolvidos.

Esta mobilização que gira em torno da expectativa da volta, da iminência do milênio, se realiza através do testemunho. Testemunho este que é gerado por essas profecias, ainda que fracassadas (no limite temporal, relacionadas às datas marcadas). A iminência da volta do reino de Jeová e suas implicações é o que organiza o grupo na relação que estabelecem com o tempo urgente. Para as Testemunhas de Jeová a missão do cristão na Terra “é proclamar a mensagem do Reino de justiça do Senhor” (Raciocínios, p. 77), e como auto-definição assumem: “sociedade mundial de pessoas que dão ativamente testemunho sobre Jeová Deus e Seus propósitos com a humanidade (...) (Ibid., p. 384). Este “testemunhar” foi comissionado por Jesus que, antes de acender aos céus, confiou aos seus apóstolos dizendo: “Sereis testemunhas de mim... até as partes mais distantes da terra” (Atos 1:8). Jesus predissera também que “estas boas novas do reino seriam pregadas em toda a terra habitada, em testemunho a todas as nações (Mt. 24:14)”. Isto significa dizer que as profecias, experienciadas pelo grupo ou não, são expressas através da

³⁰ Alphandéry, Paul. **Notes sur le messianisme médiéval latin**. Rapports Anuels de la Section des Sciences Religieuses. École Pratique des Hautes Études, Paris, 1898-1914.

importância dada por estas pessoas à exposição da razão de sua esperança, a comissão que receberam de falar sobre o Reino para o mundo. Mundo este que jaz no pecado.

Neste sentido, torna-se viável estabelecer uma relação entre milenarismo e missão. A concepção de tempo das Testemunhas de Jeová se realiza pautada pelos elementos milenaristas, ou seja, a partir desta espera-esperança que diz que o agora é a evidência dos “últimos dias” e define a urgência do tempo. Esta urgência é estimulada pela iminência da volta e diante da possibilidade da volta. Esta urgência revela-se no discurso do grupo: “(...) o tempo é curto. O tempo está-se esgotando, não resta dúvida sobre isso (...)” (Proclamadores, p. 104).

Logo, no caso de religiões milenaristas como as Testemunhas de Jeová, o tempo é um limite definido e desejado: as doutrinas milenaristas prescrevem uma duração de tempo até a chegada do *milênio*, e o próprio milênio é uma duração temporal. Por outro lado, por se caracterizar como um milenarismo muito rígido (no sentido de dirigir a ação dos fiéis, regulando e norteando noções de tempo, valores e condutas morais) e muito disciplinador (a estrutura altamente homogênea e hierarquizada do grupo revela-se assim), acaba por selecionar os meios e as formas de realização de ações, de forma a impedir que qualquer fator saia do controle. Tratarei destes aspectos no capítulo 4.

3. A Refeição Noturna do Senhor

Apesar das publicações do grupo serem elementos constantes de informação e aproximação com diferentes temáticas por mim analisadas, foi no trabalho de campo que vivenciei eventos específicos que remetiam à volta de Jeová. Através da celebração da Refeição Noturna do Senhor pude perceber, de fato, a temática do milenarismo presente no grupo em um ambiente de vivência e não através de seus escritos. Antes de descrevê-lo, porém, vale ressaltar que apesar do grupo remeter à expectativa da instauração do Reino de Jeová também em eventuais conversas

informais e/ou em discursos proferidos pelos anciãos na congregação, foi somente nesta celebração que percebi fortes evidências de um “movimento de grupo” elaborado com base nesta expectativa.

A Refeição Noturna do Senhor é para as Testemunhas de Jeová uma celebração referente ao dia em que Jesus reuniu seus apóstolos para celebrarem a Páscoa anual. Após terem comido a refeição pascal, Judas retirou-se do ambiente, e para os 11 apóstolos que ficaram com Jesus, ele introduziu a Refeição Noturna do Senhor. É chamada também, segundo o grupo, de Comemoração, visto que Jesus ordenou aos seus seguidores: “Fazei isso em minha comemoração”. Segundo as Testemunhas de Jeová, Jesus instituiu uma refeição comemorativa – que serviria de auxílio para a memória, ajudando os seus discípulos a recordar os acontecimentos muito significativos daquela noite de 14 de nisã de 33 EC³¹ (Era Comum). Esta observância é às vezes chamada de Comemoração da Morte de Cristo.

A Comemoração foi instituída com base em dois motivos. O primeiro deles, segundo o grupo, tem a ver com um dos objetivos da morte de Jesus: “Ele morreu como defensor da soberania do seu Pai celestial. Cristo provou assim que satanás, que havia acusado falsamente os humanos de servirem a Deus por motivos egoístas, era mentiroso” (*A Sentinela*, 15/02/2003). O segundo motivo da instituição da Refeição Noturna do Senhor foi para lembrar que, por meio da sua morte como humano perfeito, “Jesus ‘deu a sua alma como resgate em troca de muitos’ (Mateus 20:28)” (Ibid.). De forma resumida, a celebração da Refeição Noturna do Senhor lembra “o grande amor demonstrado tanto por Jeová como por seu Filho, expresso na morte sacrificial de Jesus” (Ibid.).

Quanto à frequência da celebração, apesar de Jesus não mencionar nada específico, ele instituiu a Refeição Noturna do Senhor e foi morto no dia da Páscoa, dia 14 do mês judaico de nisã, celebrada como “recordação” do livramento de Israel da servidão egípcia em 1513 AEC (antes da era comum). A Páscoa era realizada apenas uma vez por ano, e Jesus intencionou que a Comemoração fosse celebrada do mesmo modo. Isso indica, segundo o grupo, que a morte de Jesus deve ser

³¹ Nisã é o mês judaico. O Dia 14 de Nisã no ano de 2003 caiu no dia 16 de Abril, quarta-feira.

celebrada com a mesma frequência da Páscoa- anualmente- não mensal, semanal ou diariamente.

Quando Jesus instituiu a Comemoração, “Tomou ... um pão, deu graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: ‘Isto significa meu corpo que há de ser dado em vosso benefício. Persisti em fazer isso em memória de mim.’” (Lucas 22:19). Os símbolos ou emblemas (pão sem fermento e o vinho) são utilizados por Jesus como elementos simbólicos. O pão sem fermento simbolizava seu próprio corpo carnal sem pecado, que ele entregou em favor do mundo. O vinho, por sua vez, foi utilizado por Jesus como representação de seu próprio sangue, que seria derramado para servir de base de um novo pacto com os discípulos “ungidos com o espírito”, “que governariam com ele no céu quais reis e sacerdotes” (*A Sentinela*, 01/04/2003). O vinho simboliza também o sangue derramado por Jesus para o perdão dos pecados, “abrindo assim o caminho para os participantes serem convocados para a vida celestial como co-herdeiros de Cristo” (Ibid.). Logo, somente os cristãos ungidos (aqueles que fazem parte dos 144 mil que irão governar a Terra com Cristo no céu) são os únicos que comem o pão e tomam o vinho na Comemoração. As “outras ovelhas”, ou seja, aqueles que não vão governar com Cristo no céu mas usufruir a vida eterna numa Terra paradisíaca (a grande multidão), “têm prazer em ser observadores apreciativos da Ceia do Senhor” (Ibid.).

3.1. O Evento

Todas as congregações das Testemunhas de Jeová espalhadas pelo mundo celebram no mesmo dia a Refeição Noturna do Senhor. Porém, cada congregação realiza seu próprio evento localmente.

Já no início de minhas visitas à congregação da Lagoa, em meados do mês de março de 2003, estavam sendo divulgadas à comunidade algumas informações a respeito do evento. Uma delas dizia respeito ao local da realização da Celebração para o ano de 2003. A Refeição Noturna do Senhor é realizada sempre em algum local alugado, geralmente fora do Salão do Reino onde ocorrem as Reuniões

regulares. No caso da Congregação da Lagoa, o motivo de “sair” deveu-se ao fato de que o Salão onde ocorrem as reuniões regulares ser muito pequeno, suportando cerca de no máximo 70 pessoas. Para um evento importante como este (onde além da Celebração “em si”, visa-se levar visitantes e convidar possíveis pessoas afastadas) tornava-se necessário alugar um outro local mais amplo. No início de minha pesquisa, as informações divulgadas à comunidade tratavam do dia da celebração (em 2003, seria realizada no dia 16 de Abril), assim como o local da realização do evento. Os membros eram estimulados a convidar outras pessoas, como amigos, parentes e vizinhos, e era notável certa expectativa por parte do grupo para a realização da Celebração.

Chega, então, o dia do evento. Não houve alteração na programação das reuniões, considerando que o dia da Celebração estava marcado para 16 de Abril, quarta-feira, “após o pôr do sol”. Levando em consideração os repetidos convites de minha informante, meu esposo me acompanhou no evento. Vale notar que como este acontecimento é marcadamente (pelo grupo) um evento especial, fomos vestidos de forma similar ao grupo: meu marido com terno e gravata, e eu com um vestido de festa (marcando uma diferença nos trajes que eu estava habituada a usar durante minhas visitas ao Salão). Estávamos vestidos de forma adequada ao ambiente, não marcando diferenças no vestuário.

O local alugado para a realização do evento foi um salão de um hotel conhecido em Florianópolis, notado por sua beleza, excelente infra-estrutura e proximidade ao mar, propiciando uma vista muito agradável. Havia muitas pessoas na entrada do Hotel, cumprimentando os que chegavam com apertos de mão, sorrisos e seguidos “sejam bem vindos!”. Esta recepção “calorosa” contrastou de certa forma com a recepção muitas vezes indiferente que presenciei inúmeras vezes no Salão, o que denotou, de fato, um evento esperado e almejado pelo grupo.

Logo em minha chegada encontrei Dalva, que nos convidou para sentar ao seu lado. O lugar onde estávamos sentados era próximo à porta de entrada. Desta forma, todos que chegavam nos viam e nos cumprimentavam. O grupo reagiu à presença de meu marido com muito entusiasmo, elaborando em seus discursos notável expectativa quanto à nossa frequência regular às reuniões do grupo.

A Celebração teve seu início exatamente às 19:00 horas. O esquema da Celebração era muito semelhante às dinâmicas dos encontros semanais³²: Após o discurso público sobre a morte de Cristo, o ancião relatou para o grupo dados sobre a Refeição Noturna do Senhor ocorridos em todo o mundo no ano de 2002. Fui surpreendida com os altos números apresentados. Segundo suas estatísticas, participaram em 2002 da Refeição Noturna do Senhor 15.597.746 (quinze milhões, quinhentos e noventa e sete mil, setecentos e quarenta e seis) pessoas, presentes em mais de 94 mil congregações espalhadas pelo mundo. Destas, apenas 8.760 (oito mil setecentos e sessenta) participaram dos “emblemas” (ou seja, os ungidos).

Após o discurso proferido pelo ancião, o ancião presidente (Carlos, o missionário que atuava junto à comunidade) foi à frente e assumiu o microfone, convidando a comunidade a orar novamente. Após esta oração deu-se, então, início à Comemoração. O salão que comportou o público estava dividido em duas colunas, com corredores largos entre elas, estando a tribuna à frente. O missionário Carlos convocou um terceiro ancião, o servo ministerial e mais três jovens rapazes (que não eram servos ministeriais) para ajudá-lo na Celebração. O ancião que proferiu o discurso sentou-se junto ao público. No total, os seis homens se dividiram (três para cada lado) entre os corredores.

A Celebração foi iniciada com o pão ázimo (sem fermento), entregue pelos homens às primeiras pessoas que estavam sentadas nos bancos da frente. Em duas bandejas pequenas (uma para cada fileira), o pão foi passado de mão em mão, sendo auxiliado pelos homens que permaneciam nas extremidades das fileiras, com a função de transferir a bandeja para a próxima fileira que aguardava nos bancos de trás. A bandeja foi passada de mão em mão; todos a olhavam, mas ninguém tocava ou comia o pão. O silêncio neste momento era absoluto no salão. Depois da bandeja passar pelas mãos de **todos** os participantes, os homens que estavam de pé auxiliando na passagem do pão sentaram-se ao lado do ancião que proferiu o discurso (que já estava sentado), e passaram a bandeja um ao outro.

³² Para uma descrição densa dos eventos regulares praticados pelo grupo, vide capítulo 4. Para o momento, descrevo brevemente a dinâmica da Celebração para que o leitor atente ao discurso proferido e elaborado pelo grupo à temática Milenarista.

O mesmo ocorreu com o vinho. Uma bela taça de cristal com vinho tinto foi passada de mão em mão, sem que ninguém bebesse, repetindo o mesmo procedimento anterior. O silêncio absoluto permaneceu. Havia grande reverência e respeito (refletida pela seriedade do semblante) por parte dos presentes. De igual forma, quando a taça passou pelas mãos de todos os presentes, os homens sentaram-se junto ao ancião que já estava sentado, e passaram a taça um ao outro, de maneira que todos participaram do ritual. Todos os presentes no salão, sem exceção, passaram o pão e o vinho. Mas ninguém bebeu ou comeu. Encerrado este momento, e após um segundo breve discurso, encerrou-se a Celebração (que teve seu início pontualmente às 19:00 horas e encerramento às 21:00 horas).

Creio ser necessário explicar ao leitor com maior detalhe alguns aspectos que envolveram a prática da Celebração, a fim de obtermos entendimento dos reais significados deste evento. Tratei em momento anterior a respeito do simbolismo do pão e do vinho na Celebração. Mas vale oferecer mais detalhes, na medida em que existem fortes argumentações por parte do grupo para a escolha da elaboração de um pão sem fermento e de um tipo de vinho muito específico, e não um vinho qualquer.

O pão utilizado por Jesus quando este instituiu a Comemoração era o pão utilizado na ocasião para a comemoração da Páscoa judaica. Considerando as palavras de Jesus durante a Comemoração (“Isto significa meu corpo em vosso benefício” Marcos 14:22), era apropriado que o pão fosse sem fermento. Logo, se o pão representava o corpo humano perfeito e sem pecado de Jesus, o fermento às vezes simbolizava maldade, iniquidade ou pecado.

Cientes disso, as Testemunhas de Jeová seguem o precedente estabelecido por Jesus, por usarem pão sem fermento na Comemoração. Em alguns casos, usam *matzos* (pães ázimos) judaicos, sem tempero e sem ingredientes extras tais como cebola ou ovos. Em outros casos, pão sem fermento pode ser feito com uma pequena quantidade de farinha integral (quando possível, de trigo) misturada com um pouco de água. A massa deve ser esticada para ser fina e pode ser assada numa forma

levemente untada, até que o pão fique seco e crocante” (*A Sentinela*, 15/02/2003).

De igual modo, o vinho que havia no copo quando Jesus o tomou, rendeu graças e o deu aos apóstolos, simbolizando o “sangue do pacto que há de ser derramado em benefício de muitos” (Marcos 14: 23 e 24) era, segundo o grupo, um vinho fermentado, e não suco de uva. “Por exemplo, o vinho fermentado, e não o suco de uva, rebentaria ‘odres velhos’, como Jesus disse. E os inimigos de Cristo o acusavam de ser ‘dado ao vinho’. Esta acusação não teria sentido se o vinho fosse apenas suco de uva” (*A Sentinela*, 15/02/2003). Logo, segundo eles, somente vinho tinto é um símbolo adequado do sangue derramado por Jesus e foi o vinho tinto que usou quando instituiu a Comemoração.

Alguns vinhos tintos atuais, porém, não são aceitáveis, porque são fortificados com aguardente ou outro tipo de álcool, ou se acrescentam a eles ervas aromáticas e especiarias. O sangue de Jesus era adequado, não precisando de nenhum acréscimo. Portanto, vinhos tais como porto, xerez e vermute não seriam apropriados. O copo da Comemoração deve conter vinho não adoçado e não fortificado. Poderia usar-se vinho tinto sem adoçantes, feito em casa, e também vinhos tintos tais como o Borgonha e o clarete (Ibid.).

Não somente estes dois aspectos (o pão e o vinho) nos trazem clareza e entendimento a respeito dos reais significados do evento da Refeição Noturna do Senhor, mas também o aspecto dos “ungidos”, ou seja, aqueles que fazem parte dos 144.000 escolhidos que governarão a Terra com Cristo no céu. Somente estes ungidos podem tomar o vinho ou comer o pão. Tão somente estes estão habilitados a participar da Comemoração, e Deus reservou esse privilégio àqueles que ele ungiu com espírito santo para serem “co-herdeiros de Cristo”. Aqueles que esperam viver para sempre no paraíso global sob o governo divino, visto que não são co-herdeiros

de Jesus com esperança celestial, apenas assistem à Comemoração como “observadores respeitosos”.

Especialmente a partir de 1935, quando as Testemunhas de Jeová fizeram uma grande “revisão teológica” a respeito da doutrina dos 144.000, passou-se a dar atenção também à busca de “novas ovelhas”, ou seja, aqueles “que tem fé no resgate, que se dedicam a Deus e que apoiam o ‘pequeno rebanho’ dos unguídos na pregação do reino” (*A Sentinela*, 15/02/2003). Assim, na década de 30, de acordo com o grupo a classe celestial estava praticamente completa. Desde então, tem-se concentrado esforços na busca de “outras ovelhas”, cuja esperança é terrestre. Caso um unguído se torne infiel, é muito provável que alguém, que já por muito tempo serve fielmente a Deus como uma das outras ovelhas, seja chamado para preencher a vaga deixada nos 144.000.

Os cristãos “gerados pelo espírito” (os unguídos) têm certeza de ter sido incluídos em um novo pacto. Jesus mencionou-o ao usar pão ázimo e vinho para instituir a Comemoração da sua morte: “Este copo significa o novo pacto em virtude do meu sangue, que há de ser derramado em vosso benefício.” (Lucas 22:20). Os participantes deste novo pacto são aqueles que Jeová propõe conduzir à glória celestial. Este novo pacto tira das nações um povo para o nome de Jeová e os torna parte dos “descendentes” de Abraão. Assim, pois, os cristãos gerados pelo espírito têm certeza de que estão no novo pacto e no pacto para o Reino. Portanto, na celebração da Refeição Noturna do Senhor, apenas os relativamente poucos remanescentes dos unguídos ainda na Terra participam do pão, que representa o corpo humano, sem pecado, de Jesus, e do vinho, que significa o sangue perfeito dele derramado na morte.

Na celebração da Refeição Noturna do Senhor comemorada pela Congregação da Lagoa, grupo que realizei meu trabalho de campo, não havia nenhum unguído, logo, ninguém naquela noite bebeu o vinho ou comeu o pão. Em uma conversa descontraída com Carlos (pioneiro especial que atuava junto à comunidade), perguntei-lhe se ele já havia conhecido pessoalmente algum unguído. Ele respondeu-me que durante o seu treinamento na sede em São Paulo, conheceu “de vista” uma pessoa que se dizia unguída. Porém, segundo ele, era vista com “maus olhos” pelo grupo, já que era muito jovem e conseqüentemente, pouco experiente.

Se por um lado essa ação de grupo no sentido de dar (ou não) crédito ao ungido pode denotar uma coerção social restritiva muito forte, por outro lado não há, à primeira vista, nenhum tipo de proibição ou determinação por parte deste mesmo grupo à pessoa que se auto-elege como ungida. Logo, pude perceber que de uma maneira geral o grupo não atribui grande importância a este fato, nem tampouco ao fato de não fazerem parte do grupo dos ungidos. De tal forma que abordam a esperança na vida terrestre de maneira descontraída e positiva, e também muitas vezes como tema de brincadeiras, ao escolherem já de antemão as casas em que irão morar - preferencialmente na Lagoa da Conceição, com vista para o mar.

Dentro deste contexto, considero que a Refeição Noturna do Senhor é uma celebração que funciona como reforço da identidade testemunha-de-jeová e é o que dá legitimidade às crenças ali compartilhadas. Celebram a morte de Cristo, e em celebrando o passado, o reconhecem como parte de um percurso. Um percurso muito próximo deles, no sentido de se reconhecerem como atores desta história, além de também reconhecerem a atualidade destes eventos. É um processo que está se desenrolando nos dias atuais, o que explica sua urgência em tudo o que se refere ao milênio. Este percurso é parte de uma etapa que terá seu fim com a vinda do reino de Jeová, afirmando desta forma a crença na ocorrência do milênio. A celebração da Refeição Noturna do Senhor vem reafirmar, também, o modo **como** as Testemunhas de Jeová serão salvas. Reafirma uma cosmologia específica de ordenação do milênio, organizando e classificando, dentro do grupo, aqueles que reinarão com Cristo nos céus e aqueles que viverão no paraíso terrestre. A Refeição Noturna do Senhor é uma crença compartilhada pelo grupo que serve como reforço da identidade testemunha-de-jeová, baseando suas concepções na iminência da instauração do Reino. É, por fim, um reforço institucional da esperança por eles compartilhadas.

3.2. A Expectativa da Volta

As Testemunhas de Jeová elaboram grande expectativa quanto à vinda do Reino de Deus, e acabam por construir percepções de tempo baseadas nas possíveis interpretações do “Tempo de Jeová”. “Jeová é o Grandioso Cronometrista. Sua cronometragem dos acontecimentos mostrará ser perfeita. As coisas talvez nem sempre aconteçam como esperamos. No entanto, podemos ter absoluta fé em que todas as promessas de Deus se cumprirão” (*A Sentinela*, 15/09/98).

O grupo acredita restar muito pouco tempo deste “íniquo sistema de coisas” e apesar de aguardarem com grande expectativa os fatos evidentes ocorridos na atualidade, posicionam-se de maneira a reconhecer que ainda é tempo de pregar as boas novas do Reino. “Esta obra tem de ser realizada para a satisfação dele. E ‘então virá o fim’, disse Jesus” (Ibid., p. 17). Este “fim” é aguardado e identificado através do cumprimento de profecias bíblicas, que então identificadas, dá ao grupo plena certeza de que o mundo atual está no “tempo do fim” e de que a promessa de Deus de um novo mundo logo se cumprirá.

Enquanto este “fim” não chega, as Testemunhas de Jeová dedicam tempo e esforço em prestar atenção em si mesmos, dedicando-se em uma conduta ética e moral determinada conforme valores pré-estabelecidos pela Instituição. Este “estado de vigilância” envolve também o anúncio da verdade bíblica a outros. “Neste tempo do fim, cristãos vigilantes que vêem claramente o sinal da presença de Cristo têm de proclamar a outros as ‘boas novas do reino’ e alertá-los de que em breve Cristo virá e executará a sentença de julgamento contra esse sistema iníquo” (Proclamadores, p. 733).

Então, se retomarmos as discussões até aqui tratadas, podemos elaborar alguns aspectos a respeito do milenarismo das Testemunhas de Jeová. Um deles considera que o milenarismo do grupo proposto não está ligado a processos de exclusão relacionados à esfera econômica. A esperança na vinda do reino de Jeová não se dá somente no sentido de corrigir um padrão de miséria, injustiça e pobreza (indicativos deste “sistema de coisas”), mas de alcançar uma sociedade justa e perfeita onde todos viverão em paz e harmonia.

Esta “espera-esperança”, almejada e não concretizada, nos remete à discussão de Desroche (1973) já neste capítulo discutida. Este autor vem argumentar que o fracasso na realização da utopia milenarista pode constituir, da mesma forma, o seu triunfo, como uma espécie de “sustentação da esperança”. A utopia milenarista das Testemunhas de Jeová se baseia não nas realizações das profecias identificadas, mas na esperança que dá a eles novos significados, mobilizando-os em busca de um mundo melhor. A iminência da volta e as expectativas, concretizadas ou não, servem como sustentação de um universo simbólico de significados que auxilia na construção de um desejo coletivo que visa o bem futuro. A espera em si não se presta a gerar no grupo desestímulo, mas sim, renovação da esperança e reforço dos valores estabelecidos. Esta “espera” (que tem embutida em si a renovação da esperança e reforço dos valores) é expressa e elaborada, em grande medida, através da Celebração da Refeição Noturna do Senhor, aqui relatada. É este evento que, a meu ver, contribui em grande parte para a “sustentação da esperança”, na medida em que retoma elementos fundamentais da crença milenarista como parte central de sua prática.

3.3. A expectativa frustrada

Desde o início de seu trabalho em 1872, Russel (o fundador das Testemunhas de Jeová) já anunciava que o “Tempo dos gentios” terminaria em 1914. Mesmo tendo criticado alguns homens que haviam fixado várias datas para a volta de Jeová, Russel estava certo de que existia uma cronologia exata (baseada na Bíblia) que indicava a primeira semana de outubro de 1914 como o fim dos tempos. Muitos dos ungidos acreditaram que iriam para o céu naquela primeira semana de outubro. Porém, nada aconteceu, e todos ainda estavam na Terra. Então, Russel se pronunciou:

(...) Não era nosso desejo que a nossa vontade fosse feita; portanto, quando descobrimos que o que estávamos esperando em outubro de 1914 era errado, ficamos contentes que o Senhor não mudou Seu plano para nos agradar. Não queríamos que Ele fizesse isso. Meramente desejamos entender Seus planos e propósitos (...) Imaginávamos que a obra da colheita (...) seria realizada antes do fim dos Tempos dos Gentios; mas nada na Bíblia dizia isso... (...) Nossa atitude atual (...) deve ser de muita gratidão a Deus, de mais apreço pela bela verdade que Ele nos concedeu o privilégio de enxergar e de ser identificados com ela e de incrementado zelo em ajudar a levar essa Verdade ao conhecimento de outros. (Proclamadores, p. 63).

Calculou-se, já sob a liderança do sucessor de Russel, J. F. Rutherford, que a volta de Jeová estaria marcada para o ano de 1925. Porém, o ano de 1925 chegou, passou e nada aconteceu novamente. E argumentaram: “(...) esperanças não realizadas não são exclusividade dos nossos dias. Os próprios apóstolos tiveram semelhantes expectativas indevidas...” (Ibid., p. 78).

As Testemunhas de Jeová começaram a partilhar, então, a crença de que o Reino Milenar de Cristo viria depois de 6.000 anos da história humana. Esses cálculos, segundo o grupo, apontavam para o ano de 1975. Vale notar que o período que antecedeu esta data tinha como contexto o fim das grandes guerras e relativa “paz mundial”. Segundo o grupo, suscitou-se muitos comentários se, então no ano de 1966, o Armagedom teria terminado e satanás já estaria amarrado. O presidente do grupo na ocasião, F. W. Franz, respondeu: “Pode ser. Mas não estamos dizendo isso. Todas as coisas são possíveis a Deus. Mas não estamos dizendo isso. E que ninguém seja específico ao falar sobre o que irá acontecer a partir de agora (1966) até 1975. (...) A grande questão é: o tempo é curto. O tempo está-se esgotando, não resta dúvidas sobre isso” (Proclamadores, p. 104).

Passou-se, então, o ano de 1975, e as expectativas a respeito da volta do reino de Jeová não se concretizaram. Os registros do grupo mostram, por sua vez, que este evento levou o “Corpo Governante” (neste período liderado por Nathan H. Knorr), em dezembro de 1975, a aprovar “um dos mais importantes reajustes

organizacionais da história moderna das Testemunhas de Jeová” (Ibid., p. 109). A estrutura organizacional que temos hoje no grupo é resultado deste significativo reajuste. A partir de 1º de janeiro de 1976, **todas** as atividades da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados e das congregações das Testemunhas de Jeová espalhadas pela Terra foram então submetidas às comissões administrativas do Corpo Governante. Os resultados desta reestruturação revelam, em grande medida, a reflexão que passo a desenvolver no capítulo seguinte que vai tratar da relação do indivíduo com a Sociedade Torre Vigia.

Capítulo 3

O Indivíduo testemunha-de-jeová

Como mencionei antes, a partir de 1976 iniciou-se uma grande reforma na estrutura organizacional das Testemunhas de Jeová. A Instituição tinha, com esta reforma, o objetivo de cuidar “da melhor maneira possível” (Proclamadores, p.108) de tudo o que estava envolvido na pregação mundial e no trabalho de ensino na Palavra de Deus. Para tanto, o Corpo Governante passou a não mais centrar sua doutrina na marcação de datas específicas para a volta de Jeová, e sim a tomar medidas para fortalecer a convicção entre as Testemunhas de Jeová “da necessidade de continuar zelosamente a proclamar o Reino de casa em casa” (Proclamadores, p. 110). Passou-se a investir, então, em diversos centros de treinamento ao redor do mundo e inúmeras publicações visando reforçar o conjunto de valores por eles compartilhados.

Todo este reordenamento foi liderado por Frederick W. Franz, então presidente da Associação. Este líder, assim como seus antecessores, são reconhecidos pelas Testemunhas de Jeová como homens que contribuíram de modo notável para o progresso da obra do Reino. Os registros do grupo remetem, em ordem cronológica, a Charles T. Russell (o fundador), Joseph F. Rutherford, Nathan H. Knorr e Frederick W. Franz. Mas foi a partir da reestruturação liderada por Franz que a Sociedade Torre de Vigia passou a negar a personificação da Instituição relacionada a um homem específico e a remeter apenas a um líder divino, Jesus Cristo.

Ele (Cristo) é Cabeça dessas Testemunhas organizadas de Jeová, aquele a quem ‘foi dada toda a autoridade’ para dirigir esta obra “todos os dias, até à terminação do sistema de coisas”. (Mat. 28:18-20) Estão determinadas a se submeter à chefia de Cristo, a se apegar à Palavra de Deus e a cooperar com a direção do espírito santo, para que continuem a

avançar na adoração do único Deus verdadeiro e a provar ser “um povo peculiarmente seu, zeloso de obras excelentes”. — Tito 2:14. (Proclamadores, p. 117).

Deste período em diante, as Testemunhas de Jeová passaram a anular a imagem do líder e a remeter exclusivamente à liderança de Cristo. Notei claramente este fato durante meu trabalho de campo. Ao perguntar-lhes a respeito do atual líder das Testemunhas de Jeová, não sabiam informar-me seu nome, de onde era, nem o período de vigência de sua administração. Dalva, minha principal informante, reproduziu o discurso da citação acima. Os quatro líderes citados acima foram usados por Deus apenas para reorganizar e reagrupar as Testemunhas de Jeová na Terra. Hoje, porém, segundo ela, não há necessidade de remeter à pessoa de um líder. “Quem lidera as Testemunhas de Jeová hoje é Jesus Cristo”, relatou-me Dalva. Este deslocamento da personificação de um indivíduo à pessoa de Jesus Cristo é revelador da anulação do valor indivíduo (Dumont: 2000)³³ em prol do valor da Instituição como totalidade. Ao discutir a auto-definição das Testemunhas de Jeová como grupo, Montenegro (1996) mostra um desdobramento no que de um lado é o grupo e o que, de outro, é a Organização. Considerando que grupo é algo que sempre existiu e que organização é algo criado por homens, Montenegro argumenta:

As expressões referidas à organização sempre implicam uma imagem antropomórfica dela, frases como ‘a organização diz’, ‘a organização nos pede’, ‘a organização pensa’ formam parte de um vocabulário cotidiano da congregação; tal imagem remete à idéia de que a organização chamada ‘teocrática’ é quase um canal direto da expressão da vontade de Jeová e por isso o grupo foi por ela englobado (Montenegro, 1996:10).

³³ De acordo com Dumont (2000), o desenvolvimento histórico a partir de uma matriz social do tipo holista para uma sociedade individualista é o que desencadeia o individualismo como um valor. Este seria um traço típico da cultura ocidental.

Ou seja, a Instituição enquanto “ser antropomórfico” engloba a identidade individual do membro Testemunha de Jeová.

Montenegro (1996) utiliza James Beckford³⁴ para conceituar as Testemunhas de Jeová como *seita estabelecida*. Seita porque mantém características de tensão e apartamento do seu meio sociocultural, e estabelecida porque o autor está se contrapondo à idéia evolucionista de que as *seitas* necessariamente se transformariam em *denominações*³⁵. O importante é que a partir de uma classificação das seitas estabelecidas que leva em consideração dois eixos - um eixo vertical que considera o grau de especificidade dos objetivos que o grupo persegue que refere-se à ideologia; e um eixo horizontal, que considera o grau de intensidade com que esses objetivos se perseguem, eixo que se refere à organização – Beckford classifica quatro tipos de grupos: totalizantes, ativistas, individualistas e convencionais. Montenegro (Ibid.) argumenta que Beckford vai considerar as Testemunhas de Jeová como um grupo tipicamente totalizante:

A esta categoria corresponderia um número muito pequeno de grupos caracterizados por uma liderança assertiva por cima do nível de grupos locais, objetivos altamente específicos, imensa condução para lograr os objetivos, rigoroso controle dos membros na demanda por tempo e energia, um controle sobre a qualidade dos neófitos, uma atitude totalizante para com a vida dos membros, claridade (sic) respeito a como devem ser as relações com as autoridades seculares, negativa a cooperar com outras organizações religiosas, uma alta taxa de recrutamento e recâmbio (sic) de membresia e uma baixa taxa de mudança no doutrinal (Montenegro, 1996: 18).

Assim como Montenegro, não estou buscando uma tipologia classificatória para o grupo à maneira de Beckford. Mas parto do princípio de que a discussão que está contida no conceito de “seita estabelecida” pode ser utilizada no sentido não

³⁴ Beckford, James. *The trumpet of Prophecy – A Sociological Study of Jehovah's Witnesses*. Halsted Press Book, John Wiley & Sons, New York, 1975.

³⁵ Não é propósito deste trabalho desenvolver esta discussão, visto que está muito bem desenvolvida por Montenegro (1996).

apenas de diferenciar as Testemunhas de Jeová de outros grupos, mas de conceituá-las em termos missionários. Na bibliografia percorrida sobre o grupo, constatei que apesar do grupo possuir as características que compõem o “tipo ideal” da seita, não é um grupo fundado a partir de um cisma, e sim, criado por um líder que desenvolve a maior parte do corpo doutrinal, recruta seus membros através do proselitismo e lhes exige exclusividade, permanecendo até hoje em um estado de tensão muito grande frente ao mundo secular. O conceito de *seitas estabelecidas* permite considerar a existência de dois tipos: aquelas que literalmente se separam da sociedade (através do isolamento geográfico), e também aquelas que permanecem na sociedade global, nas áreas urbanas - como é o caso das Testemunhas de Jeová (O’dea, 1969).

Neste contexto, o indivíduo passa a ser mera peça de engrenagem da Instituição testemunha-de-jeová. A força totalizadora das Testemunhas de Jeová é tanta que, ainda que esses indivíduos participem do mundo através de suas profissões, eles não se tornam –e não se vêem como - indivíduos fragmentados (Jungblut, 2000). A profissão/trabalho é um mero instrumento de viabilização da existência e de viabilização do projeto testemunha-de-jeová. Logo, eles são indivíduos em um mundo fragmentado, mas totalmente preservados pela Instituição, que os engloba completamente.

Esta percepção de preservação da Sociedade sobre os indivíduos é detectada, num primeiro momento, através do discurso dos pioneiros especiais, Carlos e Eduarda, que estavam durante esta pesquisa trabalhando na congregação da Lagoa da Conceição, em Florianópolis. Em uma das várias conversas que tivemos, eles me informaram que estavam sendo, dentro de alguns meses, transferidos para o interior do Estado do Paraná, onde iriam atuar como “superintendente de circuito” nas congregações da região. Esta função implica num deslocamento constante, visitando e auxiliando a cada semana uma congregação diferente. Ao indagar-lhes sobre os possíveis sacrifícios e dificuldades desta função, considerando que não estabelecem residência fixa (diferente do pioneiro especial, que reside geralmente em um lugar próximo à congregação em que trabalha), responderam-me de forma a reconhecer os sacrifícios de ser um pioneiro e futuramente um superintendente, mas consideraram estarem libertos do “sistema de coisas” vigente. A perspectiva da busca

incessante pelo “ter” é algo que, para Carlos e Eduarda, aprisiona o homem. Logo, para eles, os bens materiais (e aqui me refiro, entre outras coisas, à sua mudança) estão limitados a poucos objetos e pertences pessoais. Esta renúncia aos padrões do “mundo” vai mais além. Como pioneiros especiais, dedicam tempo integral à obra proselitista testemunha-de-jeová e não trabalham em serviços seculares. Este casal provê seu sustento através de doações dos irmãos de diversas congregações e através do recebimento de uma ajuda de custo mensal da Instituição. O recebimento desta ajuda de custo vinda da Instituição Torre de Vigia de Bíblias e Tratados significa dizer, entre outras coisas, que este casal vive conforme as regras de conduta estabelecida pela Instituição. Entre essas regras, há a proibição de ter filhos. Isto significa dizer que se um casal dedicar todos os anos de sua vida à obra missionária, nunca terão filhos. Se porventura isto vier a acontecer, automaticamente eles são desligados da função, deixando de ser Pioneiros. Esta informação, não posso negar, deixou-me surpresa, considerando que eu tinha diante de mim um belo casal recém-casado, ambos novos (Eduarda então com 23 anos e Carlos com 38). Minha surpresa, que por um instante quase se tornou em indelicadeza me levou a olhar para Eduarda e perguntar: “Mas vocês não querem ter filhos?”. Eduarda, com um sorriso nos lábios, respondeu-me despretensiosamente: “Não!”.

É notável na vida dos pioneiros especiais o indivíduo-fora-do-mundo referido por Dumont (2000). Mas considero, na mesma medida, a existência desses indivíduos-fora-do-mundo entre as Testemunhas de Jeová que não dedicam exclusividade à obra missionária e que dividem seu tempo com as tarefas domésticas e seculares, como trabalho, casa, filhos e família. Passo a considerá-los, de igual forma, assim como Carlos e Eduarda, como indivíduos-fora-do-mundo, também vivendo o abismo entre o mundo social em que vivem e o mundo social vigente. Identificar este elemento de separação do mundo em pessoas Testemunhas de Jeová “comuns”, ou seja, com atividades seculares como outra qualquer, salta os olhos por estarem vivendo, em muitos aspectos (trabalho, escola, filhos, contas para pagar, etc.) dentro da sociedade secular. Entre os diversos exemplos possíveis de serem selecionados, um deles nos revela, entre outras coisas, a construção deste indivíduo-fora-do-mundo: as comemorações festivas consideradas pagãs.

Um exemplo diz respeito ao que o grupo chama de aniversários natalícios. Segundo eles, embora as Testemunhas de Jeová respeitem o direito de outras pessoas comemorarem aniversários natalícios, ressaltam que preferem não participar de tais comemorações. Entre os motivos, o grupo remonta ao tempo da Mesopotâmia e Antigo Egito para justificar a negação de uma prática que no ambiente sociocultural que vivem pode ser vista como um reforço do valor indivíduo. E explica:

‘A Mesopotâmia e o Egito, berços da civilização, foram também as primeiras terras em que os homens lembravam e honravam seus aniversários natalícios. A guarda de registros de aniversários natalícios era importante, nos tempos antigos, principalmente porque a data do nascimento era essencial para se fazer um horóscopo³⁶. A ligação direta com a astrologia é motivo de grande preocupação para todos os que evitam a astrologia por causa do que a bíblia diz sobre ela. (...) (As Testemunhas de Jeová e a Educação, p. 15).

As posturas que acima relatei poderiam ser pensadas como o *distanciamento* a que Dumont se refere (2000), o distanciamento em face do mundo social, construído por eles, que acaba por gerar uma *relativização da vida*, apesar de não poder classificar as Testemunhas de Jeová como renunciantes nos moldes de Dumont³⁷. Esta relativização da vida é o que dá ao grupo a capacidade de negociar e abdicar de valores sociais vigentes e predominantes em prol de uma crença na busca fervorosa de agradar a Jeová Deus, de sofrer por Ele, com imensa satisfação. Estão neste “mundo”, mas dele não fazem parte.

A presença das Testemunhas de Jeová neste “mundo” tem, então, o compromisso da salvação do maior número de pessoas possível. E é para isso que

³⁶ A parte desta citação contida entre aspas é uma referência que o grupo utiliza dos autores Ralph e Adelin Linton, do livro *The Lore of Birthdays*.

³⁷ Dumont vai comparar este homem renunciante ao indivíduo moderno, mas com uma diferença essencial: enquanto nós vivemos no mundo social, o renunciante vive fora dele. Por este fato, Dumont passa então a referir-se a este renunciante como um indivíduo-fora-do-mundo, em comparação a nós, que somos indivíduos-no-mundo.

os indivíduos são necessários. Pois o recrutamento dos membros, entre as Testemunhas de Jeová, é resultado de um extenso e intenso trabalho proselitista, de porta em porta, de indivíduo em indivíduo.

1. A Instituição e o Indivíduo

A Internet, conforme tratei na introdução deste trabalho, nos serve aqui enquanto um recurso metodológico que auxilia na visualização do abarcamento da Instituição sobre o indivíduo. Conforme abordei no capítulo 1, é o contraste dado pela diferença na utilização de diferentes meios de comunicação das Testemunhas de Jeová e os outros grupos religiosos que nos auxilia no esclarecimento do modo como o grupo pesquisado visualiza a missão e como eles se constituem enquanto um corpo missionário.

O estudo de Jungblut (2000), que tratou do aspecto da construção do indivíduo na Internet, é o ponto de referência que aqui vou utilizar para pensar a construção das Testemunhas de Jeová como missionárias. Jungblut analisou a forma como os evangélicos atualizam, através da Internet, certos padrões de comportamento social experimentados em diferentes esferas da sociedade em geral, o ciberespaço e o campo evangélico. O trabalho de Jungblut pode, neste contexto, contribuir em diversos aspectos, considerando que este autor está pensando o indivíduo dentro de um quadro de “transformações inéditas e tão globalmente impactantes” (Ibid., p. 42). As atitudes frente estas rápidas transformações sociais evidenciam, ainda mais, aspectos específicos do indivíduo presente nas Testemunhas de Jeová em contraposição ao indivíduo na sociedade moderna e contemporânea.

Jungblut faz uma reflexão sobre a construção do “eu” na Internet. Na impossibilidade de utilizar formas tradicionais de se apresentar diante de outros, através do corpo, voz, roupa, etc., este “eu”, ao se utilizar de meios de comunicação, precisa se construir e se descrever como pessoa para o outro. E é neste exercício, no que ele pressupõe de poder de auto-representação, que o indivíduo atual mostra-se

talvez mais nu do que nunca. A fragmentação do “eu” é, segundo o autor, proporcionada pelos diversos recursos que possibilitam múltiplas interações simultâneas. Este “eu” que Jungblut se refere, no que tange as Testemunhas de Jeová, não oferece possibilidades de auto-representação. O que parece essencial nestes processos todos em que se vê o indivíduo no ciberespaço são, na opinião de Jungblut, os novos poderes, as novas formas de autonomia, de liberdade que este “eu” passa a desfrutar. A representação frente ao mundo secular (dentro e fora dos meios de comunicação) é construída e determinada não por uma parcela de pessoas que compartilham uma mesma cosmovisão, mas por uma Instituição que tem uma atitude totalizante para com a vida dos membros. Logo, o que encontramos na Internet não é este “eu” sugerido por Jungblut, com poderes de auto-representação, mas sim a Instituição. A Instituição que pensa, que fala, que decide, que tem voz única. Logo, a face que se mostra ao mundo secular, a face que encontramos na Internet é a face da Instituição.

Jungblut ressalta que são muitos os autores que, ao analisar o ciberespaço, evidenciam seu caráter anárquico, caótico, amorfo, perigoso, etc. Mas o que há, de fato, na opinião de Jungblut (2000), “é um determinado consenso de que o ciberespaço subverte muito da normatização social que mal ou bem impera no mundo *offline* (...)” (Ibid., p. 44). Há porém, que se reconhecer que neste amplo universo virtual o que passa a ocorrer, também, não é apenas uma subversão das regras de normatização social, mas a criação e o estabelecimento de novas regras de conduta, condizente com o ambiente social pré-estabelecido. Há também descrições de autores que segundo Jungblut referem-se ao ciberespaço como um território livre para manifestações de todas as idéias possíveis, “local em que qualquer pessoa dotada de um mínimo de recursos consegue disponibilizar a centenas de milhões de pessoas dados que considera relevantes a qualquer causa ou finalidade” (Ibid., p.44). No caso das Testemunhas de Jeová, há um reconhecimento da utilidade deste espaço virtual, admitindo ter um certo valor educativo e relativa importância no mundo dos negócios e das comunicações. Porém, reside exatamente aí um dos seus grandes perigos: por ser um grande território livre para manifestações individuais e de diversas idéias possíveis, passa a ser um espaço altamente perigoso, contendo todas as perversões humanas possíveis. Entre elas a pornografia, livremente

disponível para ser acessada por crianças, jovens e adultos. Em um relato em uma de suas publicações, alegam: “Alguns *sites* são chocantes. E podem aparecer sem mais nem menos (...) Eles tentam enlaçar você. Querem seduzi-lo – para tirar o seu dinheiro (...). Uma vez que você começa a ver matéria imprópria, é difícil parar – é uma coisa que vicia mesmo.” (*Desperta!,* 22/01/2000). Não somente a pornografia é fonte de alerta, mas também a pedofilia. As Testemunhas de Jeová alertam seus membros, em especial os pais, contra estes exploradores de crianças: “Alguns pedófilos participam em conversas eletrônicas interativas com jovens. Fingindo-se de crianças, esses adultos extraem nomes e endereços de jovens insuspeitos” (*Desperta!,* 22/07/1997). Ou então: “Não há limites ou restrições ao tipo de informação que os usuários da Internet podem implantar e acessar. Esse é um ambiente onde geralmente as crianças e os adolescentes são alvos fáceis do crime e da exploração (...) (Ibid.). Seja como for, a liberdade que esse território oferece compromete não somente o aspecto moral da família como também propicia informações apóstatas a respeito do grupo, preocupação central no discurso das Testemunhas de Jeová. Exemplifico esta argumentação no que se refere ao uso do *e-mail*:

As informações talvez lhe sejam passadas na forma de experiências ou comentários sobre nossas crenças. Estas informações são passadas a outros que, por sua vez, também as passam adiante. Geralmente, não há como confirmar as informações, que podem ser inverídicas. Os comentários podem servir de fachada para divulgar idéias apóstatas. (Nosso Ministério do Reino, novembro de 1999).

Esta fragmentação dirige nosso olhar para os considerados perigos do ciberespaço, claramente confirmados no discurso das Testemunhas de Jeová. O fato é que o “eu” das Testemunhas de Jeová é, na verdade a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (*eu* Testemunha de Jeová = *eu* Organização). O “eu” individual não encontra espaço no ambiente virtual, já que é absorvido pela identidade abrangente da Instituição, que em todos os momentos se apresenta como

mediadora destas informações. Isto é revelado pelo fato de a Instituição orientar os seus membros a não disponibilizarem páginas na Internet, instruindo-os a remeterem qualquer informação sobre a Sociedade à página oficial³⁸. Absorvem, desta forma, as expressões e discursos individuais possivelmente elaborados neste meio virtual. Estas expressões individuais são tão claramente absorvidas pela Instituição que relatam:

Por volta de 1980, algumas pessoas que haviam participado nas atividades das Testemunhas de Jeová por vários anos, incluindo alguns que haviam servido com destaque na organização, vinham tentando de vários modos causar divisão e se opunham à obra das Testemunhas de Jeová. Para fortalecer o povo de Jeová contra essa influência apóstata, *A Sentinela* publicou artigos (...). O Corpo Governante não permitiu que os esforços dos opositores o desviassem do objetivo primário das Testemunhas de Jeová —proclamar o Reino de Deus! (Proclamadores, p. 110)

Na concepção de Jungblut, para o indivíduo no mundo moderno

(...) a religião se transforma numa crença experimentada muito mais individualmente do que coletivamente, já que é o indivíduo que, em última instância, é que detém o poder de arbitrar o que é ou não passível de ser aceito como plausível em relação à religião. Mesmo fazendo parte de coletividades religiosas (...). é o indivíduo quem decide quais traços religiosos expressos na coletividade são os que devem ser enfatizados, relegados a segundo plano ou ignorados. O indivíduo (...) transforma-se no gestor quase absoluto da cosmovisão de que se diz crente. Trata-se, portanto, de um poder adquirido pelo indivíduo, de autonomia individual frente às tradições religiosas (Ibid., p. 69).

³⁸ Conforme tratei de descrever no capítulo 1.

Esta citação é de riqueza teórica imprescindível para este trabalho. Ela sintetiza em poucas linhas o que arriscaria chamar de cenário da religião no mundo atual. Mas a riqueza do texto deste autor reside no fato de apresentar, na comparação com as Testemunhas de Jeová, um contraste significativo, apesar de semelhanças existirem também. As Testemunhas de Jeová reconhecem essa fragmentação e exatamente por isso negam, de modo enfático, o seu uso. Mas ainda que com tamanho poder fragmentador, a Internet não propicia a construção do indivíduo testemunha-de-jeová e acaba por ser, diante de tamanho potencial, relativizada pela Instituição.

Esta relativização da Internet pode ser vislumbrada em diversos artigos publicados pela Instituição a respeito do assunto. “Pode tudo na Internet ser considerado saudável? Que serviços e recursos ela oferece? Que precauções se recomendam?” (*Desperta!*, 22/07/1997). Algumas temáticas são centrais na discussão que o grupo propõe a partir destes artigos. Entre elas, destaco a pedofilia, pornografia, vício em Internet, vício em informação, e a apostasia. Alguns artigos remetem também à questão da identidade, na medida em que, ao utilizarem a Internet, as Testemunhas de Jeová podem estar relacionando-se com outra pessoa que se diz ser Testemunha de Jeová mas não é, ou então, acabar defrontando-se com idéias apóstatas a respeito do grupo. Seja como for, me parece que há não somente uma relativização no uso da Internet, mas também uma clara intervenção da Instituição no sentido de impedir qualquer possibilidade do *eu* Testemunha de Jeová vir a ser um indivíduo autônomo.

A religião das Testemunhas de Jeová é que detém o poder de arbitrar o que é ou não passível de ser aceito como plausível ao grupo. É a Organização que decide quais traços devem ser expressos, relegados a segundo plano ou ignorados na coletividade. É a Instituição que gesta a cosmovisão que os indivíduos se dizem crentes. E não o indivíduo. Não são possíveis pequenas narrativas construídas pelo indivíduo como fruto do seu espontaneísmo. Pelo contrário, as narrativas utilizadas no processo proselitista são elaboradas pela Organização e padronizadas no discurso de todos os membros da Instituição. A Internet, neste sentido, é reveladora desta noção de indivíduo construída pelas Testemunhas de Jeová. A Organização determina o tempo de uso, as informações que devem ser vistas e evitadas pelo

indivíduo. A Organização é que dá orientação à família quanto aos perigos implícitos no uso. A Organização orienta o indivíduo nos aspectos religiosos e morais a serem atendidos pelo indivíduo. É a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados quem gesta a cosmovisão do grupo, e não os indivíduos.

Falei aqui que o indivíduo testemunha-de-jeová, apesar de viver em um mundo fragmentado e fragmentador, é totalmente preservado pela Instituição, que acaba por cumprir um papel englobador. Isto revela-se também através da Internet quando a Instituição solicita o zelo dos membros de “separar-se do mundo”. Um perigo muito “sutil” possibilitado pela Internet diz respeito ao fato das Testemunhas de Jeová envolverem-se com pessoas estranhas que não respeitam os princípios bíblicos. Com base em 1 Coríntios 15:33 (“Não sejais desencaminhados. Más associações estragam hábitos úteis”), argumentam que más companhias via computador são perigosas. Vejamos outra argumentação em uma de suas revistas:

Na organização de Deus encontramos orientação e proteção para nos manter separados do mundo e motivados a nos envolver bastante na obra do Senhor. (1 Cor. 15:58). (...) A congregação também fornece apoio espiritual e ajuda para seus membros. Ali poderá encontrar um grupo de amigos amorosos, que demonstram preocupação e interesse - pessoas a quem você conhece pessoalmente e que estão prontas e dispostas a ajudar e a consolar os outros nos momentos difíceis. (2 Cor. 7:5-7) Os membros da congregação são protegidos pela providência bíblica de desassociar tanto transgressores impenitentes como quem promove idéias apóstatas. (1 Cor. 5:9-13; Tito 3:10, 11) Será que podemos esperar encontrar esse mesmo cuidado amoroso quando nos associamos com outros via Internet? (Nosso Ministério do Reino, nov/1999).

O grupo argumenta que as evidências provam o contrário:

Alguns *sites* da Internet obviamente são veículos de propaganda apóstata. Esses *sites* podem afirmar o contrário, e seus autores podem fornecer explicações detalhadas para comprovar que realmente *são* Testemunhas de Jeová. Podem até pedir que lhes forneça informações com o objetivo de verificar se *voce* é Testemunha de Jeová (Ibid.).

Um dos principais argumentos do grupo orienta as pessoas à busca de discernimento. É este discernimento bíblico que **protegerá** os indivíduos dos perigos da Internet. É o discernimento encontrado na Sociedade, na leitura da sua produção bibliográfica e nas orientações produzidas pela Sociedade é que pode proteger o indivíduo deste ambiente enganoso.

A prática missionária dos evangélicos registrada por Jungblut revela que estes “...poderão ser vistos divulgando severa ou amistosamente mensagens cristãs em salas ou canais ‘mundanos’. (...) Como justificativa por estarem em ‘locais’ tão mundanos poderão dizer que, ‘como ovelhas no meio dos lobos’, estão pregando o evangelho (...)” (Jungblut, p. 111). Os evangélicos tornam-se, para Jungblut, agentes ativos de interlocução com o mundo, escolhendo lugares, assuntos e interlocutores com quem querem se comunicar, e isso sem que sua identidade cristã-evangélica seja obrigatoriamente revelada. No caso das Testemunhas de Jeová, há poucas possibilidades de encontrá-los pregando a mensagem em salas de bate papo considerada por eles como “apóstatas”. Há, também, uma total impossibilidade de que sua identidade não seja revelada, principalmente durante o trabalho proselitista.

Jungblut faz uma referência aos evangélicos, mas que em muito pode se aplicar ao caso das Testemunhas de Jeová:

“Mas o ‘mundo’ hostil que lhes assalta não é de todo indesejado, pois essa sua hostilidade (...) quando interpretada à luz de certas referências

bíblicas, ganha um sentido quase positivo, uma vez que confirma aquelas profecias que garantem que contra os ‘salvos’ muitos se levantariam em perseguições e que nesses ‘últimos tempos, que pensam estarem vivendo, haveria muito ‘escarnecedores’ (Judas 1:8) (...) Esse mundo que lhes visita auxilia-os a comprovar cabalmente a malignidade que ele carrega consigo e a reforçar os propósitos desses crentes de se manterem dele o mais afastado possível” (Ibid., p. 228).

A Internet, em última análise, é para as Testemunhas de Jeová reforçadora desta argumentação. Enquanto que, para Jungblut, os evangélicos usuários da Internet saem ilesos do contato com os “outros” e ainda reforçam os fundamentos de sua fé, para as Testemunhas de Jeová a Internet é exatamente o ambiente propício para a inquietação desta crença “inabalável”. “O que há (...) é uma flexibilização do cumprimento de uma determinada norma de conduta bíblicamente estabelecida. Flexibilização essa que efetivamente se dá como um ato de aumento de autonomia desses crentes em relação à tradição” (Ibid., p. 237).

Capítulo 4

Missão e as Testemunhas de Jeová

Busquei no capítulo anterior refletir a respeito do papel do indivíduo na Sociedade das Testemunhas de Jeová como um dos elementos que compõem um cenário mais amplo da prática missionária testemunha-de-jeová. Argumentei até aqui que três elementos são reveladores deste *fazer missão* para o grupo, a saber, o privilegiamento do contato face a face (e o conseqüente não-uso da Internet), a percepção de tempo a partir da perspectiva milenarista e o papel do indivíduo na Instituição. Resta-me, então, neste cenário, realizar uma reflexão aprofundada sobre o aspecto missionário em si, partindo dos dados encontrados em meu trabalho de campo.

1. Pensando a Missão

Bosch (2002) elabora uma sinopse da forma como o termo missão tem sido usado tradicionalmente, apontando que o termo foi parafraseado como: a) propagação da fé; b) expansão do reinado de Deus; c) conversão dos pagãos e d) fundação de novas igrejas. Ainda assim, estas conotações são bastante recentes. Até o século XVI o termo missão era utilizado exclusivamente com referência à doutrina da Trindade (envio do Filho pelo Pai e do Espírito Santo pelo Pai e Filho). Os Jesuítas foram os primeiros a usá-lo em termos de difusão da fé cristã entre pessoas, inclusive protestantes, que não eram membros da Igreja Católica. O termo estava, na verdade, intimamente associado à idéia de expansão colonial. Mas Bosch também considera que o termo missão pressupõe, assim, que quem envia tem autoridade para fazer isso. “Com freqüência, se sustentava que quem realmente enviava era Deus, que tinha a incontestável autoridade de decretar que pessoas sejam enviadas

para executar sua vontade. Na prática, entretanto, a autoridade era entendida como sendo conferida à Igreja ou a uma sociedade missionária, ou mesmo a um potentado cristão” (Bosch, 2002: 17). Fazia parte desta abordagem conceber missão em termos de expansão, ocupação de campos, conquista de outras religiões e coisas semelhantes.

Bosch considera os motivos da missão muitas vezes ambíguos. Entre os motivos “impuros”, o autor identificou alguns elementos, como a) o motivo imperialista, b) cultural (missão como transferência da cultura “superior” do missionário), c) o motivo romântico (desejo de conhecer países e povos “exóticos”) e d) o motivo do colonialismo eclesial (desejo de enviar a crença e ordem eclesial a outros territórios).

Teologicamente mais adequados, mas segundo Bosch também ambíguos em sua manifestação, existem outros motivos missionários, como a) o da conversão, que enfatiza o valor da decisão e compromisso social (porém tende a limitar o reino de Deus às almas salvas), b) o motivo escatológico, que fixa os olhos das pessoas no reinado de Deus como realidade futura, esquecendo exigências dessa vida; c) o motivo da instalação das igrejas, que acentua a necessidade de reunir uma comunidade de pessoas comprometidas (mas passa a identificar reino de Deus com Igreja) e d) o motivo filantrópico, pelo qual a igreja é desafiada a buscar justiça no mundo.

Logo, neste cenário de ambigüidades quanto ao conceito e prática da missão, Bosch (Ibid.) sugere uma definição provisória para o conceito, pois reconhece que diante deste cenário é possível formular apenas aproximações do que possa significar o conceito de missão. Algumas delas podem ser esclarecedoras para o nosso interesse, e por isso pontuarei as que considero mais próximas da realidade encontrada em campo e de acordo com a auto-definição sugerida pelo próprio grupo.

1. A fé cristã é intrinsecamente missionária e compartilha essa característica persuasiva com diversas religiões. O cristianismo é missionário por sua própria natureza, ou nega sua própria razão de ser;

2. A missão cristã dá expressão ao relacionamento dinâmico entre Deus e o mundo;
3. Não há “leis” de missão imutáveis e corretas às quais a Bíblia daria acesso e que proporcionaria às pessoas esquemas de aplicação em cada situação;
4. A Igreja Cristã deve ser caracterizada como existência missionária. Isto significa dizer que a Igreja começa a ser missionária não através de sua proclamação universal do evangelho, mas através da universalidade do evangelho que ela proclama;
5. A justificação e fundamentação das missões (exterior e no próprio país) residem na universalidade da salvação e na indivisibilidade do reinado de Cristo;
6. É necessário estabelecer distinção entre *missão* (no singular) e *missões* (no plural). “Missão” designa a *missio Dei* (missão de Deus), ou seja, a auto-revelação de Deus como Aquele que ama o mundo. “Missões”, as *missiones ecclesiae* (missões da Igreja) designa formas particulares, relacionadas com o tempo, lugares ou necessidades específicos, de participação na *missio Dei*;
7. Missão é o “sim” de Deus ao mundo. Atualmente, o sim de Deus se revela ao mundo no engajamento missionário da igreja no tocante às realidades de pobreza, injustiça, etc.;
8. Mas missão é também o “não” de Deus ao mundo. Se por um lado sustenta-se que o “sim” de Deus ao mundo é a expressão da solidariedade cristã com a sociedade, também tem-se a confirmação da missão e evangelização como o “não” de Deus, como expressão de nossa oposição e conflito com o mundo;
9. A missão inclui a evangelização como uma de suas dimensões essenciais. Evangelização é a proclamação da salvação em Cristo às pessoas que não crêem nele, chamando-as ao arrependimento e à conversão, anunciando o perdão do pecado e convidando-as a tornar-se membros vivos da comunidade terrena de Cristo e a começar uma vida de serviço aos outros no poder do Espírito Santo (Ibid., p. 26).

Vale, porém, atentar para o fato de que a reflexão de Bosch é elaborada a partir da idéia de que a fé cristã é intrinsecamente missionária se pautando, portanto, nas práticas e concepções missionárias cristãs. Sugiro, porém, (baseada nas

concepções de Bosch) que a missão feita pelas Testemunhas de Jeová é diferente do que ele chama Missão Cristã. Bosch, em sua concepção finalizadora, reconhece que **missão cristã** é a participação de pessoas cristãs na missão libertadora de Jesus, que é a boa nova do amor de Deus, e que tem como objetivo transformar a sociedade e o indivíduo à luz de Cristo (Silva, 1999).

A perspectiva missionária das Testemunhas de Jeová, apesar de elaborar aspectos semelhantes aos da missão cristã, estabelece valores diferenciados com relação ao personagem central da sua prática, não assumindo o cristianismo como eixo único da sua identidade religiosa. Jesus Cristo não ocupa papel central e motivador das suas ações, e as pessoas atuam na experiência de uma missão que, em nome da salvação, promove a doutrina e elabora estruturas de plausibilidade (Berger, 1997) que objetivam o reforço dos valores morais e identitários do grupo e a constante ampliação de suas fronteiras. Dito de outra forma, o aumento do número dos que se podem contar como Testemunhas de Jeová.

A missão testemunha-de-jeová, parece ser, portanto, sinônimo do proselitismo, a busca incessante de uma conversão não somente a Jeová Deus, àquele modo de vida específico, permeado de regras, valores, condutas e visões de mundo que definem e constroem a identidade testemunha-de-jeová e que, do seu ponto de vista, conduz à salvação. Uma prática proselitista que não inclui outros espaços nem outras vivências que não sejam as determinadas pelo grupo. Por isso a experiência ecumênica torna-se inviável, e a relação estabelecida com o “extramundo”, ou seja, tudo aquilo que caminha à margem dos valores testemunha-de-jeová (inclusive o cristianismo padrão) é impraticável. A concepção de missão cristã de Bosch diz que a igreja é enviada ao mundo para servir e amar. Mas a missão das Testemunhas de Jeová não é feita do serviço e do amor ao próximo (apesar de anexá-los ao seu discurso em alguns momentos). Elas não realizam missão como uma ação humanitária. São enviadas ao mundo com um intuito mais específico, de proselitismo e conversão.

A Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (uma entidade despojada de qualquer elemento que remeta a indivíduos específicos e, portanto, despersonalizada) é o principal ator do processo missionário/proselitista, e em nome do grupo delimita e constrói espaços de ação dos membros, estimulando o

aperfeiçoamento de técnicas de persuasão e reivindicando para si o domínio da vivência religiosa individual dos seus membros. A Bíblia, ao lado da Sociedade, tem espaço privilegiado mas somente sob a ótica da interpretação oferecida pelo próprio grupo. Estes elementos centrais do fazer missionário testemunha-de-jeová é que vão determinar que outros aspectos (como o uso da Internet, por exemplo) não façam parte do conjunto das ações missionárias do grupo.

Para o sucesso da missão, no entanto, as Testemunhas de Jeová aprendem a proselitizar de acordo com os preceitos da Instituição, passando por um treinamento que não se restringe a atividades específicas de aprendizado, mas que se constitui em um processo disciplinar constante de sua vida enquanto Testemunhas. O treinamento propriamente dito que os membros recebem visando a atividade proselitista pode ser considerado, assim como fez Montenegro (1996), como um sistema ritual. O ponto de vista adotado pela autora considera que o treinamento pertence ao âmbito das ritualizações, sendo espaço de construção de comunicação simbólica e não podendo ser reduzido somente a um mero comportamento instrumental. Montenegro cita Leach (2001), que argumenta que “o ritual pode ser visto como um aspecto do comportamento diário, e não algo restrito aos contextos sagrados, uma vez que em toda a ação humana está presente um aspecto técnico e um aspecto comunicativo, expressivo” (Leach, 2001 apud Montenegro, 1996). Montenegro utiliza também Da Matta (1997), ao considerar que os rituais não devem ser tomados como momentos diferenciados (em forma, qualidade e matéria-prima) daqueles que informam a vida cotidiana. E argumenta:

Destas considerações depreendem-se questões que retomo para nossa análise. A primeira é que o ritual não pertence ao âmbito do extraordinário como oposto ao rotineiro, uma vez que não é definido substancialmente. A segunda é que, sendo assim, não temos domínios específicos (...) onde se possa falar de rituais e outros em que não se possa, uma vez que todas as esferas da vida social podem ser vistas como capazes de engendrar ritos. Assim, um grupo ou sociedade poderá operar ritualmente, dramatizar, colocar em foco alguns elementos dentro de

uma diversidade de valores ideológicos ou realizações que fazem parte da sua vida cotidiana (Montenegro, 1996:108).

Tomando o ritual como comunicação simbólica, onde o grupo assinala, dramatiza, coloca em foco, isto é, opera ritualmente alguns elementos e relações que fazem parte da sua tarefa cotidiana de proselitistas, é possível deduzir que o ritual opera em reforço aos valores ali colocados em foco. Ao fazer isto, atua como uma tecnologia disciplinar (Foucault, 1977; 1979) na medida em que, através da ação coletiva, difunde esses valores como normalizadores da vida. Neste caso, normalizadores tanto de indivíduos como do proselitismo. Ao ensinar aos seus como converter outros, produz um processo de reafirmação constante do que é ser uma Testemunha de Jeová. O treinamento, enquanto tecnologia disciplinar, utiliza um conjunto de **dispositivos disciplinadores** da dinâmica do grupo. Vou, por isto, examinar neste capítulo como se realiza esta normalização focalizando o que, na classificação das Testemunhas de Jeová, constitui as atividades de treinamento.

Estas atividades estão organizadas em 5 tipos de eventos. Às terças-feiras, ocorre o “Estudo de Livro da Congregação”. São encontros semanais nas casas dos próprios membros, para estudo específico da Bíblia. Tem duração de uma hora e agrega por volta de 15 a 20 pessoas. Às quintas-feiras, acontecem dois eventos na mesma noite. Primeiro, ocorre a “Escola do Ministério Teocrático”, com duração de 45 minutos, e em seguida, a “Reunião de Serviço”, também com duração de 45 minutos. A Escola do Ministério Teocrático é basicamente, segundo eles, um curso de oratória. A segunda reunião tem como objetivo trazer notícias das sucursais de outros países, comunicações da Sociedade nos Estados Unidos, eventos importantes na comunidade, etc. Por último, o encontro de sábado contém também no mesmo evento duas reuniões. A primeira delas trata do “Discurso Público”, pregação trazida por um ancião da própria comunidade ou de outra Congregação, e tem duração de 45 minutos. E em seguida, o grupo participa do “Estudo Bíblico” de *A Sentinela*, completando um total de 2 horas de reunião. Considero, na totalidade de suas ações, que os diferentes encontros promovidos pelo grupo tem como alcance final o aprimoramento de elementos que sejam significativos na comunicação com o mundo.

2. A Missão e o Treinamento

Ao refletir sobre o poder nas sociedades contemporâneas, Foucault oferece instrumentos de análise que são úteis para pensar o treinamento das Testemunhas de Jeová para a missão proselitista. Foucault afirma que o poder não se restringe ao seu sentido repressor (proibição), aquele oriundo da concepção jurídica, que prevê uma agência reguladora da sociedade e opera a regulação através da ameaça de punição. Uma regulação que exige a obediência.

Foucault sugere que um exame mais cuidadoso das *relações de poder* revela, como no caso da sexualidade nas sociedades modernas, por exemplo, a presença de “tecnologias” muito mais complexas e muito mais positivas do que a relação reguladora pautada na proibição/obediência (Foucault, 1977:87). Assim, através de tecnologias específicas, que não necessariamente tenha um agente executor, o poder se exerceria como produtor de sujeitos, um poder positivado no estímulo aos comportamentos, um poder produtivo e não repressor.

São estas tecnologias, a que Foucault faz menção, que podem ser úteis para elaborarmos uma reflexão mais específica a respeito do treinamento realizado pelas Testemunhas de Jeová enquanto um conjunto de dispositivos disciplinadores na dinâmica do grupo proposto. No caso, a difusão destas tecnologias e seus dispositivos teria na Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados um agente. É a Instituição que atua, de uma forma que se pauta na articulação empresarial de produção de bens. É a Instituição que atua na difusão não só da Verdade – os textos, a mensagem, a doutrina – mas na difusão das tecnologias que produzem sujeitos destes textos e mensagens. No entanto, o específico desta agência é que ela não é percebida pelos indivíduos como externa a eles. A Sociedade é, ao mesmo tempo, “ela” e “nós”. Portanto, poder-se-ia dizer que é através destas tecnologias que a Sociedade possibilita a constituição de uma estrutura de plausibilidade (Berger, 1997) para as Testemunhas de Jeová.

Berger considera que todos os grupos sociais possuem “corpos de conhecimento”, ou seja, estruturas cognitivas que determinam aquilo que é aceito ou crido como conhecimento. Estas estruturas de conhecimento só se tornam plausíveis para o grupo na medida em que outros continuam a confirmar

determinado conhecimento. “Plausibilidade” é um termo sugerido por Berger, “no sentido daquilo que as pessoas realmente acham digno de fé, e das idéias sobre a realidade depende do suporte social que estas idéias recebem” (Ibid., p. 65). Ou seja, são idéias que continuam sendo plausíveis porque outros continuam a afirmá-las e a realidade circundante delas não destoia. E é na junção de circunstâncias sociais específicas que tem-se a plausibilidade de determinadas convicções e ações.

Esta reflexão elaborada por Berger é enriquecedora à análise das Testemunhas de Jeová na medida em que passo a considerar que diferentes práticas e concepções elaboradas pelo grupo são determinadas por um rígido dispositivo disciplinar que constrói a estrutura de plausibilidade mantenedora da prática testemunha-de-jeová. Toda a movimentação do grupo caminha conforme estruturas cognitivas elaboradas e pré-estabelecidas pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Identifico o treinamento que a Instituição provê para os seus membros como constituído de tecnologias disciplinares que se realizam: vou tratar de quatro destas tecnologias que, considero, respondem pela sustentação da estrutura de plausibilidade da missão testemunha-de-jeová. A constituição da teia que se dá através da dinâmica do microfone, o valor do tempo (na calibragem precisa da ação), o argumento da verdade (o raciocínio como valor) e a vitimização.

O valor do tempo é a tecnologia que perpassa todas as outras, servindo como pano de fundo para a eficiência das atividades e do ser Testemunha de Jeová. Para que os resultados alcançados em seu “trabalho de campo” sejam de largo alcance, as Testemunhas de Jeová investem grande parte de seu tempo e energia no treinamento de técnicas para o trabalho proselitista. O investimento gasto com o tempo no contexto considerado (onde predomina a lógica capitalista de produtividade, de otimização do tempo, de produção em escala mundial, da indústria) e que salientei no capítulo anterior é aqui considerado como aspecto valorativo. Grande parte da argumentação da Instituição com relação ao tempo está baseada na idéia de que os membros devem ser “criteriosos no seu uso”, concentrando-se em “assuntos espirituais e em coisas importantes e essenciais para a vida cristã” (Nosso Ministério do Reino, nov./1999).

O controle do tempo das pessoas foi uma das tecnologias de disciplinarização que nasceu junto com o capitalismo. Comparada à vida no campo,

em que o ritmo do trabalho era controlado por tarefas realizadas, o capitalismo aprisionou corpos, por períodos de tempo determinados, ao trabalho. A concepção de tempo é tão fundamental na vida social que prisões, hospitais, colégios têm de usar o relógio como disciplinador, sob pena de desorganizar o movimento e ação dos corpos. Acredito, portanto, que esta cronometragem do tempo utilizada pelas Testemunhas de Jeová é uma poderosa “arma” da Instituição, um instrumento. Não há tempo livre para aquela outra dimensão do ser que à liberdade se associa e constrói o Indivíduo proposto pelo liberalismo clássico³⁹. O tempo transforma-se em um instrumento disciplinador na medida em que coordena de forma limitadora a ação do indivíduo não somente à prática proselitista testemunha-de-jeová, mas também a uma série de ações que resultam em um modo de vida específico. É o tempo que organiza as ações do grupo no sentido de afirmar a esperança na instauração do milênio; são ações limitadas pelo tempo que estimulam o grupo à aquisição de bons resultados no treinamento de práticas proselitistas; é a contagem do número de horas evangelizadas no “trabalho de campo” realizada por todas as Testemunhas de Jeová espalhadas pelo mundo que gera no grupo estímulo para seguir adiante. Logo, as Testemunhas de Jeová passam, então, a produzir um outro indivíduo – que pensa como indivíduo em vários aspectos, mas que se anula como indivíduo livre, ao assumir a identidade Testemunha de Jeová.

A mediação do tempo, calibrado pelo relógio, é uma das tecnologias disciplinares na medida em que nomeia a ordem (no sentido de dar nomes- horas, minutos, segundos- à ordem pretendida e vivenciada pelo grupo) e define o universo temporal das Testemunhas de Jeová pela valorização do tempo quantificado e qualificado no trabalho por Jeová. Logo, o treinamento- e o tempo gasto com ele- é uma forma de disciplina, bem como produtor de sujeitos cuja concepção de tempo se pauta por estes valores apreendidos.

Logo, se o grupo investe grande parte de suas reuniões aprimorando-se em técnicas de oratória (como mesmo se referem) e proselitismo, considero essencial o entendimento deste treinamento enquanto englobador de diversos dispositivos disciplinares. Acredito também que o entendimento do treinamento dá subsídios de

³⁹ Agradeço aqui as instigantes sugestões da Prof^a. Dr.^a Maria Amélia Schmidt Dickie.

ampliação da perspectiva de compreensão do Projeto Missionário proposto. Treinamento é uma categoria nativa que conservo, na medida em que expressa que as qualidades do pregador são passíveis de serem adquiridas por meio de um processo gradual.

3. Dispositivos Disciplinares

3.1. A Dinâmica do Microfone

Como estou propondo uma reflexão a respeito das técnicas de evangelização, creio que seja relevante, então, descrever para o leitor um encontro específico, que suscita elementos manifestos a respeito deste treinamento. Refiro-me, daqui por diante, às reuniões assistidas por mim às quintas-feiras, noite em que ocorrem a “Escola do Ministério Teocrático” e a “Reunião de Serviço”. O material utilizado para este treinamento são os livros “Beneficie-se”, “Raciocínios à base das Escrituras” e “Nosso Ministério do Reino”, descritos a seguir.

O início da reunião dá-se pontualmente às 20:00 horas, no Salão da Congregação da Lagoa. Sob coordenação de um Servo Ministerial ou Ancião, o encontro é aberto com o anúncio de um cântico. As pessoas levantam-se, e com seus cadernos de cânticos em mãos, entoam em um único coro, afinadíssimo, músicas que são acompanhadas por um CD instrumental, muito bem orquestrado. Dalva, minha principal informante, de forma solícita aproximava-se de mim esticando o braço para frente e oferecendo-me a possibilidade de, ao alcance dos meus olhos, ler juntamente com ela os cânticos entoados pelo grupo. Ao final deste cântico, a pessoa que está à frente profere uma oração, quando todos fecham os olhos e curvam as cabeças, proferindo um “amém” ao final da oração. Em seguida, outro ancião vai à frente (denominado por eles “tribuna”) e profere um discurso

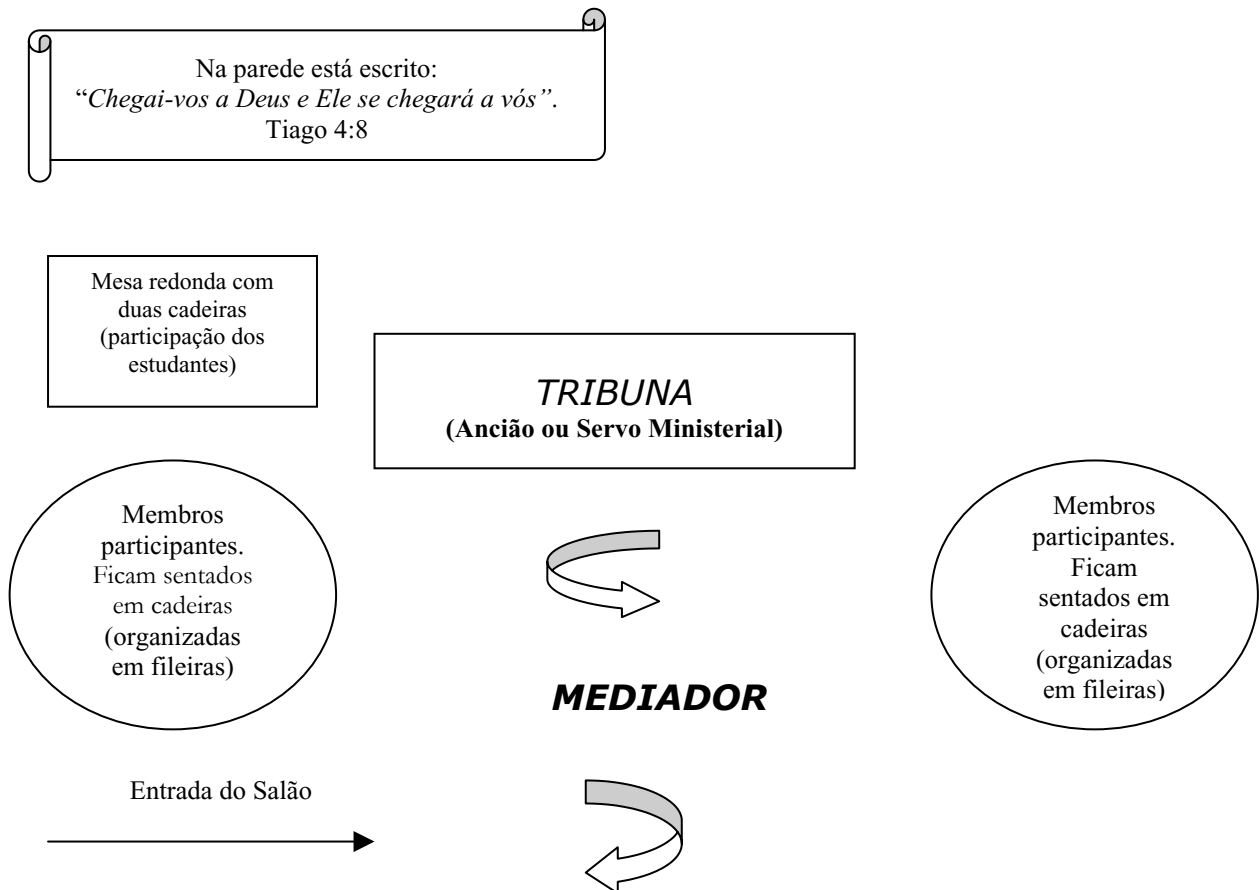
com base no livro *Beneficie-se*. Este livro define com exatidão o propósito do encontro de quinta-feira. É um livro elaborado para desenvolver a oratória e a arte de ensino, auxiliando os membros de todas as Congregações ao redor do mundo “a expressarem-se de maneira mais eficiente e a tornarem-se melhores instrutores da palavra de Deus”. É basicamente, segundo eles, um curso de oratória. A Escola do Ministério Teocrático baseia-se integralmente neste livro, que traz diversas referências à Bíblia⁴⁰. Todo o material contido no livro *Beneficie-se* tem como objetivo final auxiliar as Testemunhas de Jeová a elaborar, da maneira mais adequada possível, capacidades de argumentação, discurso e persuasão.

Após este breve discurso, que tem a duração exata de 5 minutos, o servo ministerial sobe à tribuna para proferir outro discurso, também baseado no livro *Beneficie-se* e também voltado à temática da necessidade da qualidade do testemunho proferido. Este discurso pode durar no máximo 15 minutos. Após o discurso deste servo ministerial, o ancião sobe à Tribuna para conduzir um outro momento do primeiro encontro: os “Destaques da leitura da semana”. Todas as semanas, as Testemunhas de Jeová programam a leitura de capítulos específicos da Bíblia. Somam, semanalmente, uma média de leitura de 4 a 6 capítulos lidos, variando de acordo com o tamanho das passagens bíblicas. Esta programação, que é seguida à risca, tem como objetivo final a leitura completa da Bíblia a cada três anos. A dinâmica dos Destaques da Bíblia segue liderada pelo ancião, que solicita aos presentes que compartilhem e façam comentários públicos sobre o que aprenderam com o texto lido.

A maioria dos “rituais” elaborados pelas Testemunhas de Jeová são guiados por uma prática muito particular: é o que passo a denominar, daqui por diante, de “dinâmica do microfone”. Utilizo o termo “ritual” entre aspas porque, conforme o próprio grupo, as Testemunhas de Jeová afirmam que em sua prática não há nenhum tipo de ritual. Em auto-definição, expressam que a devoção de sua religião é um modo de vida e não uma devoção ritualista. A dinâmica do microfone que passo a descrever consiste na presença de três atores: o ancião ou servo ministerial

⁴⁰ Apenas como exemplo, registro aqui o assunto de um discurso proferido com base no livro “Beneficie-se”, que tinha como título *Ênfase segundo o Sentido*, baseado no texto bíblico de Neemias 8:8, que dizia: “E continuaram a ler alto no livro, na lei do verdadeiro Deus, fornecendo-se esclarecimento e dando-se o sentido dela; e continuaram a tornar a leitura compreensível”.

(líder da dinâmica), um mediador (detentor do microfone que circula pelo Salão) e os participantes (membros da Congregação que assistem à reunião). O cenário da dinâmica (que é o próprio Salão do Reino) está estabelecido da seguinte maneira:



A dinâmica do microfone é realizada todas as vezes que é solicitado à Congregação emitir opiniões e respostas às perguntas contidas em diferentes materiais de leitura (como a Bíblia e a revista *A Sentinela*, por exemplo) e em diferentes reuniões. O ancião ou servo ministerial faz um convite aleatório aos membros da Congregação a compartilharem aspectos relevantes de sua leitura e aplicação na vida cotidiana (no caso dos Destaques da Bíblia) ou para que dêem suas respostas (no caso da leitura de outras revistas). De forma espontânea, diversas pessoas (homens, mulheres e crianças) erguem suas mãos ao mesmo tempo, em sinal de disponibilidade. O líder que está à frente escolhe uma pessoa, chamando-a

pelo nome. Neste instante, o mediador (que a esta altura já está de pé no corredor principal da Congregação com um microfone sem fio em mãos) vai até a pessoa escolhida pelo líder, disponibilizando o microfone para que esta responda à pergunta solicitada ou compartilhe suas experiências pessoais. Em seguida, a pessoa que respondeu às perguntas devolve o microfone ao mediador, que espera em pé e no meio do Salão novas orientações do líder. Estas orientações o encaminham a levar o microfone a outra pessoa, ou a sentar-se (neste caso, dá-se por encerrada a dinâmica do microfone).

Podemos pensar que, no caminhar do portador do microfone (o mediador) pelo Salão, são traçadas linhas imaginárias que sugerem uma renda que **liga**, que **une** as pessoas que emitem seus testemunhos⁴¹. A reflexão sobre o **testemunho** revela-se importante na medida em que surge como uma categoria “nativa” central para o projeto Missionário. Se buscarmos em material “nativo” a origem etimológica do termo “testemunha”, a palavra vem do hebraico (derivado do verbo *’udh*) que significa “retornar”, “repetir” ou “fazer de novo”. Já as palavras gregas traduzidas da Bíblia como “testemunho” (originalmente com conotação jurídica) assumem, com o tempo, significado mais amplo, sendo empregado tanto no sentido de testemunho de fatos certificáveis como no testemunho de verdades (tornar conhecidas e confessar convicções). Segundo eles, uma testemunha “relata fatos com conhecimento pessoal direto, ou proclama conceitos ou verdades dos quais está convicta” (Proclamadores, 1993:13)⁴². O grupo argumenta que

O proceder fiel de cristãos do primeiro século ampliou ainda mais o significado de “testemunha”. Muitos daqueles primitivos cristãos deram testemunho sob perseguição e em face da morte. (...) Em resultado disso, por volta do segundo século da Era Cristã, a palavra grega para testemunha (*már-tyrs*, da qual também se derivou a palavra mártir)

⁴¹ Agradeço aqui as sugestões da Prof^a. Dr.^a Maria Amélia Schmidt Dickie, que sugeriu que a Dinâmica do Microfone pode possibilitar, entre outras coisas, a construção desta “renda” que une as pessoas que testemunham.

⁴² “Por exemplo, alguns cristãos do primeiro século podiam dar testemunhos dos fatos históricos a respeito de Jesus – concernentes a sua vida, morte e ressurreição – com conhecimento direto. (...) Entretanto, pessoas que mais tarde depositaram sua fé em Jesus podiam dar testemunho proclamando a outros a importância de sua vida, morte e ressurreição” (Proclamadores, 1993:13).

adquiriu o significado aplicado a pessoas que estavam dispostas a ‘selar a seriedade de seu testemunho, ou confissão, com a morte’. Não foram chamadas de testemunhas porque morreram; elas morreram porque eram testemunhas leais (Proclamadores, 1993:13).

No contexto da dinâmica do microfone, pode-se dizer que a ação de testemunhar tem uma conotação mais ampla de significados. Não inclui somente o testemunho de fatos certificáveis nem tampouco unicamente a confissão de convicções sob pena de tornarem-se mártires. Mas inclui nesta prática a declaração de respostas corretas, previstas no material de leitura utilizado durante os encontros. É a voz particular do indivíduo que ressoa no coro maior dos fiéis (entendido aqui como o “eu” maior). É também o posicionamento do indivíduo que, ao expor-se por expressar a frase correta, tece nós desta renda, muitas vezes colocando-se como um nó firme que não permite que esta renda se rompa, mas ao contrário, se fortaleça. Testemunhar é um evento e é contar uma história (Dickie, 1996:38). Neste caso, a história contada é a reprodução da verdade e seu reforço. Por outro lado, como evento, o testemunho é o momento – no espaço compartilhado pelos pares – do indivíduo se produzir como pertencendo ao grupo por estar conforme com o que aqui considero como ditamos disciplinares.

Mas a dinâmica do microfone me causou, de início, certa estranheza. Não pela prática em si, mas pela prática dentro do contexto da reunião. Isto porque as celebrações das Testemunhas de Jeová, sejam eventos especiais ou reuniões semanais, possuem uma formalidade estática, uma praxe que não inclui **nenhum** tipo de emoção nem dá espaço para gestos, movimentos, tons e olhares exagerados. A dinâmica do microfone pareceria, entretanto, possibilitar ações alternativas não padronizadas e abrir espaços para manifestações individuais.

Durante minha estada em campo, observei a participação de um casal com um filho pequeno (por volta dos dois anos de idade). Pelos poucos comentários que ouvi, soube que este casal, que estivera durante algum tempo “afastado”, retornava à participação das atividades do grupo. Sem muito entrosamento com a comunidade local, freqüentavam esporadicamente as reuniões, de forma muito discreta. Certa

noite, em uma reunião semanal, durante a dinâmica do microfone, um segundo casal (que aparentemente era amigo do casal a que me refiro) segurava em seu colo o filho deles. Quando o ancião, que estava à frente, determinou o momento de respostas, o segundo casal que segurava a criança em seu colo estimulou o pequeno menino à responder. A pequena criança, observada pelo olhar surpreso dos pais, levanta a mão e o mediador com o microfone vai até ele. A moça que segurava a criança em seu colo sussurrou a resposta em seu ouvido. E o garotinho, que mal sabia falar, dá sua resposta: “Jesus!” (a resposta **correta**). A mãe do menino, com um sorriso nos lábios e visivelmente emocionada com a resposta do filho, começa a chorar no ombro do marido. Até então, esta foi a primeira (e até o final da pesquisa, a única) manifestação de qualquer tipo de sentimento expresso (e não sei até que ponto sentido, também) durante as reuniões. As pessoas sentadas próximas ao casal observavam, olhando constantemente para a mulher que ainda chorava no ombro de seu cônjuge. Arrisco dizer que estes olhares não eram resultado de uma postura de reprovação do grupo, mas sim de estranhamento pela prática incomum da mulher dentro do grupo. Este exemplo revela que, muito além da emoção da mãe em ver a vida de seu filho dedicada a Jeová, ela foi pescada por um expediente disciplinador de inclusão (que foi o suposto testemunho proferido pelo filho). A emoção expressa desta mulher é muito mais resultado de um sentimento de pertencimento à esta renda, ou seja, a pública possibilidade de se entrelaçar nos nós desta renda que fortalecem a prática testemunha-de-jeová e elevam o sentimento de pertencimento ao grupo. O filho, neste cenário, é transformado em coadjuvante na cena e possivelmente também degrau do ator.

Durante todo o período do trabalho de campo esta dinâmica do microfone me gerou angústias por não entender o que significa, afinal, este “ritual”. Muitas vezes me perguntei o que está implícito nestas ações. O que significa, afinal, este movimento de levantar as mãos diante da possibilidade de uma resposta, e falar em um microfone respostas praticamente lidas, mas em um tom de frase bem elaborada? Que valores estão em jogo, afinal, na dinâmica do microfone? Vale esclarecer que os textos lidos durante a dinâmica, incluem em cada parágrafo uma nota de rodapé com as respectivas perguntas, sempre realizadas pelo ancião. Logo, as respostas proferidas pelo grupo são geralmente de fácil acesso (já que refere-se ao

parágrafo recém lido), podendo ser respondidas por crianças, jovens e adultos, conforme o grau de complexidade da elaboração da resposta. Por exemplo, se um parágrafo tem no texto a frase “Jesus deu a seguinte comissão aos seus seguidores: ‘Ide... e fazei discípulos de pessoas de todas as nações, batizando-as..., ensinando-as a observar todas as coisas que vos ordenei’ (Mateus 28:19-20)... Os assim ensinados e que estivessem ‘corretamente dispostos para com a vida eterna’ seriam batizados, assim como Jesus...”, a nota de rodapé registra a seguinte pergunta: “Que comissão Jesus deu aos seus seguidores, e o que fizeram os ‘corretamente dispostos para com a vida eterna?’” (*A Sentinela*, 15/09/1996).

A reflexão a respeito da dinâmica do microfone suscita elementos que remetem à discussão sobre o papel do indivíduo na Instituição. Conforme sugeri em capítulo anterior, a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados absorve para si a identidade individual das Testemunhas de Jeová. Sugeri um elemento de igualdade entre o *eu* Testemunha de Jeová e o *eu* Organização, na medida em que esta Organização traz para seu domínio a identidade individual, limitando ações e discursos particulares. A dinâmica do microfone não vem negar este domínio da Organização sobre o aspecto individual, pelo contrário, surge como elemento que articula o movimento individual do “testemunho” com o discurso vigente. É um dispositivo disciplinador que mantém neutralizada a possibilidade de pequenas narrativas do discurso individual, conduzindo-a conforme o discurso de interesse da Instituição.

Enquanto eu, ao mesmo tempo que refletia sobre minhas angústias e observava a reunião, “mergulhada” em reflexões antropológicas, tinha no meu campo de visão do lugar onde eu estava sentada, uma mulher chamada Telma. Telma, uma simpática mulher de meia idade, estava sentada ao lado do seu filho caçula, uma criança por volta dos seus sete anos. O garoto, sentado com a revista *A Sentinela* na mão e diante da possibilidade de responder uma pergunta da revista, é incentivado por sua mãe, que lhe apontava no texto a resposta correta. Como são várias perguntas, Telma realizou o mesmo movimento várias vezes, até que o garoto encorajou-se, levantou a mão e respondeu uma pergunta no microfone. Telma, com um largo sorriso no rosto, abraça o garoto carinhosamente, cochichando um “muito bem!” para ele.

Se estou considerando que a dinâmica do microfone possibilita ações alternativas não padronizadas, os dois exemplos acima referidos revelam-se como manifestações claras a respeito destas práticas. É neste momento que há a possibilidade da expressão de emoções, movimentos e olhares, gestos não previsíveis na conduta estática da reunião. Torna-se um evento diferenciado da prática na comunidade. Mas não somente. A dinâmica do microfone, além de auxiliar na construção e reprodução das práticas do grupo (no caso da mãe que incentiva seu filho, por exemplo), revela em muitos aspectos a elaboração de um relativo *status* do membro. *Status* este que manifesta publicamente o crédito da auto-atribuição da identidade testemunha-de-jeová. É um *status* que demonstra, diante do grupo, se o indivíduo é ou não Testemunha de Jeová, revelando a intimidade do membro com o evento, com a prática em si.

Mas além do *status*, a dinâmica do microfone traz ao grupo ordenação e disciplina. Em diferentes momentos desta pesquisa, sugeri que havia entre as Testemunhas de Jeová uma forte homogeneização da prática e da cosmovisão compartilhada pelo grupo. Esta homogeneização é identificada quando reconhecemos elementos idênticos e padronizados na prática e no discurso de **todas** as Congregações espalhadas pelo mundo. Mas a homogeneização não pode ser considerada como único aspecto característico do grupo. Toda esta padronização e busca obrigatória da homogeneização das Testemunhas de Jeová revela, na verdade, a busca por uma ordenação de suas práticas. “Ordenação” no sentido de ordem, de arrumação, de boa disposição. A dinâmica do microfone como dispositivo disciplinar revela, entre outros aspectos, a busca da ordenação de seu treinamento, de seu culto e de possíveis movimentos além dos já programados. Esta necessidade de ordenação pode sugerir o motivo pelo qual as Testemunhas de Jeová negam enfaticamente o uso da Internet, espaço que traz como uma das características principais a desordem. Retornaremos a esta discussão mais adiante.

3.2. Os estudantes da Bíblia

Após os destaques da leitura da Bíblia (expresso através da dinâmica do microfone relatado nas páginas anteriores), o ancião que lidera a dinâmica pronuncia um breve discurso elaborado com referência a uma passagem bíblica. Concluído este discurso, o ancião passa a palavra ao servo ministerial, que então chama à “participação dos estudantes”. Considero o tempo separado ao estudo da Bíblia e às técnicas de treinamento proselitistas como um dispositivo disciplinar, na medida em que os “estudantes” seriam, então, uma categoria de indivíduos ainda não totalmente disciplinados, mas em processo evidente de doutrinação.

A participação dos estudantes da “Escola do Ministério Teocrático” é definida pelo superintendente da escola. São três momentos diferentes, e em cada reunião um membro da comunidade (previamente escolhido) vai à tribuna expor (praticar, na verdade) um quesito da tabela das características de oratória do livro *Beneficie-se*. Estes estudos oferecem explicação sobre o que fazer para dominar aspectos de oratória e ensino e a importância de cada um destes elementos. Encontra-se também orientações práticas sobre como aplicar as sugestões oferecidas. Há 53 diferentes pontos a serem exercitados. Eis alguns como exemplo: “Leitura exata, articulação clara, pronúncia correta, cordialidade e entusiasmo, naturalidade, uso do microfone, uso da Bíblia ao responder perguntas, falar com tato mas de modo firme, qualidade da voz, leitura de textos com ênfase adequada, repetição para dar ênfase, clareza, argumentos convincentes, controle e boa distribuição do tempo, introdução que desperta interesse, conclusão eficaz, destaque dos pontos principais”, entre outros.

O ancião convida a pessoa previamente designada para ir à frente e, através da leitura de um texto⁴³, ela é observada conforme o quesito que esteja sendo avaliada. Ao final desta “tarefa”, o ancião emite sua opinião a respeito da *performance* do aluno. Em todos os encontros que participei, os alunos foram aprovados no quesito em que estava sendo avaliados, recebendo elogios do ancião.

⁴³ Mas não somente. Neste caso, existem três possibilidades: 1) a leitura perante uma assistência, 2) demonstração com duas ou mais pessoas ou 3) discurso dirigido à Congregação.

Após a leitura de um texto realizada por um membro perante a assistência, dois outros alunos são designados pelo ancião para um outro exercício, a “demonstração”. Esta demonstração é, na verdade, a simulação e/ou o teatro de um diálogo entre duas pessoas. Esta demonstração precisa de uma cena, e é no livro *Beneficie-se* que o membro encontrará sugestões de 30 cenas variadas, como por exemplo o “testemunho de casa em casa, testemunho a um vizinho, conversando com um ateu ou agnóstico, testemunho informal numa sala de espera, explicando suas crenças a um parente descrente, usando a Bíblia para encorajar alguém doente, revisitando pela primeira vez alguém que demonstrou interesse”, etc. Os membros utilizam para a demonstração a mesa e as cadeiras à frente, ao lado da tribuna, para simular suas cenas. Transcrevo aqui um diálogo desta demonstração (Montenegro, 1996: 112):

Participantes: duas mulheres

Cenário: Testemunhando a uma tia

TJ- Bom dia, tia!

Tia- Bom dia, Márcia.

TJ- Tia, eu quero falar com você sobre a questão de você estar freqüentando reuniões de espíritas. Você acha isso certo, não tem medo daquelas coisas?

Tia- Tenho medo, sim, dos mortos e dos demônios, mas acredito que eles existem e podem se comunicar com a gente.

TJ- Você sabe que milhões de pessoas estão presas às superstições e mentiras. Temem os mortos e os demônios, têm medo de bruxarias e feitiços, e que essas coisas são mentiras de Satanás, o diabo?

Tia- O que eu posso fazer?

TJ- Os servos de Deus não estão enlaçados em nenhuma destas coisas. Jeová é muito, mas muito mais poderoso que Satanás. Se servir a Jeová, Ele lhe dará a proteção contra os demônios. Quer ver? Vamos ler Tiago 4:7 (Márcia busca a citação na Bíblia e lê para o outro personagem: *“Sujeitai-vos , portanto, a Deus; mas oponde-vos ao Diabo, e ele fugirá de vós”*).

Tia- Sim, Márcia. Mas os demônios estão sempre prontos para se manifestar.

TJ- Se os demônios a molestarem, você poderá invocar a Jeová pelo nome e Ele lhe dará ajuda. Quanto aos mortos, é impossível que falem, porque um corpo morto é uma alma morta. Como poderiam falar?

Tia- Então é só orar para não ter mais medo?

TJ- Não. Primeiro você deve livrar-se de tudo o que estiver relacionado com práticas espíritas. Se quer agradar a Deus não é só abandonar a adoração falsa e parar com as coisas ruins, mas precisa praticar a religião verdadeira. Jeová tem um povo, que são as Testemunhas de Jeová. Vamos ler Isaías 43:10 (*vós sois as minhas testemunhas, é a pronúncia de Jeová, sim, meu servo a quem escolhi, para que saibais e tenhais fé em mim, e para que entendais que eu sou o Mesmo. Antes de mim não foi formado nenhum Deus e depois de mim não foi formado nenhum Deus e depois de mim continuou a não haver nenhum*).

Tia- E as outras pessoas, por que continuam acreditando em espíritos?

TJ- Bom, porque Satanás e os demônios têm pessoas na terra que ensinam e praticam coisas erradas, mas as coisas feitas por satanás não são brincadeiras, são muito perigosas. Se o que você quer é saber o que vai acontecer no futuro, tem que estudar a Bíblia.

Tia- Acho que vou aceitar o convite que você me fez para estudar a Bíblia.

Encerrada a demonstração, que tem duração máxima de 5 minutos, o ancião emite sua opinião para a dupla que desenvolveu a cena. Em uma das minhas primeiras visitas à Congregação, um ancião elogiava uma dupla de mulheres, dizendo: “Parabéns! Vocês foram muito boas no tempo. 4 minutos e 22 segundos!”. No mesmo instante, Dalva sussurrou: “Elas tinham até 5 minutos!”. O tempo é, de fato, em todas estas dinâmicas, aspecto importante e muito valorizado e compartilhado pelo grupo. Dois detalhes podem ser destacados, além do tempo cronometrado. Um deles é que esta encenação teatral não é motivo de riso nem de

descontração para eles, apesar de muitas vezes as cenas se prestarem a isso. É encarado pelo grupo com seriedade e extrema atenção, de jovens e adultos. O outro detalhe que vale mais uma vez ser destacado refere-se à Bíblia, que é usada em todos os momentos desta encenação. A formalidade permanece como eixo central na movimentação da reunião. Nada de gestos exagerados, pelo contrário, vozes calmas e bem educadas.

O objetivo final das demonstrações realizadas pelos estudantes é treinar e compartilhar este treinamento com a comunidade, auxiliando no ensinamento da forma como se deve pregar às pessoas que ainda não são Testemunhas de Jeová. No caso das teatralizações, é realçada a solução positiva dos conflitos, colocando o proselitismo como um domínio que implica na confrontação do ponto de vista do grupo com o de um interlocutor do “mundo”. Aqui, a estrutura de hierarquias do grupo também é atualizada, uma vez que os anciãos têm autoridade para corrigir e qualificar o desempenho do estudante. As demonstrações são designadas de antemão não pela Congregação mas pelo corpo governante internacional, que define os temas e organiza os discursos e demonstrações de forma a serem elaborados a respeito do mesmo tema e em todas as Congregações mundiais.

Encerrada a participação dos estudantes, o ancião convida a Congregação a entoar mais um cântico, e em seguida, passa para a segunda reunião, a Reunião de Serviço. Este encontro, guiado pela literatura de distribuição mensal “Nosso Ministério do Reino”⁴⁴ geralmente liderada por um dos anciãos da Congregação, principia com a notificação de alguns avisos à comunidade. Primeiro, tratam dos assuntos locais. São notificações lembrando, por exemplo, os publicadores dos dias de serviço de campo e do local de encontro para saída em dias determinados; ou então lembrando das responsabilidades de alguns membros quanto a atividades específicas, ou ainda recordando as famílias da escala de limpeza do Salão. Em seguida, divulgam as comunicações mais gerais. Estas são, normalmente, a leitura de cartas da Sociedade, da matriz no Brasil (situada em Tatuí, São Paulo) ou dos Estados Unidos, matriz mundial. São geralmente comunicações abordando a necessidade da construção de novos templos e de mão de obra voluntária para estas

⁴⁴ Material informativo distribuído mensalmente, direcionado exclusivamente ao contexto brasileiro.

construções, ou de necessidades outras de Congregações específicas e a solicitação de ajuda financeira ou através de mão de obra. Outra petição muito freqüente feita pela Sociedade às Congregações é o envio dos relatórios. Estes relatórios são, na verdade, o preenchimento de fichas. Cada membro da Congregação preenche um relatório individual, todos os meses do ano, registrando o número de horas disponibilizadas naquele mês específico à evangelização. A Congregação soma as horas individuais de evangelização mensal de todos os membros e envia para a Sociedade.

Encerradas as comunicações, seguem mais dois discursos de diferentes anciãos, abordando temas sugeridos no folheto “Nosso Ministério do Reino”, encadernação mensal que serve de base para a Reunião de Serviço. Após estes discursos, o ancião encerra a reunião com uma oração, exatamente às 21:30, completando 90 minutos exatos de reunião.

3.3. Iconografia testemunha-de-jeová

Atentar para a produção imagética das Testemunhas de Jeová pode trazer elementos reveladores da prática na qual estamos interessados. É revelador na medida em que o material gráfico das Testemunhas de Jeová contém um amplo conjunto de imagens e gravuras que denotam práticas específicas, assim como um conjunto de situações e acontecimentos previstos na prática cosmológica das Testemunhas de Jeová. É revelador também na medida da uniformização da informação sobre a qual e com a qual as Testemunhas de Jeová trabalham no mundo todo. Um aspecto que despertou minha curiosidade quando tive em mãos, logo no início da pesquisa, algumas brochuras e folhetos das Testemunhas de Jeová, estava diretamente relacionado às sensações e idéias que as imagens desejavam sugerir ao leitor, assim como a qualidade gráfica do material disponível. Destaco a seguir alguns aspectos pelos quais examinar as imagens.

O primeiro aspecto que podemos deter nossa atenção diz respeito aos principais eventos. Considerando que dois eventos específicos marcam a

cosmovisão testemunha-de-jeová, e aqui subentendendo-se o Armagedom e o estabelecimento do Novo Mundo na Terra, estes são temas recorrentes em suas publicações. São, então, utilizados recursos de imagem para exemplificar o que está sendo abordado no formato textual. O Armagedom, marcado pela destruição dos governos humanos e o estabelecimento do governo divino, inúmeras vezes enfatizado em diferentes publicações, tem como registro iconográfico o fim do “sistema mundial”, com imagens de morte, tragédia, desespero e destruição da Terra. Este fim não permitirá que ninguém (nem homem nem demônios) continue a fazer coisas que “ameacem a ordem universal”, já então estabelecida no pacífico novo mundo, também registrada na produção imagética elaborada pelo grupo. Logo, se as imagens relacionadas ao Armagedom desenham quadros em tons escuros, onde as expressões faciais das pessoas buscam passar ao leitor sensações de angústia e medo diante da possibilidade real da morte que gira ao seu redor, a imagética elaborada para a exemplificação do novo mundo constrói uma percepção diferente. O registro iconográfico do novo mundo visa, exatamente oposto ao Armagedom, evidenciar elementos que denotem alegria plena, harmonia entre os diferentes povos e culturas, uma natureza restaurada que renda frutos ao homem e o estabelecimento de uma convivência equilibrada do homem com esta mesma natureza. O uso de cores bem definidas e a ênfase na utilização de cores primárias contrastam com o uso das cores secundárias e predominantemente mais escuras registradas pela imagética usada para o Armagedom.

Logo, a produção iconográfica das Testemunhas de Jeová destina-se, em muitos aspectos, à construção de uma imagem de eventos específicos, ou seja, destina-se à elaboração de uma **padronização do imaginário coletivo** que, expressa através não somente das imagens mas também da produção textual e do discurso proferido pelo grupo, compõe a construção de um imaginário coletivo que cria a expectativa do contexto da volta de Cristo. Enquanto minoria cognitiva (Berger, 1997), ou seja, enquanto grupo formado ao redor de um corpo de conhecimentos divergentes dos da maioria, as publicações iconográficas das Testemunhas de Jeová são poderosas armas na construção da estrutura de plausibilidade (Ibid.) na medida em que sustentam e reforçam para o indivíduo concepções do mundo compartilhadas pelo grupo. É um senso comum imaginário

que se estende à elaboração de um estilo personalizado testemunha-de-jeová, perceptível por uma padronização estética dos indivíduos.

Quando me refiro à construção deste estilo testemunha-de-jeová, quero referir-me a um conjunto de elementos corporais que denotam a elaboração deste estilo a que me refiro. Montenegro (1996) fez uma extensa reflexão a respeito deste estilo, sugerindo uma educação do corpo e da fala testemunha-de-jeová. Interessamos aqui, entretanto, não a descrição extensa do estilo, já bem elaborada por Montenegro, mas identificar a partir da elaboração iconográfica produzida pelo grupo o que estas imagens sugerem às Testemunhas de Jeová como elementos importantes a serem seguidos. Vale considerar que ao referir-me à construção deste estilo, focalizo a atenção não mais sobre o registro dos fatos históricos passados (cenas bíblicas) apresentado nas publicações através de gravuras pintadas ou desenhos (como no caso anterior), mas com fotos reais de situações cotidianas das pessoas nos dias atuais.

O primeiro aspecto a ser considerado diz respeito às vestimentas. O estilo de vestir das Testemunhas de Jeová registrado nas diversas fotos publicadas – e isto inclui o *kit* terno-gravata-pasta (no caso masculino) e no caso feminino roupas finas, muito discretas, de cores sóbrias e refinadas – é claramente identificado quando visita-se uma Congregação. Lembro-me da surpresa ao ver crianças (meninos por volta dos seis anos) vestidas exatamente iguais aos homens: terno e gravata, esforçando-se em levar junto ao corpo uma pasta grande, desproporcional para o seu tamanho. As meninas por sua vez, assim como as mulheres adultas, trajavam vestidos finos, com meia calça, salto alto e belos penteados⁴⁵.

Não somente as vestimentas são notadamente padronizadas na comparação realidade *versus* imagem como também as reuniões e seus principais eventos. É importante notar que a dinâmica do microfone por exemplo, que tanto me causou estranheza, está registrada⁴⁶ em diferentes imagens exatamente do mesmo modo como as que assisti na Congregação da Lagoa. Da mesma forma, a cerimônia da Refeição Noturna do Senhor exibe em fotos a mesma ordenação e dinâmica

⁴⁵ Claro que apesar desta descrição ser o “padrão” de uso das roupas, nem todos os presentes, em especial as mulheres, vestiam-se da mesma forma. Este fato aparentemente não gerava discriminação por parte do grupo. Porém, a roupa identificava com clareza o grau de familiarização com a prática vigente.

⁴⁶ A *Sentinela*, 1º de Maio de 2003. “O que gostaria de perguntar a Deus?”, p. 7.

praticada no evento. É interessante notar que tanto o estilo das vestimentas quanto a prática de determinados eventos percebidos durante minha estadia em campo eram a cada momento confirmadas através da visualização destas imagens nas diversas publicações distribuídas pelo grupo, exemplificados através de diferentes culturas.

Até agora trabalhei o aspecto do treinamento como ponto de partida para pensar a prática missionária das Testemunhas de Jeová. A reflexão sobre esta prática possibilita a identificação de uma padronização presente no grupo como produto de um processo disciplinar que se faz tanto pela calibragem do tempo (até a exatidão do segundo) como pela divulgação iconográfica e literária. Mas é importante ressaltar os valores que, ao mesmo tempo, constroem e apoiam o processo disciplinar. Esta padronização, sugiro, é identificada em diferentes contextos, entre eles, a iconografia registrada nas publicações. O fato é que considero que o conjunto de imagens produzidas pelas Testemunhas de Jeová é revelador na medida em que contém um amplo conjunto de gravuras que denotam práticas específicas, e que ao referir-me à construção de um estilo, sugiro que toda a iconografia presente no material das Testemunhas de Jeová serve como base para moldar suas práticas e para reforçar a padronização de uma série de práticas que encaminham inclusive à homogeneização da prática missionária. Sugiro também que a imagética produzida pelo grupo remete não somente à questão da homogeneização, já abordada em momento anterior, mas também à disciplinarização, na medida em que sugere uma difusão mundial de um mesmo estilo, denotando desta forma a padronização não somente do “ser”, mas também do “pensar”.

3.4. Saídas a Campo

A temática do treinamento prevê uma ordem seqüencial (sugerida pelo próprio grupo) de ações práticas, como as saídas a campo, o testemunho informal, a pregação de porta em porta, as revisitas e os estudos bíblicos. Penso que seja necessário refletir a respeito das técnicas adquiridas através do treinamento, de

maneira que inclua não somente categorias utilizadas pelo grupo, mas também dados que considero relevantes e que são fruto do material coletado em meu trabalho de campo, relacionados à conversão. Cabe-nos, porém, uma reflexão sobre estas atividades para o grupo, na medida em que configuram elemento fundamental da estrutura de plausibilidade. A disciplinarização só é eficiente porque consegue construir uma estrutura de plausibilidade para os sujeitos. Estes sujeitos tornam-se (e sentem-se como) portadores da verdade e eficientes no uso dos mecanismos de sua propagação (através dos dispositivos disciplinares). É desta maneira que para eles torna-se legítimo o cumprimento de sua missão de salvação.

Na primeira parte deste capítulo delineei os principais aspectos do que estou propondo chamar de Projeto Missionário das Testemunhas de Jeová. Este Projeto Missionário é ao mesmo tempo produto e produtor de técnicas de proselitismo embutidas no processo disciplinar, descrito nas páginas anteriores. Ao receber o treinamento, as Testemunhas de Jeová vislumbram diante de si um “campo” que demanda atendimento; este atendimento se dá quando as Testemunhas de Jeová colocam em prática o treinamento recebido semanalmente. O que vou tratar agora diz respeito ao princípio que orienta as atividades proselitistas com as quais cada Testemunha de Jeová deve se comprometer, vistas sob sua ótica, e que se configuram para eles o que eu estou entendendo por Projeto Missionário testemunha-de-jeová. É o princípio da racionalidade que atua também enquanto um dispositivo da tecnologia disciplinar.

Atentemos à ordem das atividades explicitada pelo grupo:

1. Saída a campo
2. Testemunho informal
3. Pregação de porta em porta (testemunho formal)
4. Revisitas
5. Estudos Bíblicos

O termo “saída a campo”, tão utilizado pelo grupo, tem uma conotação de amplitude muito forte no universo simbólico das Testemunhas de Jeová. O “campo” de atuação do grupo não se restringe a um bairro, ao ambiente de trabalho

nem tampouco à família. O campo das Testemunhas de Jeová é a própria vida - esteja ela vinculada ao trabalho, aos amigos ou a qualquer outro ambiente. Ou seja, o que é preciso frisar neste primeiro ponto, “saída a campo”, é que a área de atuação das Testemunhas de Jeová não se limita a um território específico nem a uma situação determinada, ainda que designem a visitação de casa em casa como “saída a campo”. O mundo é o campo, e basta ter diante de si um não-Testemunha de Jeová para realizar esforços no sentido de propagar o treinamento recebido. A saída a campo não está limitada somente às pessoas que dedicam exclusividade à obra missionária, mas é estendida à todas as Testemunhas de Jeová que, por isto, são sempre publicadores.

Tanto isso é verdade que o ponto seguinte, o testemunho informal, é considerado aspecto primordial a ser atentado pelo grupo. A veracidade desta informação foi presenciada por mim inúmeras vezes durante o meu trabalho de campo. Uma de minhas dificuldades residia na possibilidade de não conseguir apenas dialogar com os membros do grupo, mas perceber com muita clareza o empenho conjunto em não apenas responder aos meus questionamentos, como também me doutrinar na Verdade estabelecida. A postura de testemunhar em todo o momento e em todos os lugares, embora não seja contabilizado o número de horas na ficha pessoal dos membros, é considerado parte inerente à vida dos membros. Uma rica experiência foi proporcionada por Anilma, senhora de meia idade que participava ativamente das atividades da congregação na Lagoa. Anilma estava presente em todos os encontros e chegava no Salão antes dos horários das reuniões darem início. Fomos apresentadas logo no início da pesquisa, mas até então não tínhamos conversado. Certa noite, nos encontramos coincidentemente pouco antes de chegar à congregação. Sua primeira pergunta foi: “A Dalva está fazendo estudo bíblico com você?” A pergunta de Anilma revelou, de certa forma, uma tendência mais ou menos geral de abarcamento de membros, onde a tática principal é, após um contato inicial, a prática dos estudos bíblicos na casa do possível interessado, e posteriormente um convite à participação das reuniões. Minha resposta para Anilma foi dada conforme o padrão por mim desenvolvido para as perguntas mais gerais a respeito da minha presença no meio deles. Expliquei

a respeito da pesquisa, quais eram os meus interesses e meus objetivos com o trabalho.

Anilma ouviu-me atentamente, respondendo-me que “outras religiões até são boas”, mas a Verdade (de fato) estava com as Testemunhas de Jeová, pois elas, sim, estudavam profundamente a Bíblia. Esta postura de Anilma revela uma postura mais geral do grupo, de considerar todas as possibilidades de diálogo e situações que envolvam outras pessoas como uma possibilidade de propagação da “Verdade”. O caso de Anilma serve como ilustração pois, mesmo estando dentro do Salão, utilizou a ocasião de uma conversa informal para falar-me a respeito de Jeová. Não foram raras as vezes que pessoas, ao me explicarem aspectos específicos a respeito do grupo, serviam-se desta oportunidade para explicitarem aspectos doutrinários das Testemunhas de Jeová.

O terceiro aspecto a ser abordado, em contraponto ao testemunho informal, o testemunho formal (ou pregação de porta em porta) é também uma ação vital às Testemunhas de Jeová. Este testemunho formal, contabilizado na ficha individual dos membros, é realizado por todos os participantes da comunidade (missionários, pioneiros e publicadores)⁴⁷. Central nas atividades necessárias do grupo, a pregação de porta em porta é a mais conhecida das Testemunhas de Jeová ao redor do mundo. Com um território específico para cobrir, as Testemunhas de Jeová se organizam conforme os territórios que estejam sob sua responsabilidade, saindo para visitar todas as casas de famílias que ali residam. A pregação de porta em porta consiste em bater à porta de uma casa ou ao interfone de um apartamento, apresentando-se ao morador por meio de uma breve conversação.

Esta conversação inicial, muito simulada durante os treinamentos recebidos nas Congregações, tem como base de apoio o livro já referido anteriormente, “Raciocínios à base das Escrituras”. Este livro é um manual que orienta os membros no exercício frente a diferentes situações encontradas em campo. Dá sugestões, por exemplo, de diversos tipos de argumentos para iniciar uma conversa⁴⁸, ou então de

⁴⁷ Para uma classificação mais detalhada da tipologia de atuação missionária, vide capítulo 1.

como refutar argumentos de pessoas que lhes cortam a palavra⁴⁹, e também mais de 70 tópicos sobre os mais diversos temas, polêmicos e cotidianos, contendo o posicionamento das Testemunhas de Jeová⁵⁰

O “campo” das Testemunhas de Jeová provê a eles experiências vivenciais que a meu ver motivam o enriquecimento da elaboração das técnicas de evangelização. Estas experiências, positivas e negativas (e aqui subentende-se aceitá-los ou refutá-los), foram inúmeras vezes relatadas a mim, como parte da construção do que considero um *ethos* missionário.

3.5. Auto-atribuição Vitimizada

O “ir a campo” tem implícito em suas práticas uma valorização de uma espécie de sofrimento que implica na possibilidade de ser negado, refutado e muitas vezes até mesmo rechaçado pelas pessoas abordadas por eles. Elaboram um estilo de missão que denota uma “auto-atribuição vitimizada” como elemento central da prática de campo. Um aspecto deste *ethos* missionário produzido pelas Testemunhas de Jeová consiste, a meu ver, em não ter vergonha da fé que possuem. O que importa para o grupo neste contexto é, sempre, o ponto de vista de Jeová, ser encorajado por Ele e ter o **privilégio** de sofrer por Ele (segundo o grupo, baseado

⁴⁸ Para iniciar uma conversa, eles dão sugestões de diversos assuntos, como “amor/bondade”, “Bíblia”, “emprego/moradia”, “eventos atuais”, etc. No tópico “amor/bondade”, por exemplo, sugerem assim: “Notamos que muitas pessoas estão bastante preocupadas por causa da falta de verdadeiro amor no mundo. Está também? ... Por que acha que é essa a tendência? ... Sabia que a Bíblia predisse essa situação? (2 Tim. 3:1-4). Ela explica também a razão disso.” Outra sugestão é dada para o mesmo tópico: “Eu me chamo _____. Moro nesta vizinhança. Estou fazendo apenas uma breve visita para falar com meus vizinhos sobre algo que me preocupa muito, e tenho certeza que você também já o notou. A bondade não custa muito, mas parece ser tão rara hoje em dia. Já se perguntou alguma vez por que é assim? ... (Mt. 24:12; 1 Jo.4:8)”.

⁴⁹ Também dividido em tópicos, o livro dá sugestões de argumentações para diferentes tipos de refutação. Por exemplo, no tópico “não estou interessado (a)”, sugerem (uma entre várias) uma resposta: “Permita-me perguntar-lhe se quer dizer que não está interessado (a) na Bíblia, ou é na religião em geral que não está interessado (a)? Pergunto isso porque temos encontrado muitas pessoas que antes tinham uma religião, mas não vão mais à igreja por verem tanta hipocrisia nas igrejas (ou: acham que a religião não é outra coisa senão comércio que visa lucros; ou: não aprovam o envolvimento da religião na política, etc.). A Bíblia tampouco aprova tais práticas, e ela fornece a única base em que podemos olhar para o futuro com confiança”.

⁵⁰ Com temas, por exemplo, sobre aborto, adoração de antepassados, aniversários natalícios, feriados, purgatório, sofrimento, Trindade, volta de Cristo, reencarnação, etc.

em Filipenses 1:27-29)⁵¹. Neste contexto, a coragem é o ponto alto, é o valor máximo ressaltado pelo grupo. O ato de testemunhar implica na valorização dessa coragem, e incluso nesta coragem está o sofrer por Jeová, por amá-lo profundamente.

Esta coragem é salientada pelo grupo em diferentes momentos. Uma referência constantemente citada diz respeito à perseguição religiosa sofrida pelo grupo durante o regime nazista na Alemanha. Este movimento de resistência teve papel tão crucial na constituição da identidade vitimizada testemunha-de-jeová que a Instituição elaborou uma fita de vídeo (As Testemunhas de Jeová resistem ao ataque nazista, 1996) que objetivava a divulgação em forma de palestras e ciclos de debate através da anúnciação deste material em escolas e centros de cultura, servindo como material de apoio para professores abordarem a temática em sala de aula. As Testemunhas de Jeová presas nos campos de concentração eram, segundo elas, diferentes dos outros prisioneiros. Primeiro, porque cada uma delas poderia ser liberta do campo de concentração no instante em que assinasse uma declaração renunciando à sua fé. Segundo, porque as Testemunhas de Jeová foram o único grupo religioso a tomar uma postura firme e organizada contra o regime nazista e terceiro, porque denunciaram as atrocidades cometidas pelo regime nazista, mesmo quando estavam proscritas.

Pode-se dizer que, de certo modo, esta auto-atribuição vitimizada remete à postura de resistência na medida em que esta resistência é, na verdade, uma resistência ao mundo e a este “sistema de coisas”. Tornam-se vítimas porque resistem aos ataques espirituais, físicos e culturais recebidos da sociedade. Além desta postura de resistência, o estilo de auto-atribuição vitimizada recorre a argumentos bíblicos para justificar possíveis sofrimentos:

⁵¹ Filipenses 1:27-29: “Somente comportai-vos da maneira digna das boas novas acerca do Cristo, afim de que, quer eu vá e vos veja, quer esteja ausente, eu ouça (falar) das coisas que se referem a vós, de que mantendes firmes em um só espírito, com uma só alma, esforçando-vos lado a lado pela fé das boas novas, e que em nenhum sentido estais sendo menos amedrontados pelos vossos oponentes. Esta mesma coisa é para eles prova de destruição, mas para vós, de salvação; e esta (indicação) é de Deus, porque a vós foi dado o privilégio, a favor de Cristo, não somente de depositardes nele a vossa fé, mas também de sofrerdes a favor dele”.

A Bíblia indica que, nos últimos dias, haveria ‘tempos críticos, difíceis de manejar’ (2 Timóteo 3:1-5). O texto bíblico em grego usa uma expressão que pode ser traduzida ‘ferozes tempos designados’. Portanto, ninguém deve esperar em nossos dias uma vida livre de dificuldades.” (*A Sentinela*, 13/9/1997).

A descrição destes “ferozes tempos designados” nada mais é que o Armagedom, ou seja, período quando os governantes políticos da terra se ajuntarão em oposição a Jeová e a seu Reino. Esta oposição, segundo o grupo, “será evidenciada por uma ação global contra os servos de Jesus na Terra, os representantes visíveis do Reino de Deus” (Proclamadores, p. 44). São através das profecias registradas na Bíblia que as Testemunhas de Jeová passam a acreditar e a elaborar um papel de vítimas, na medida em que crêem que sofrerão perseguições, privações e lutas. O Armagedom e as situações envolvidas (e esperadas) neste evento ajuda a construir junto com fatos anteriores parte da vitimização anexada à identidade testemunha-de-jeová.

Desta forma, a auto-atribuição vitimizada tem sua identidade reforçada também através da construção da esperança na iminência da instauração do reino de Jeová. Os indícios de que o fim está próximo evidenciam situações cotidianas que servem como base para o discurso proferido.

3.6 Razão e Raciocínio

Segundo o costume de Paulo, ele entrou, indo ter com eles, e (...) raciocinou com eles à base das Escrituras, explicando e provando com referências que era necessário que o Cristo sofresse e fosse levantado dentre os mortos (Atos 17:2, 3).

O versículo bíblico acima citado consolida toda a perspectiva que envolve a prática missionária das Testemunhas de Jeová. Um pequeno livro de consulta utilizado por eles no trabalho de campo, “Raciocínios à base das Escrituras”, oferece ao grupo os subsídios teóricos e práticos necessários (no campo da argumentação e no uso da Bíblia) para o reforço de suas principais explicações. O ato de **raciocinar** é o principal convite das Testemunhas de Jeová às pessoas que estejam escutando suas argumentações. Não foram raras as vezes que, ao compartilharem comigo suas experiências de conversão, relatavam-me que ao lerem a Bíblia, passaram a **raciocinar** e a **entender** a Verdade. Logo, o raciocínio é o que dá a eles o respaldo de se declararem detentores da Verdade.

Em sendo bem recebidos nas casas que visitaram e realizaram o trabalho de proselitismo, as Testemunhas de Jeová passam a revisitar essas famílias, buscando já neste momento introduzir alguns pontos doutrinários na conversação, sobretudo, aqueles referentes à proximidade do estabelecimento da “nova ordem”. A ação de revisitar as pessoas tem um significado importante no processo de evangelização das Testemunhas de Jeová, pois é a partir das revisitas que o grupo passa a estabelecer uma **relação** com o visitado, sugerindo que este realize uma subscrição das publicações do grupo (*Despertai!*) e em seguida, que aceite o oferecimento de um estudo bíblico gratuito, objetivo principal deste processo de pregação de porta em porta. Estes estudos bíblicos são ministrados àqueles que demonstraram algum interesse nas publicações e que já tenham sido revisitados. Em geral, são realizados semanalmente na casa da pessoa interessada, sendo guiados por um manual doutrinário que é lido com o apoio de citações bíblicas. O estudo bíblico é componente chave para o entendimento do processo de conversão das Testemunhas de Jeová.

Ao perguntar-lhes sobre o significado de converter-se, ou seja, de tornar-se uma Testemunha de Jeová, me responderam de forma clara e sucinta que a conversão é apenas um passo rumo a um objetivo mais amplo e final, que é o batismo. O primeiro passo para torna-se uma Testemunha de Jeová é ter em **mente** o conhecimento das verdades bíblicas. É **raciocinando** sobre as Escrituras que a pessoa passa a ter clareza e conhecimento sobre as verdades bíblicas aprendidas. Através deste raciocínio à luz da Bíblia, a pessoa **adquire** fé sobre essas verdades,

ou seja, passa a crer naquilo que tem lido, estudado e raciocinado (baseado, segundo eles, em Romanos 10:17)⁵². Depois que adquire a fé, a pessoa deve se arrepender dos pecados cometidos até então, estabelecendo padrões de mudança em sua vida pessoal (modificando o que, segundo eles, desagradava a Jeová). O processo de arrependimento é, segundo eles, processo **vital** à conversão. É somente depois de arrepender-se dos erros cometidos que pode-se dizer que a pessoa é, de fato, convertida. Convertida, a pessoa que deseja se batizar deve, **obrigatoriamente**, realizar serviço de campo por no mínimo seis meses. Mas este não é o momento último. Após este processo, torna-se necessário que a pessoa convertida faça uma “oração de entrega” à Jeová. É uma maneira de formalizar publicamente sua escolha de **dedicação** a Deus. Somente após esta oração de entrega é que a pessoa pode ser batizada. Segundo o grupo, o batismo não contém em si nenhum ato místico. É um ato solene de demonstração pública de sua dedicação. O batismo por imersão total, como é o caso, demonstra simbolicamente que o indivíduo batizado morre para a vida anterior e nasce para uma nova vida, para fazer a vontade de Deus. Somente neste momento é que a pessoa torna-se, de fato, uma Testemunha de Jeová⁵³. É importante notar que este processo de tornar-se uma Testemunha de Jeová não contém na sua prática nenhum elemento que remeta ao aspecto emocional ou mesmo, segundo eles, místico. É uma ação racional, calculada e prevista na prática do grupo. Isto é tão verdade no processo de conversão quanto no momento de decisão de tornar-se um pioneiro. Tornar-se uma pessoa que dedica exclusividade do seu tempo à obra missionária (ou não tornar-se) depende muito mais de aspectos baseados nas circunstâncias do que na experiência mística. É muito mais uma questão de escolha (querer dar mais de si para Jeová) e circunstância (não tornar-se um pioneiro, por exemplo, porque é pai de família) do que uma experiência fruto de um chamado de Deus ou algo semelhante. A racionalidade é aspecto predominante em todos os campos de atuação das Testemunhas de Jeová, inclusive no processo de conversão.

⁵² Romanos 10:17: “De modo que a fé segue à coisa ouvida. Por sua vez, a coisa ouvida vem por intermédio da palavra acerca de Cristo”.

⁵³ É importante notar que, na cerimônia pública do batismo, são realizadas duas perguntas às pessoas ANTES de serem batizadas: 1) À base do sacrifício de Cristo, arrependeu-se de seus pecados e dedicou-se a Jeová Deus para fazer a sua vontade?; 2) Compreende que sua dedicação e seu batismo o identificam como Testemunha de Jeová? Respostas afirmativas indicam que estas pessoas estão preparadas para o batismo.

Outro aspecto que remete à racionalidade testemunha-de-jeová diz respeito à restrição de festas seculares, como por exemplo o natal. Conforme relatam, o nascimento de Jesus foi fixado arbitrariamente em 25 de dezembro para coincidir com uma festividade romana, também pagã. Para construir esta argumentação, baseiam-se em diversos materiais de consulta, retomando aspectos históricos, para dizer: “Os primeiros cristãos não comemoravam o Natal, nem o comemoram hoje as Testemunhas de Jeová, nem participam elas em atividades relacionadas com o Natal” (As Testemunhas de Jeová e a Educação, p. 18). Logo, o grupo adota a mesma posição com relação a outros feriados religiosos, que em diversos países ocorrem durante o ano letivo. “Mas as informações providas (...) dão indicações quanto a que observar no que diz respeito a qualquer feriado, e os princípios bíblicos já considerados fornecem ampla orientação àqueles cujo desejo é fazer primariamente o que agrada a Jeová Deus” (Raciócinios, p. 174).

De forma a unir todos os elementos abordados frutos da prática do treinamento recebido na Congregação, arrisco dizer que o “trabalho de campo” realizado pelo grupo atua no sentido de desenvolver dois movimentos: **atração** e **doutrinação**. O movimento de atração diz respeito à busca de possíveis novos membros. O movimento de deslocamento geográfico e espacial atrai pessoas para dentro do grupo. Este movimento de atração é que os move à prática do bater de porta em porta, ao testemunho informal, à distribuição das revistas, enfim. Podemos dizer que o movimento de atração objetiva a prática da captura de novos membros. O movimento de doutrinação, por sua vez, é o que organiza os resultados obtidos da prática de atração, ou seja, é o que elabora de forma organizada, racional e homogeneizadora a vida e a experiência dos novos membros rumo ao processo de conversão significando, em última análise, o tornar-se de fato uma Testemunha de Jeová.

4. Missão testemunha-de-jeová

O quadro teórico oferecido por Bosch esclarece vários aspectos da missão testemunha-de-jeová que nos auxilia a compreender com clareza o Projeto Missionário das Testemunhas de Jeová. Antes, porém, de considerar os elementos por ele discutidos para avaliar o aspecto missionário do grupo proposto, é necessário pensar que Bosch está referindo-se a todo momento às missões cristãs. Nas páginas anteriores mostrei como, no treinamento recebido, aquela parte dedicada a solidificar os argumentos para as abordagens do trabalho de casa em casa enfatiza a relação individual com Jeová. Ora, essa vinculação explícita a Jeová em princípio desautorizaria pensar a missão testemunha-de-jeová através dos parâmetros propostos por Bosch para as missões cristãs, mesmo porque ela está partindo da idéia de que o conceito de missão está implícito na própria natureza do cristianismo. No entanto, é possível considerar da formulação de Bosch elementos para um tipo ideal que serve de referência para pensar o projeto missionário das Testemunhas de Jeová. É preciso notar, no entanto, que apesar das referências evangelizadoras das Testemunhas de Jeová estarem sempre ligadas a Jeová, são enfáticas em se declarar profundamente cristãs.

O cristianismo das Testemunhas de Jeová, porém, não se ajusta ao cristianismo propriamente dito. A postura testemunha-de-jeová diferencia-se estruturalmente da postura cristã das principais igrejas ou denominações contemporâneas, negando e contrapondo diversos aspectos doutrinários. O principal aspecto (e que em minha opinião é o que vai estabelecer a linha divisória na discussão que estamos propondo), diz respeito à Trindade, ou seja, a concepção que inclui em um único ser o Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, formando juntos um único Deus. Para as Testemunhas de Jeová, por sua vez, a Trindade é um ensinamento anti-bíblico, argumentando não constar na Bíblia nenhum registro que contenha nem a explicação justificando a existência da Trindade nem o termo propriamente dito. Para o grupo, estes três elementos são componentes que estabelecem uma ordem hierárquica, sendo partes diferentes com funções específicas. Jeová Deus é o Pai, soberano e elevado acima de todas as coisas, que recebe o *status* de Todo-Poderoso e que contém em si qualidades

ilimitadas (como poder, amor, justiça e sabedoria). Jesus Cristo, filho de Deus, é o mediador entre Deus e o Homem. Poderoso, porém inferior em cargo e poder e é separado de Jeová Deus, não constituindo com este um único elemento. Já o Espírito Santo não constitui uma pessoa, mas a força ativa de Deus que atua no mundo por intermédio da Sua Palavra.

Outro aspecto é a recusa do ecumenismo que institui uma fronteira com os demais cristãos. Na concepção do grupo, a prática ecumênica torna-se inviável pelo fato de outras religiões não guiarem suas ações exatamente de acordo com a Bíblia. Para as Testemunhas de Jeová, torna-se inviável “associarem-se” a outro grupo religioso que não siga os preceitos exatos em conformidade com a vontade de Jeová. Como base desta argumentação, remontam à passagem bíblica de I Coríntios 1:10: “Exorto-vos agora, irmãos, que por intermédio do nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que todos faleis de acordo, e que não haja entre vós divisões, mas que estejais aptamente **unidos na mesma mente e na mesma maneira de pensar**” (*grifo meu*).

Logo, podemos dizer que o cristianismo proposto pelas Testemunhas de Jeová estabelece um universo simbólico e de ações que institui um domínio da Verdade diferente do cristianismo, que prevê o ecumenismo como prática viável e amplamente aceita. Isto é tão real que o livro “Raciocínios à base das Escrituras” utiliza a seguinte argumentação:

A Bíblia não concorda com o conceito moderno de que existem muitas maneiras aceitáveis de se adorar a Deus. Efésios 4:5 diz que ‘há um só Senhor, uma só fé’. Jesus declarou: ‘Estreito é o portão e apertada a estrada que conduz à vida, e poucos são os que o acham (...)’. Repetidas vezes as Escrituras referem-se ao conjunto dos ensinamentos cristãos verdadeiros como a ‘verdade’, e o cristianismo é mencionado como o ‘caminho da verdade’ (...). Em razão de as Testemunhas de Jeová basearem na Bíblia todas as suas crenças, normas de conduta e procedimentos organizacionais, sua fé na própria Bíblia como sendo a Palavra de Deus lhes dá a convicção de que possuem realmente a verdade. Assim, sua posição não é egoística, mas demonstra confiança na Bíblia como o padrão certo pelo qual se pode avaliar a religião a que a

pessoa pertence. Não são egocêntricas, antes, têm vivo desejo de partilhar suas crenças com outros (Raciocínios, p. 388).

Logo, o fato de avaliarem conforme o seu padrão (que na sua concepção, é o correto) as diferentes religiões a que pertencem as pessoas, excluem qualquer possibilidade de diálogo com outros grupos no sentido de buscar um patamar comum. Não há possibilidade de flexibilização de seus princípios e de sua verdade. Não há encontros possíveis, a menos que os outros venham até eles. O cristianismo das Testemunhas de Jeová caminha à margem da perspectiva cristã predominante não somente pelo aspecto doutrinário (e aqui sugiro não somente a discordância sobre a Trindade, mas sobre a alma e o inferno), mas também pela forma como estabelecem relações de auto-exclusão com os outros grupos.

Esta discussão doutrinária sobre a imortalidade da alma, assim como do tormento eterno, são consideradas pelo grupo doutrinas pagãs que se infiltraram no cristianismo. Para muitos grupos religiosos, “alma” significa a parte imaterial ou espiritual de um ser humano, que sobrevive à morte do corpo físico. Para as Testemunhas de Jeová, a alma humana não é imortal.

‘A crença de que a alma continua sua existência após a dissolução do corpo é um assunto de especulação filosófica ou teológica e não de simples fé, e concordemente, não é expressamente ensinada em parte alguma da Escritura Sagrada’ – *The Jewish Encyclopedia (1910)*. (Raciocínios, p. 34).

Já com relação ao tormento eterno, o grupo argumenta que

A palavra ‘inferno’ se encontra em muitas traduções da Bíblia. Nos mesmos versículos, outras traduções rezam ‘a sepultura’, ‘o mundo dos mortos’, e assim por diante. Outras versões da Bíblia simplesmente transliteram as palavras da língua original, que são às vezes traduzidas

por ‘inferno’, isto é, expressam-nas com letras do nosso alfabeto, mas deixam as palavras sem tradução. Que palavras são estas? A palavra hebraica *she’óhl* e seu equivalente em grego *hai-des* não se referem a um lugar individual de sepultamento, mas à sepultura comum da humanidade morta; também a palavra grega *gé-en-na*, que é usada como símbolo da destruição eterna. (Raciocínios, p. 191).

Desta forma, acreditam que muitas compreensões errôneas foram causadas por erros de tradução de alguns termos específicos. Por isso, crêem que os justos vão para a vida, e os ímpios para o decepamento, ou seja, serão cortados da vida para a morte.

Estabeleci esta discussão e diferenciação da perspectiva cristã missionária sugerida por Bosch em comparação à perspectiva das Testemunhas de Jeová para delimitar um aspecto importante deste debate. Estou considerando as missões cristãs propostas por Bosch como “tipos ideais” que servem como modelos de análise na reflexão proposta. Passo a utilizar, então, alguns elementos conceituais da missão cristã sugerida por Bosch na análise da prática do grupo proposto por considerar que estes elementos se aplicam em muitos aspectos à prática missionária das Testemunhas de Jeová, na medida em que são identificadas características indicadas como sendo da missão cristã tradicional. Por outro lado, também considero o fator da auto-identificação do grupo, ao referirem-se como “detentores” do cristianismo verdadeiro da Bíblia, em oposição ao termo “cristandade”, referido ao cristianismo professo.

Como nossa atenção está voltada ao aspecto missionário das Testemunhas de Jeová, as concepções sugeridas por Bosch abrem caminhos importantes para a reflexão proposta. O primeiro aspecto diz respeito ao valor intrinsecamente missionário da fé cristã. A prática missionária das Testemunhas de Jeová tem uma característica persuasiva muito forte, na medida em que consideram como sendo unicamente válidos os valores e doutrinas estabelecidas e seguidas por eles. Dizer que a fé cristã é intrinsecamente missionária significa reconhecer o caráter proselitista da prática do grupo. Este proselitismo torna-se persuasivo na prática do testemunho formal (batendo de porta em porta e convencendo as pessoas com base

em excelente capacidade argumentativa) e do testemunho informal, quando conversam com outras pessoas de forma descontraída e inesperada sobre sua fé e crenças. Outro aspecto a ser considerado é que a missão testemunha-de-jeová propõe um relacionamento do indivíduo que está sendo evangelizado com o divino, com Jeová Deus. A proposta missionária do grupo sugere um estilo de vida que modifique práticas ilícitas anteriores, incluindo nesta modificação um processo de contato direto e dinâmico entre Deus e o indivíduo. Outro ponto importante diz respeito à caracterização da Igreja Cristã como existência missionária. Bosch sugere que isto se dá não através da proclamação universal do evangelho, mas através da universalidade do evangelho que a igreja proclama. No caso das Testemunhas de Jeová, a caracterização missionária se dá não somente através da universalidade do evangelho que prega, mas muito mais através da universalidade de um modo de vida muito específico, de um padrão de conduta que rege suas ações, homogeneizando o grupo. No processo missionário testemunha-de-jeová, o entendimento da construção de estruturas de plausibilidade (enquanto mantenedora de coerência e significados da realidade proselitista) é que vai oferecer elementos clarificadores da prática missionária do grupo.

Quando me refiro à missão testemunha-de-jeová, penso que há o estabelecimento do limite de sua prática missionária à prática proselitista, ou seja, a busca incessante de uma conversão não somente a Jeová Deus, mas a um modo de vida específico, que inclui regras determinadas, valores compartilhados, condutas e visões de mundo que elaboram a identidade testemunha-de-jeová. Uma prática proselitista que não inclui outros espaços nem outras vivências que não sejam determinadas pelo grupo.

Se estou partindo do princípio de que a prática missionária testemunha-de-jeová é realizada através de uma densa atuação proselitista, e considerando que este proselitismo requer a prática continuada de um treinamento que reivindica para si tempo e dedicação, pode-se dizer, então, que este treinamento atua como um dispositivo disciplinador na dinâmica testemunha-de-jeová

O treinamento, enquanto englobador de diversos dispositivos disciplinares, é que oferece à Instituição a constituição de uma estrutura de plausibilidade para as Testemunhas de Jeová. Diversos elementos passam a ser utilizados na elaboração

desta estrutura de plausibilidade. A noção de tempo por eles elaborada é uma categoria central para o grupo, na medida em que organiza uma série de práticas e eventos. A espera pela chegada do milênio e o estabelecimento do Reino de Jeová na Terra, a contagem de horas investidas na prática proselitista, o tempo cronometrado durante as reuniões e uma atenção cuidadosa em otimizar as atividades cotidianas no intuito de gastar o tempo com coisas do Reino (e não com as coisas deste “mundo”) mostra o tempo como uma verdadeira tecnologia disciplinar, na medida em que ordena e nomeia toda a prática do grupo. Logo, sugiro que o tempo é uma estrutura de plausibilidade e que, enquanto tecnologia disciplinar, coordena a ação do grupo a uma homogeneização que submete toda ação individual à ordenação da Instituição.

Esta homogeneização, identificada também na escrita e na iconografia elaborada pelo grupo produz, conforme mostrei anteriormente, sugere uma padronização do imaginário coletivo. São as imagens e os textos que passam, então, a estabelecer como critério o que deve ser pensado, o que deve ser lido, o que deve ser experienciado e sentido por um indivíduo Testemunha de Jeová e o que deve ser dito para si e para os outros. São as imagens que sugerem um “estilo de ser” Testemunha de Jeová e são os textos que tem por função padronizar o discurso e o pensamento do grupo, principalmente se considerarmos que uma publicação da revista *A Sentinela* ou *Desperta!* é impressa e divulgada no mundo inteiro na mesma semana e contendo os **mesmos** artigos e imagens. Este é um dos fatores de construção, ao meu ver, da homogeneização do estilo testemunha-de-jeová de ser. Sugiro, então, que a escritura e a iconografia testemunha-de-jeová também constróem a estrutura de plausibilidade em que se prestam a um reforço constante da Verdade, dos valores e do estilo aceito e acatado pelo grupo.

Vale notar que o que está em jogo nesta estrutura de plausibilidade não é somente o reforço contínuo do estabelecimento de uma homogeneização do grupo, mas uma prática “terapêutica”, conforme sugere Berger (1997), ou seja, o que está em jogo são também práticas organizadas pela Instituição destinadas a silenciar dúvidas e à prevenção de lapsos de convicção. É a Instituição Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados que pretende para si o domínio da elaboração da estrutura de plausibilidade testemunha-de-jeová.

Acredito, então, que é válido, tendo em vista o quadro apresentado, elaborar um conceito de missão das Testemunhas de Jeová. O que, afinal, é missão para as Testemunhas de Jeová, para além de sua própria definição? Uma resposta adequada a esta pergunta exige um conceito provisório. Tão provisório quanto o conceito de Bosch, na medida em que ainda há diversos elementos a serem explorados devido à ambigüidade do termo e da prática, que esta pesquisa de mestrado não tem pretensão de dar conta.

A missão testemunha-de-jeová é uma prática sistematizada pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados que visa a condução das atividades de seus membros à uma disciplinarização de suas ações. Esta disciplinarização tem como fim último a diligência de seus membros à prática proselitista. Mas não somente. É esta disciplinarização que dá à Instituição a legitimidade do domínio de espaços, formas, narrativas e identidades individuais. Estas identidades individuais passam então a assumir a identidade da Organização que, para manter o controle sobre esta disciplinarização, elabora estruturas de plausibilidade que visam reforçar a visão de mundo por ela determinada. É a partir dos elementos pertencentes a esta estrutura de plausibilidade que as Testemunhas de Jeová reforçam sua identidade enquanto grupo e se mostram ao “mundo” como detentores de uma Verdade absoluta que deve, necessariamente, ser divulgada.

Esta provisória definição da missão testemunha-de-jeová nos faz refletir sobre o parecer do grupo a respeito do uso da Internet. Diversos artigos foram elaborados para fins de divulgação a respeito do uso da Internet. São reflexões que estimulam um olhar crítico a respeito do uso deste ambiente virtual, e atentam para os diversos perigos gerados por este uso. Baseada na definição de missão sugerida anteriormente, acredito que seja relevante pensar a prática do uso da Internet (melhor dizendo, o seu “quase-uso”) e entender como, aplicada ao conceito de missão testemunha-de-jeová, se aplica ao conceito elaborado.

Uma âncora argumentativa utilizada pela Instituição remete à racionalidade no que refere-se ao uso do tempo e do dinheiro: “Calculou o custo do equipamento e dos programas *versus* sua real necessidade? (vide Lucas 14:28)”; ou então: “Quanto tempo levará para instalar e aprender a usar os instrumentos para navegar na

Internet?” (*Desperta!*, 22/07/97). Vejamos parte de um outro artigo que elucida esta argumentação:

Neste século 20, a vida tem-se tornado cada vez mais complicada. Muitas invenções que beneficiaram a alguns acabaram se transformando em desperdiçadoras de tempo para muitos. Além disso, programas de TV imorais e violentos, livros pornográficos, música degradante, e assim por diante, são exemplos de tecnologias mal-utilizadas. Além de consumirem tempo precioso, prejudicam espiritualmente as pessoas. Naturalmente, a prioridade máxima do cristão são os assuntos espirituais, tais como ler a Bíblia todos os dias e assimilar bem as inestimáveis verdades bíblicas explicadas nas revistas *A Sentinela* e *Desperta!* e em outras publicações da Sociedade Torre de Vigia. Benefícios eternos resultarão, não de surfar na Internet, mas de usar seu tempo para assimilar conhecimento do único Deus verdadeiro e de seu Filho, Jesus Cristo, e aplicá-lo zelosamente. – João 17:3; veja também Efésios 5:15-17. (Ibid., p.13).

Vale notar que não somente a racionalidade no uso e otimização do tempo é abordada no texto, mas também referências que conduzem o leitor à uma busca do conhecimento e das **verdades bíblicas** que são encontradas em nenhum outro lugar senão nas revistas e nas publicações da Sociedade Torre de Vigia. Não só o uso do tempo é valorizado, mas principalmente o estabelecimento do limite que conduz o membro da Instituição ao lugar de encontro da Verdade, que é determinado pela Instituição. Isto vem revelar, em certo sentido, a reivindicação da Instituição de domínio na construção da estrutura de plausibilidade, na medida em que estabelece ao indivíduo onde e como encontrar a verdade. Verdade esta que é elaborada pela Instituição.

A construção deste limite revela-se a partir do momento em que, ao reconhecer relativa importância quanto ao uso e impacto da Internet na sociedade atual, a Instituição estabelece um *site* na Internet no sentido de oferecer informações **exatas** sobre as crenças e as atividades das Testemunhas de Jeová.

Nossa página (site) na Web não tem por objetivo lançar novas publicações, mas tornar disponíveis ao público as informações em formato eletrônico. Não há necessidade de ninguém preparar páginas na Internet sobre as Testemunhas de Jeová, sobre nossas atividades ou crenças. Nossa página oficial apresenta informações exatas para quem as desejar. Embora nossa página não tenha provisão para mensagens eletrônicas (*e-mail*), alista endereços de correspondência das filiais e congêneres em todo o mundo. Dessa forma, as pessoas podem escrever para obter mais informações ou receber ajuda pessoal de Testemunhas de Jeová localmente. Sinta-se à vontade para fornecer o endereço acima citado da Internet a quem esteja disposto a começar a aprender a verdade bíblica usando esse meio.(Nosso Ministério do Reino, novembro/1997).

Desta forma, cria-se um novo espaço, ainda que virtual, e é sobre este espaço que surge uma nova busca da prática de domínio. Diante de um mundo virtual nada ordenado, a única possibilidade de estabelecer ascendência é reivindicar para si o domínio das informações divulgadas.

É interessante notar que a Sociedade Torre de Vigia percebe-se não somente como detentora de domínios e estruturas de plausibilidade, mas também de identidades. As Testemunhas de Jeová desenvolvem em seu discurso uma argumentação que revela relativo temor frente à Internet. Uma dessas argumentações diz respeito à questão da identidade, considerando o fato de que há grande preocupação em relacionar-se com uma falsa Testemunha de Jeová. Como reforço desta argumentação, alertam quanto ao uso das salas de bate papo e dos grupos de discussão:

Você convidaria um estranho à sua casa sem primeiro descobrir quem ele é? E se não houvesse meios de descobrir? Deixaria que ele ficasse sozinho com seus filhos? Não há dúvida de que isso pode acontecer na Internet. É possível enviar e receber mensagens eletrônicas de pessoas que você não conhece. O mesmo acontece quando você participa de conversas pelo computador, num fórum ou num *chat room* (sala de bate-papo). Os participantes talvez digam que são Testemunhas de Jeová, mas

muitas vezes não são. Alguém pode mentor sobre a idade ou até sobre o sexo. As informações talvez lhe sejam passadas na forma de experiências ou comentários sobre nossas crenças. Essas informações são passadas a outros que, por sua vez, também as passam adiante. Geralmente, não há como confirmar as informações, que podem ser inverídicas. Os comentários podem servir de fachada para divulgar idéias apóstatas. (Nosso Ministério do Reino, nov/1999).

A reivindicação da Instituição sobre a identidade individual do membro Testemunha de Jeová se dá principalmente através de duas formas: a proibição de narrativas individuais, que são substituídas pelo discurso unitário da Sociedade frente ao mundo secular e a orientação de evitação do indivíduo frente às coisas deste mundo, oferecidas pela Internet:

É necessária extrema cautela no uso da Internet (...). É verdade que existem muitas fontes úteis na rede, como bibliotecas, livrarias e canais noticiosos. Por exemplo, a Sociedade Torre de Vigia (dos EUA) recentemente anunciou seu próprio endereço mundial na rede (...) que serve para fornecer informações corretas a respeito das Testemunhas de Jeová. Ainda assim, deve-se reconhecer que existem influências extremamente prejudiciais na Internet, incluindo pornografia e apostasia. O cristão deve ter em mente o conselho de Paulo: 'Isto, portanto, digo, e dou testemunho no Senhor, que não mais andeis assim como também as nações andam na improficuidade das suas mentes... Tendo ficado além de todo o senso moral, entregaram-se à conduta desenfreada para fazerem com ganância toda sorte de impureza. Mas vós não aprendestes que o Cristo seja assim'. (Efésios 4:17-20). (...) É preciso saber que muitos sites na Internet foram criados por pessoas de intenções imorais ou desonestas. E muitos sites que talvez não sejam imorais ou desonestos, como os grupos de bate-papo, são pura perda de tempo. Fique longe de tudo isso! (Desperta!, 8/01/1998).

A anulação da identidade individual significa também o estabelecimento de uma relação de separação com o “mundo”:

Quando vamos ao Salão do Reino, não há dúvida de que estamos com nossos irmãos. Nós os conhecemos. Ninguém exige prova disso porque o amor fraternal demonstrado ali deixa isso claro. Não temos de apresentar credenciais para provar que realmente somos Testemunhas de Jeová. É no Salão do Reino que encontramos o verdadeiro intercâmbio de encorajamento mencionado por Paulo em Hebreus 10:24,25. Não podemos esperar isso nos *sites* da Internet, que incentivam a associação *on line*. Ter em mente as palavras do Salmo 26:4,5 pode fazer com que fiquemos atentos as perigos facilmente encontrados nos *sites* da Internet. (Ibid., p. 3).

Separar-se do “mundo” e distanciar-se da Internet, na medida em que esta não oferece alternativas e mecanismos de ordenação, domínio e controle, ou seja, é vista como livre e indisciplinável, possibilita a elaboração de mecanismos de ordenação produzidos pela Sociedade Torre de Vigia que visam a construção de estruturas de plausibilidade que reforçam as visões de mundo compartilhadas pelo grupo, possibilitando que as Testemunhas de Jeová se apresentem ao “mundo” através de uma única prática: a prática proselitista.

Considerações Finais

Considerações Finais

Falei, aqui, das Testemunhas de Jeová. Tentei aproximar ao máximo através do meu texto o leitor do grupo estudado, relatando experiências de campo e percepções que acredito revelar, em certa medida, elementos essenciais que fazem parte da vivência testemunha-de-jeová e que acabam por determinar e delimitar sua prática de trabalho proselitista.

Por tempos, durante esta pesquisa, tive dificuldade em identificar os reais motivos que levam o grupo a um “quase-uso” da Internet. Encontrei dificuldades também em acessar meus informantes com relação ao seu uso cotidiano da Internet. Afinal, neste contexto eu não poderia negar que eles são também “indivíduos-no-mundo”, e de certa forma muito bem socializados e contextualizados. Mas o fato é que a Internet, assim como outros meios de comunicação, é vista por eles assim como determina a Instituição: como fonte de informação e como via de acesso a um objetivo que tem um fim último. Seja ele qual for, não diz respeito à sociabilidade e muito menos ao trabalho proselitista. Mais, é visto como perigoso para sua moralidade e fé.

A diferença, dada pelo contraste, no uso dos meios de comunicação de massa com relação a outros grupos religiosos vem demonstrar o forte investimento das Testemunhas de Jeová na produção escrita e no contato pessoal. Enquanto diversos pesquisadores (como por exemplo Montero, 1986) apontam para o fato de que diferentes grupos religiosos estão revendo seus princípios e modelos de atração – lançando-se na “aventura” do *ciberespaço* -, as Testemunhas de Jeová por sua vez têm historicamente revisto suas técnicas de atração para investir somente no trabalho individual e, como dizem, no “corpo a corpo”. O grupo nega o uso da televisão, do rádio e da Internet como meio possível de propagação de suas crenças, investindo massivamente no aprimoramento de técnicas de abordagem pessoal, através do treinamento que visa como fim último a prática proselitista.

Uma peculiaridade da comunicação testemunha-de-jeová reside no fato de, ao mesmo tempo em que investem em um denso e exclusivo contato pessoal, comunicam-se com o “mundo” assumindo a face da Instituição. Não há espaço, no contexto considerado, para narrativas individuais e nem espaços para outras vivências que não aquelas determinadas pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. As vozes e as mensagens que saem da boca de todas as Testemunhas de Jeová espalhadas pelo mundo não são um conjunto de mensagens individuais que acabam por formar, coincidentemente, um todo coerente. Pelo contrário, essa coerência no discurso e a forte homogeneização presenciada em campo é resultado de um esforço continuado da Instituição, que reivindica para si todas e quaisquer possibilidades de formatação de narrativas individuais, padronizando o discurso proferido pelos seus indivíduos e estabelecendo os critérios de comunicação- entre si e com o mundo.

A instituição assume voz ativa, apresentando-se para o grupo enquanto uma identidade “antropomórfica” (cf. Montenegro, 1996). É a organização que “diz”, é a organização que “pede”, é a organização que “pensa”. É também a organização que acaba por estabelecer as formas e as estratégias de atração e convencimento do “mundo”. Mas não somente. É também a Instituição quem cria, sustenta e reforça diferentes práticas e concepções elaboradas pelo grupo através de tecnologias disciplinares que reforçam os valores e as identidades compartilhadas.

Logo, quando estou abordando a temática da missão testemunha-de-jeová, estou estabelecendo o limite desta prática à prática proselitista, ou seja, a busca incessante de uma conversão não somente a Jeová Deus mas a um modo de vida específico que envolve uma série de regras, condutas, valores morais e visões de mundo que determinam e constroem a identidade testemunha-de-jeová. Considero também que, em sendo a prática missionária testemunha-de-jeová uma prática proselitista, é esta prática que demanda uma elaboração continuada de um treinamento que reivindica para si tempo e dedicação. Considerarei, a partir de dados etnográficos, que este treinamento que visa o aprimoramento de técnicas proselitistas atua para o grupo como uma tecnologia disciplinadora, nos termos propostos por Foucault (1977; 1979). Esta reflexão foi enriquecedora para nossa análise, na medida em que passei a considerar que diferentes práticas e concepções

elaboradas pelo grupo são determinadas por um rígido controle sobre a produção de um regime de verdade mantenedor da vida Testemunha de Jeová. O grupo caminha conforme estruturas cognitivas elaboradas e pré-estabelecidas pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. É interessante notar que o processo disciplinar se realiza em nome da expectativa de eficiência do proselitismo. E é assim que a disciplina se auto alimenta.

São estes elementos do treinamento que dão a eles um preparo teológico-doutrinário-argumentativo para suas “idas a campo”. É durante estes treinamentos que as Testemunhas de Jeová estudam, falam, ouvem, lêem e se equipam para encararem, preparadas, o trabalho proselitista. Mas todos os elementos preparatórios contidos neste treinamento que visa o trabalho proselitista são energizados pela possibilidade iminente da volta do Reino de Jeová. A concepção de tempo das Testemunhas de Jeová é organizada a partir de uma “espera-esperança” que acaba por gerar no grupo uma consciência de tempo urgente., estimulada pela iminência da vinda. Esta “espera-esperança” almejada e não concretizada se constitui, da mesma forma, em seu triunfo. A utopia milenarista das Testemunhas de Jeová se baseia não nas realizações das profecias, mas na esperança que dá a eles novos significados, gerando no grupo estímulo, renovação da própria esperança e reforço dos valores estabelecidos.

Procurei mostrar que os três elementos que abordei nesta pesquisa são diferentes e não são igualmente considerados em termos metodológicos. Enquanto a temática das novas tecnologias, (especificamente a abordagem da Internet) serviu como um recurso metodológico de acesso ao estilo de missão testemunha-de-jeová, a temática do milenarismo teve um papel diferente, servindo para compreender a configuração da cosmovisão do grupo e o sentimento de urgência que os impulsiona à prática proselitista. Já a noção de indivíduo clarificou as relações das Testemunhas de Jeová com a Instituição, detentora e criadora de valores e regras de conduta. Detentora e criadora, também, de um estilo missionário.

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

ASSMANN, Hugo. **A Igreja Eletrônica e seu Impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.

BARABAS, Alicia M. **Utopias Índias: Movimientos Sociorreligiosos em México**. México: Editora Grijalbo, 1987.

BELLOTTI, Karina Kosicki. **Uma Luz Para o Seu Caminho: A Mídia Presbiteriana no Brasil no Caso de “Luz Para o Caminho” (1976-2001)**. In: V Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, 2003, Juiz de Fora.

BERGER, Peter L. **Rumor de Anjos: A Sociedade Moderna e a Redescoberta do Sobrenatural**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

BORNHOLDT, Suzana R. Coutinho. **Internet, Saúde e Religião: Uma Nova Abordagem**. Congreso Virtual de Antropología y Arqueología (Naya). Grupo Temático “Religião”. outubro 2002. Disponível em: http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/suzana_coutinho_bornholdt.htm Acesso em: 01 dez. 2003.

BORNHOLDT, Suzana R. Coutinho. **Internet e as Novas Demarcações do Campo Missionário**. In: V Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, 2003, Juiz de Fora.

BOSCH, David. J. **Missão Transformadora: Mudanças de Paradigmas na Teologia de Missão**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

CAIRNCROSS, Frances. **O Fim das Distâncias: Como a Revolução nas Comunicações Transformará Nossas Vidas**. São Paulo: Nobel, 2000.

CONSORTE, Josildeth Gomes; NEGRÃO, Lísias Nogueira. **O messianismo no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FFLCH/USP-CER, 1973

COUTINHO, Suzana Ramos. **Jesus On Line: Comunidades Religiosas e Conflitos na Rede**. 2000. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELFINI, Ana Cláudia. **Além da Razão: As representações do sagrado no processo da modernização**. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DICKIE, Maria A. D. **Afetos e Circunstâncias: Um Estudo sobre os Mucker e Seu Tempo**. 1996. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DICKIE, Maria A. D. Milenarismo em contexto significativo: os mucker como sujeitos. **Antropologia em Primeira Mão**. Periódico editado pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1998.

DIZARD, Wilson. **A Nova Mídia: A Comunicação de Massa na Era da Informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

DUMONT, Louis. **O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000.

ELIAS, Norbert. **Sobre El Tiempo**. Fondo de Cultura Económica: México, 1989.

FAILLACE, Sandra T. Testemunhas de Jeová. In: LANDIM, Leilah (org.) **Sinais dos Tempos: Diversidade Religiosa no Brasil**. Rio de Janeiro: Cadernos do ISER n. 23, 1990.

FLORA, Ângela D. **Tempo e Milenarismos Contemporâneos: Ano 2000, Consciência de Tempo e Identidade**. Santa Catarina: UFSC, 2001. (Relatório Final PIBIC/UFSC).

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Forense, 1970.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber: Aproximações e Contrastes. **Miniweb**. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/historia/artigos/maspoli.pdf> > Acesso em: 15/01/2004.

GOUVEIA, Eliane Hojaij. Comunidades Eletrônicas de Consolo. **Ciências Sociais e Religião/Ciencias Sociales y Religión**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 115-129, 2º sem. 1999.

GUIMARÃES, Mário José L. **Etnografia em Ambientes de Sociabilidade Virtual Multimídia**. In: X Ciclo de Estudos sobre o Imaginário- Imaginário e Cibercultura, 1998, Recife.

GUIMARÃES, Mário José L. **O Ciberespaço como Cenário para as Ciências Sociais**. In: IX Congresso Brasileiro de Sociologia, 1999, Porto Alegre.

GUIMARÃES, Mário José L. **Vivendo no Palace: Etnografia de um Ambiente de Sociabilidade no Ciberespaço**. 2000. 148f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) –Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

HOLDEN, Andrew. **Jehovah's Witnesses: portrait of a contemporary religious movement**. London: Routledge, 2002.

JUNGBLUT, Airton Luis. **Nos chats do Senhor: Um Estudo Antropológico sobre a Presença Evangélica no Ciberespaço Brasileiro**. 2000. 319 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LANTERNARI, Vitorio. **As Religiões dos Oprimidos: Um Estudo dos Modernos Cultos Messiânicos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

LEACH, Edmund R. **Repensando a Antropologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

LÉVY, Pierre. **O que é Virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEWGOY, Bernardo. **Etnografia da Leitura e Fala num Grupo de Estudos Espírita**. In: VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, 1998, São Paulo.

LIMA, Venício A. de. **Mídia, Teoria e Política**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.

MARIANO, Ricardo. O Futuro não Será Protestante. **Ciências Sociais e Religião/Ciencias Sociales y Religión**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, 2º sem. 1999.

MARRAMAIO, Giacomo. **Poder e Secularização: As Categorias do Tempo**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

MIRANDA, Mário de França. **O Cristianismo em Face das Religiões**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MONTENEGRO, Sílvia Maria. **Esperando o Milênio: Proselitismo, Cosmologia e Linguagem entre as Testemunhas de Jeová**. 1996. 153f. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MONTERO, Paula; Della Cava, Ralph. A Igreja Católica e os Meios de Comunicação de Massa. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 13/3, p. 63-74, 2º sem.1986.

O'DEA, Thomas F. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.

PESSINATTI, Nivaldo Luiz. **Políticas de Comunicação da Igreja Católica no Brasil**. Petrópolis, RJ:Vozes; São Paulo:Unisal, 1998.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 13, n.º 37, jun. 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

QUEIROZ, Renato da Silva. **A Caminho do Paraíso: O Surto Messiânico-Milenarista do Catulé**. São Paulo: FFLCH/USP, CER, 1995.

RIBEIRO, José C.S. Um Breve Olhar Sobre a Sociabilidade no Ciberespaço. In: LEMOS, A. PALÁCIOS, M. **As Janelas do Ciberespaço**. Porto Alegre: Sulinas, 2001.

RODRIGUES, José Carlos. Comunicação de Massa, Cultura e Poder. **Antropolítica**, Niterói, n.4, p.7-18, 1º sem.1998.

ROSSI, Luiz Alexandre S. **Messianismo e Modernidade: Repensando o Messianismo a partir das Vítimas**. São Paulo: Paulus, 2002.

SANTOS, Almir Abreu. **Os Testemunhas de Jeová: Uma Análise de Alguns Aspectos Simbólicos Relativos a Ideologia do Grupo**. 1977. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SIGNORE, Mario. Max Weber: Ética Religiosa e Racionalidade Moderna. In: PENZO, Giorgio; GIBELINI, Rosino (Orgs.). **Deus na Filosofia do Século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

SILVA, Geoval Jacinto da. O Processo de Globalização e a Missão – Implicações bíblico-teológicas e pastorais. In: SATHLER-ROSA, Ronaldo (Org.). **Culturas e Cristianismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SILVA, Lúcia O. A Internet - A Geração de um Novo Espaço Antropológico. In: LEMOS, A. PALÁCIOS, M. (Orgs.) **As Janelas do Ciberespaço**. Porto Alegre: Sulinas, 2001.

THOMPSON, John B. **A mídia e a Modernidade: Uma Teoria Social da Mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TROELTSCH, Ernst. Igreja e Seitas. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n.º 14/3, p. 134-144, 1987.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação: Da Teoria ao Trabalho de Campo**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

XEXÉO, Geraldo. **Memória: O Nascimento da Internet**. Revista Ciência Hoje. Rio de Janeiro, vl. 33, n. 194, p. 78-79, junho de 2003.

Referências Bibliográficas produzidas pelas Testemunhas de Jeová

A SENTINELA. **Todas as religiões agradam a Deus?** São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, vl. 117, n.º 18. 15 set. 1996.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Internet – Convém a você? **Desperta!**. p. 3-13. 22 jul. 1997. Watchtower Library 2001 – Edição em português. São Paulo, n.º 1, 2001. CD ROM

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Tenhamos bem em mente o dia de Jeová. **A Sentinela**. 1 set. 1997. p. 19-24. Watchtower Library 2001 – Edição em português. São Paulo, n.º 1, 2001. CD ROM

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Quem Sobreviverá ao “Dia de Jeová”? **A Sentinela**. São Paulo: vl. 118, n.º 18, p.16-20. 15 set. 1997.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Ansiedade causada pela informação. Como o afeta? **Desperta!**. p. 3-12. 08 jan. 1998. Watchtower Library 2001 – Edição em português. São Paulo, n.º 1, 2001. CD ROM

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. À espera com expectativa ansiosa. p. 15-20. In: **A Sentinela**. 15 set. 1998. Watchtower Library 2001 – Edição em português. São Paulo, n.º 1, 2001. CD ROM

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Os jovens perguntam... como evitar os perigos da Internet? **Desperta!**. p. 19-21. 22 jan. 2000. Watchtower Library 2001 – Edição em português. São Paulo, n.º 1, 2001. CD ROM

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Mantende-vos Vigilantes!. p. 9-13. In: **A Sentinela**. 15 jan. 2001. Watchtower Library 2001 – Edição em português. São Paulo, n.º 1, 2001. CD ROM.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Agora, mais do que nunca, fique desperto! **A Sentinela**. São Paulo: vl. 124, n.º 1, p.8-22. 1 jan. 2003.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Por que celebrar a Refeição Noturna do Senhor? **A Sentinela**. São Paulo, vl. 124, n.º 4, p. 12-22. 15 fev. 2003.

A SENTINELA. **A Última Ceia: O Seu significado**. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíbias e Tratados, vl. 124, n.º 7. 1 abr. 2003.

A ORGANIZAÇÃO que leva o Nome. Produção da Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania / Sociedade Torre de Vigia de Bíbias e Tratados. Nova Iorque/São Paulo. 1998. 1 fita de vídeo (45 min.), VHS, son., color.

AS TESTEMUNHAS de Jeová resistem ao ataque Nazista. Produção da Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania / Sociedade Torre de Vigia de Bíbias e Tratados. Nova Iorque/São Paulo. 1996. 1 fita de vídeo (28 min.), VHS, son., color.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Raciocínios à base das Escrituras**. Livro. São Paulo, 1985, 445 p.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Proclamadores do Reino de Deus**. Livro. São Paulo, 1993, 750 p.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Beneficie-se da Escola do Ministério Teocrático**. Livro. São Paulo, 2001, 288 p.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **“Venha o teu Reino!”**. Livro. São Paulo, 1981, 190 p.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **As Testemunhas de Jeová e a Educação**. Brochura. São Paulo, 1995, 31 p.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Nosso Ministério do Reino**. São Paulo, nov/1999, 8 p.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Nosso Ministério do Reino**. São Paulo, set /1997, 4 p.